

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS – ICS  
CENTRO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO SOBRE AS AMÉRICAS –  
CEPPAC  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS COMPARADOS SOBRE  
AS AMÉRICAS

Terezinha Lúcia Santin

**MULHERES MIGRANTES EM ASUNCIÓN (PARAGUAI): CAMINHOS E  
DESCAMINHOS NOS TRAJETOS DE EMPODERAMENTO**

Brasília, junho 2014

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS – ICS  
CENTRO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO SOBRE AS AMÉRICAS –  
CEPPAC  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS COMPARADOS SOBRE  
AS AMÉRICAS

Terezinha Lúcia Santin

**MULHERES MIGRANTES EM ASUNCIÓN (PARAGUAI): CAMINHOS E  
DESCAMINHOS NOS TRAJETOS DE EMPODERAMENTO**

Dissertação apresentada ao Centro de  
Pesquisa e Pós-Graduação sobre as  
Américas como parte dos requisitos para  
obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Lília Gonçalves  
Magalhães Tavolaro

Brasília, junho 2014

Santin, Terezinha Lúcia.

Mulheres migrantes em Asunción (Paraguai): caminhos e descaminhos nos trajetos de empoderamento / Santin, Terezinha Lucia. Brasília, 2014.

100 f. : il.; tab.

Orientadora: Lilia Gonçalves Magalhães Tavolaro.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Brasília. Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre as Américas, Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas.

1. Migração. 2. Empoderamento feminino. 3. Paraguai – região metropolitana Asunción. I. Tavolaro, Lilia Gonçalves Magalhães. II. Universidade de Brasília.

CDD

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS – ICS  
CENTRO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO SOBRE AS AMÉRICAS –  
CEPPAC  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS COMPARADOS SOBRE  
AS AMÉRICAS

**TERMO DE APROVAÇÃO**

Terezinha Lúcia Santin

**MULHERES MIGRANTES EM ASUNCIÓN (PARAGUAI): CAMINHOS E  
DESCAMINHOS NOS TRAJETOS DE EMPODERAMENTO**

Dissertação apresentada ao Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre as Américas como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre, pela seguinte banca examinadora:

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lilia Gonçalves Magalhães Tavolaro  
Presidente – CEPPAC/ UnB

---

Prof. Dr. Leonardo Cavalcanti – CEPPAC/ UnB

---

Prof. Dr. Brasilmar Ferreira Nunes – Departamento de Sociologia/ UnB

---

Prof. Dr. Cristhian Teófilo da Silva – CEPPAC/ UnB

Brasília, junho 2014.

*Às mulheres paraguaias, por  
reconstruírem seu país em servil e  
obediente silêncio.*

## AGRADECIMENTOS

No desenvolvimento desta pesquisa contei com a proteção divina. Agradeço ao Deus peregrino com rosto materno pela proteção no caminho percorrido e iluminação dos meus passos.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-CAPES, pela bolsa de estudos de 2012 até 2013.

Sou grata a todos os professores, funcionários e colegas do Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas – CEPPAC, da Universidade de Brasília, pelo apoio administrativo e contribuições à minha formação acadêmica e profissional. Em especial à minha orientadora, Profa. Dra. Lilia Gonçalves Magalhães Tavolaro pelo acompanhamento, orientação e dedicação de tempo ao meu trabalho.

Ao Instituto das irmãs missionárias de São Carlos Borromeo, Scalabrinianas – mscs, por meio do Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios – CSEM, por ter sido a fonte de inspiração e porta de entrada aos estudos da questão migratória no mundo. A sensibilidade e o conhecimento do CSEM incentivaram-me a ingressar no mestrado buscando uma maior compreensão das migrações no Brasil e na América Latina. Agradeço a compreensão e o apoio da diretoria e da equipe CSEM nos momentos mais intensos da pesquisa em que precisei ficar ausente da sede. Meu reconhecimento por essa equipe, especialmente as Irmãs Leocádia Mezzomo, Madalena Menin e Melany Illana que, além de assumirem atividades extras, me ajudaram a selecionar bibliografias e comentaram meu tema de estudo.

Ao *Hogar de Tránsito Santa Librada* – Paraguai, através de sua equipe de coordenação, pela acolhida, apoio e acompanhamento nos caminhos de Asunción, nas ocasiões em que permaneci na cidade e, especialmente, durante a pesquisa de campo.

Ao Professor Dr. Brasilmar Ferreira Nunes, pelo apoio, incentivo e confiança com os quais me recebeu e me acompanhou na disciplina de Sociologia Urbana e pelas sugestões, comentários e contribuições à pesquisa.

Aos meus amigos e amigas, Délia Dutra, Pedro Russi, Tufla Botega, Alcir Bampi e Rosangela Lameira, pelo encorajamento nos momentos difíceis além de grandes ajudas técnicas, em especial, minha gratidão a Laísa Tossin e Luis Cayón.

Sou especialmente grata à Ilda Conradi e Santina Lorenzon que me acolheram em Asunción – Paraguai e me acompanharam pelas ruas da cidade durante minha pesquisa de campo.

Às migrantes paraguaias que me concederam as entrevistas e compartilharam suas vivências de forma generosa, graças a elas este trabalho foi possível.

Ao meu pai Recildo (*in memoriam*) e à minha família, que está espalhada por este Brasil. Com eles fiz a experiência de ser migrante no exterior antes mesmo de estudar esta temática.

Finalmente, a todos e todas aqui não citados, mas que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho. Minha sincera gratidão.

## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar as estratégias de empoderamento desenvolvidas por um grupo de mulheres paraguaias que experimentaram a migração do interior do Paraguai para a cidade de Asunción (capital do país). Ao longo do trajeto de pesquisa, foi possível perceber o uso de instrumentos subjetivos como a negociação, a qual se mostra presente em suas trajetórias desde a decisão de partir até a consolidação do projeto migratório e a instalação no espaço urbano. A pesquisa demonstra que o deslocamento implica uma transformação, significando a busca por autonomia e a redefinição dos papéis sociais e das relações de gênero assumidos no espaço urbano em contraste com o espaço rural.

**Palavras-chave:** 1. Migração feminina. 2. Empoderamento. 3. Migração rural-urbana no Paraguai. 4. Mulheres migrantes.

## ABSTRACT

This work aims to analyze the strategies of empowerment developed by a group of Paraguayan women who migrated from rural areas to Asunción, the capital. During the research, it was possible to observe the use of the subjective instruments, such as negotiation. The use of negotiation is evidenced in the women's trajectories, comprising the decision to leave, the consolidation of the migration project and the integration into the urban space. The research demonstrates that displacement implies transformation, involving the search for autonomy and the redefinition of social roles and the gender relations adopted in the urban space.

**Keywords:** 1. Female migration. 2. Empowerment. 3. Rural-urban migration in Paraguay. 4. Migrant women.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Mapa da divisão regional do Paraguai.....	29
Figura 02 – Mapa da divisão política do Paraguai.....	30
Figura 03 – Área metropolitana de Asunción .....	42
Figura 04 – Área metropolitana de Ciudad del Este .....	47

## LISTA DE TABELAS

Tabela 01– Distribuição territorial da população por sub-regiões (%) – 1950-2002 ..	31
Tabela 02 – População rural e urbana.....	36
Tabela 03 – Unidades econômicas, pessoas ocupadas e receitas na economia urbana do Paraguai, em G\$, 2010.....	37
Tabela 04 – População urbana e rural na área metropolitana de Asunción segundo o Censo 2002.....	43
Tabela 05 – Migração interdepartamental, considerando a moradia nos 5 anos anteriores segundo o Censo 2002 .....	45
Tabela 06 – Perfil das participantes .....	75

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CSEM – Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios

DGEEC – Dirección General de Estadística, Encuestas y Censos

AMA – Área Metropolitana de Asunción

OIT – Organização Internacional do Trabalho

IBR – Instituto de Bienestar Rural

IRA – Instituto de Reforma Agraria

INDERT – Instituto Nacional de Desarrollo Rural y de la Tierra

STP – Secretaría Técnica de Planificación

CEN – Censo Económico Nacional 2011

MRE/DPR/DIC – Ministério das Relações Exteriores – Departamento de Promoção  
Comercial e Investimentos

PIB – Produto Interno Bruto

CEPAL – Comisión Económica para América Latina y el Caribe

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	15
<b>Construção do objeto de pesquisa</b> .....	17
<b>Abordagem teórico-metodológica</b> .....	23
<b>Organização dos capítulos</b> .....	27
<b>1 URBANIZAÇÃO E MIGRAÇÃO NO PARAGUAI: UMA DINÂMICA ENTRELAÇADA</b> .....	29
<b>1.1 Contextualização</b> .....	29
<b>1.2 A questão feminina nos fluxos migratórios no Paraguai</b> .....	40
1.2.1 <i>Asunción</i> .....	42
1.2.2 <i>Ciudad del Este</i> .....	47
<b>2 MIGRAÇÃO E GÊNERO: ABORDAGENS E PERSPECTIVAS TEÓRICAS</b>	
51	
<b>2.1 Teorias Economicistas: Abordagem Neoclássica e da Nova Economia da Migração</b> .....	52
<b>2.2 A Abordagem histórico-estrutural</b> .....	54
<b>2.3 Redes sociais</b> .....	58
<b>2.4 Perspectiva de gênero, empoderamento e autonomia nos caminhos da migração</b> .....	61
2.4.1 <i>O empoderamento e a autonomia das mulheres</i> .....	69
<b>3 MIGRAÇÃO, GÊNERO E EMPODERAMENTO DE UM GRUPO DE MIGRANTES PARAGUAIAS EM ASUNCIÓN</b> .....	73
<b>3.1 Hogar de Tránsito Santa Librada</b> .....	73
<b>3.2 A vida no local de origem e as motivações para migrar</b> .....	78
<b>3.3 As dificuldades encontradas ao longo da trajetória migratória e a inserção no local de destino: o papel das redes sociais migratórias</b> .....	80
<b>3.4 As mudanças no padrão de vida e os sonhos</b> .....	85
<b>CONCLUSÕES</b> .....	95

<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>98</b>
<b>ANEXO 01 - PERFIL DAS ENTREVISTADAS .....</b>	<b>104</b>
<b>ANEXO 2 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO ....</b>	<b>118</b>
<b>ANEXO 3 - ROTEIRO PARA ENTREVISTAS EM PROFUNDIDADE.....</b>	<b>119</b>

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem por objetivo verificar em que medida e em que sentido a experiência migratória contribuiu para o empoderamento de um grupo de mulheres migrantes paraguaias que se deslocaram do interior do Paraguai em direção à cidade de Asunción. Para tanto, foram realizadas oito entrevistas com mulheres que, em seu percurso migratório, estabeleceram relações com o *Hogar de Tránsito Santa Librada*, uma instituição que visa acolher e capacitar mulheres migrantes que vêm do interior para a capital para atuarem no mercado de trabalho. Os processos migratórios foram analisados a partir dos depoimentos das migrantes, destacando sua compreensão em relação à autonomia conquistada a partir da migração para a cidade de Asunción.

Para abordar a migração feminina a partir da perspectiva da autonomia e do empoderamento é preciso reconhecer a importância da subjetividade das protagonistas no processo migratório. Ou seja, entendemos que não basta apontar os aspectos estruturais dos processos migratórios das mulheres paraguaias. Para além destes, que são seguramente fatores a serem aqui considerados, busco captar as motivações e dimensões subjetivas da migração feminina no Paraguai.

As migrantes entrevistadas encontravam-se, no momento da pesquisa, estabelecidas e inseridas no mercado de trabalho na capital paraguaia. Sobre este aspecto, os depoimentos revelaram que a inserção no mercado de trabalho constituiu um meio para adquirirem autonomia, terem poder de decisão sobre suas vidas, comprarem suas casas, casarem-se novamente, dentre outras coisas.

No debate acadêmico, existe uma aproximação analítica entre os conceitos de *empoderamento* e *autonomia*. Ambos referem-se à capacidade dos indivíduos de decidirem, no sentido mais amplo do termo, sobre as questões que lhes dizem respeito. Esta dissertação busca analisar os efeitos da migração interna sobre as dinâmicas de conquista da autonomia de mulheres paraguaias que se mudaram do contexto rural para a capital paraguaia. Este fluxo humano feminino não destoia da tendência mundial das migrações (CASTLES; MILLER, 2003, p. 67). Tanto no âmbito acadêmico quanto no âmbito político é reconhecido o incremento de mulheres nos fluxos migratórios internacionais e a elevada taxa de atividades econômicas das mulheres migrantes na sociedade de destino (MOROKVASIC, 1983).

Nesta pesquisa, o conceito de empoderamento retoma o debate abordado pelo viés de gênero e autonomia nos processos migratórios. Incorporar esta perspectiva

analítica demonstra a importância das diferenças de gênero socialmente construídas para compreender o impacto de processos migratórios sobre as formas de organização da vida social. Boyd e Griego (2003) se referem, por exemplo, ao que chamam de “fatores sutis” tais como as transformações sofridas, sobretudo na família e com o ganho de autonomia através da entrada da mulher migrante num mercado de trabalho diferenciado. A partir desta abordagem, é possível entender a invisibilidade e a marginalidade da mulher, sobretudo no que se refere ao importante papel que muitas mulheres desempenharam como protagonistas da migração (PARELLA, 2003).

A autonomia enquanto categoria analítica e empírica, à luz da sociologia política, possibilita diferentes enfoques de discussão. A partir do entendimento deste conceito como atributo e processo pelo qual se consegue poder e liberdades positivas e negativas (HOROCHOVSKI; MEIRELLES, 2007) resultantes de processos políticos no âmbito individual e grupal. Nesse sentido, procuro, neste trabalho, explorar a capacidade real das migrantes na tomada de decisões, ou seja, avaliar os processos individuais de busca por resoluções de problemas e alcance de resultados desejados no plano individual.

No que diz respeito ao conceito de empoderamento<sup>1</sup> destaco que, conforme Perkins e Zimmerman (*apud* HOROCHOVSKI; MEIRELLES, 2007, p. 486), o termo indica “um construto que liga forças e competências individuais, sistemas naturais de ajuda e comportamentos proativos”. Complementado essa ideia, para Lisboa (2000), o empoderamento das pessoas se manifesta na renúncia à tutela, à dependência, à submissão e à impotência que limitam o pleno exercício da individualidade. Assim, a ação de empoderar-se implicaria a transformação em sujeitos ativos que buscam autonomia e autodeterminação.

Nesta pesquisa, o empoderamento das migrantes paraguaias desponta nos mecanismos pelos quais tentam assumir o controle de suas próprias vidas, bem como na consciência das suas habilidades e de seu grau de autonomia para produzir e criar.

Partindo da ideia de que a migração se apresenta como uma estratégia para desenvolver a autonomia e o empoderamento, assumo que este deslocamento populacional é “uma ação social de caráter individual ou coletiva, espontânea ou

---

<sup>1</sup>O termo foi utilizado inicialmente em países de língua inglesa, sobretudo nos Estados Unidos. Os primeiros estudos sobre o tema que apareceram em língua portuguesa – traduções ou originais – traziam a grafia original. Entre esses estudos, talvez o principal seja Empowerment: uma política de desenvolvimento alternativo, de John Friedmann (1996). Após, passou-se a colocar o termo, já em português, entre aspas (como em Lisboa, 2000), que perderam seu uso conforme o vocábulo foi-se incorporando à língua, mesmo que ainda não se o encontre nos principais dicionários.

forçada, que ocorre através de um descolamento interno (do campo para a cidade, de uma cidade para outra, no mesmo país)” (LISBOA, 2003, p. 152). Dito isso, entendemos que a realidade aqui pesquisada trata de um movimento espontâneo – mesmo se condicionado por fatores estruturais e subjetivos – de uma pessoa ou de um grupo de pessoas de uma unidade da federação para outra, implicando uma mudança temporária ou permanente da residência habitual.

Este estudo analisa como mulheres paraguaias vivem a experiência de serem migrantes em Asunción e em que sentido os processos migratórios possibilitam o empoderamento, abordando a problemática das mulheres migrantes a partir da perspectiva da busca de autonomia. A análise dos seus relatos, bem como dos documentos e das bibliografias referentes ao tema, permitiram identificar a possibilidade de construção dos seus discursos sobre sua condição de serem mulheres migrantes residentes em Asunción e as transformações que ocorreram em suas vidas decorrentes da migração. Interessou-nos o ponto de vista da mulher-migrante, a sua compreensão do mundo em que vive, buscando ir além do argumento da migração unicamente por razões econômicas.

### **Construção do objeto de pesquisa**

A partir da análise dos processos de migração interna de oito mulheres paraguaias discuto a importância da subjetividade das protagonistas. Os conceitos de autonomia e empoderamento permitem destacar a relevância na inserção no mercado de trabalho e a busca por qualificação profissional na cidade de Asunción. Apesar da importância de ambos os elementos, estes não constituem os únicos motivos na decisão de migrar. A aproximação com as migrantes que participaram desta pesquisa iniciou em 1991, em Asunción, no *Hogar de Tránsito Santa Librada*, por ocasião da minha primeira visita à capital. Porém minha afinidade com esse país é antiga.

A trajetória da minha vida me deu a oportunidade de viver no Paraguai, no período de 1976 a 1981, e de trabalhar como agente sociopastoral em Foz do Iguazu<sup>2</sup>, nos períodos de 1986 a 1991, e 2000 a 2003, o que me permitiu a participação nos

---

<sup>2</sup> Foz do Iguazu está localizada geograficamente no Paraná/Brasil e a cidade faz fronteira com o Paraguai e a Argentina. O trabalho sociopastoral envolvia as três áreas fronteiriças, além da participação nas equipes de trabalho nos países Brasil-Paraguai.

espaços sociais, políticos, culturais e familiares daquele país. Além disso, como membro integrado ao Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios – CSEM<sup>3</sup>, desde o ano de 2005, tive a possibilidade de participar das reflexões que se processam no interior das equipes que desenvolvem trabalhos com migrantes em diferentes países do mundo<sup>4</sup>.

Desde criança, quando vivia no Paraguai, me intrigava e me causava estranhamento o tratamento comumente dispensado aos homens paraguaios. Eu me lembro de ver os homens sentados na varanda impecavelmente vestidos, de sapatos lustrados, tomando *té cosido*. Não faziam nada o dia todo, ficavam ali, sentados. As mulheres, descalças, cuidavam da roça, das crianças, da casa, da roupa e ainda faziam *chipa*<sup>5</sup>, enchiam cestas e as carregavam na cabeça até os pontos de ônibus ou feiras para vender. As mulheres faziam tudo. E ainda fazem.

Observar os homens paraguaios me fez entender melhor as paraguaias. Digo isto porque um dos valores mais explicitamente ensinado às meninas paraguaias é o de “obedecer, calar e servir” e, numa análise rasa, era exatamente isso que eu via: mulheres caladas, servis e obedientes. Iniciei esta pesquisa com esta perspectiva pouco aprofundada e lentamente fui desvendando o óbvio até que, por fim, me encontrei com as paraguaias.

Elas, as mulheres que sustentaram um país massacrado pela guerra da Tríplice Aliança e sucateado pela guerra do Chaco, carregaram o pesado fardo de recompor a população, revitalizar a agricultura e deslanchar a economia. Ao reconhecer o cenário histórico que construiu a vida destas mulheres, reconheço também a origem de sua força e entendo que à elas foi destinado o trabalho duro, mas só possível de ser realizado se houvessem homens adultos, em idade reprodutiva e saudáveis. As mulheres pariram os homens e cuidaram deles, pois durante um longo tempo, eles foram o elo mais frágil da população.

---

<sup>3</sup> Instituição criada em 1988, com sede em Brasília, “dedicada à pesquisa, estudo e divulgação de informações sobre a mobilidade humana (...) desenvolve atividades de apoio a migrantes e refugiados, sobretudo no que se refere à promoção de auto-organização, autodesenvolvimento e formação”, ([www.csem.org.br](http://www.csem.org.br), acesso em 12/12/2013).

<sup>4</sup> As Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo-Scalabrinianas, estão presentes em 27 países, e desenvolvem trabalhos junto aos migrantes em diferentes contextos. Ver mais em <http://www.scalabriniane.org/>.

<sup>5</sup> *Chipa* é uma comida tipicamente paraguaia. Uma rosca feita à base de polvilho e queijo, assada em forno a lenha. Comumente, é vendida em diferentes espaços como: paradas de ônibus, dentro dos ônibus, na rodoviária, no mercado etc.

Essa fase passou, mas permaneceu nas mulheres a coragem de enfrentar o desconhecido, a força da mudança diante da dificuldade, a capacidade de decidir e de se articular em redes de mútua ajuda. Está nas mulheres o desejo de mobilidade, de ascensão e de conhecimento.

Não pude evitar de, ao me engajar profissionalmente e academicamente, trazer de volta minhas inquietações infantis, desta vez, imbuídas de reflexão e de crítica. Trouxe-as comigo até o mestrado e nesta dissertação apresento as considerações que teci ao longo de meu processo de aprendizado sobre a migração feminina no Paraguai.

Desde 1991, a primeira vez que fui até Asunción e conheci a casa *Hogar de Tránsito Santa Librada*, localizada em um dos bairros que faz parte da Área Metropolitana de Asunción, o bairro Lambaré, me chamou atenção as pessoas que nela habitavam e que por ela passavam. Dois grupos distintos: uma equipe de mulheres, coordenadoras da casa e um grupo de mulheres frequentadoras desta mesma casa. Um dos trabalhos que mais me chamava atenção quando ouvia os relatos de missão era a acolhida, por isso, o fluxo de entrada e saída de pessoas, mulheres de diferentes idades, era interessante aos meus olhos.

O *Hogar de Tránsito Santa Librada* foi criado em 1985 pela Pastoral Social Nacional ligada à Conferência Episcopal Paraguaia, com apoio de empresários, especialmente da família Vicerci, como resposta à realidade migratória de jovens mulheres que se encontravam em situação de vulnerabilidade no terminal rodoviário de Asunción em busca e à espera de alguém ou de alguma família que lhes oferecesse trabalho.

Desde 1991, esta instituição é coordenada pelas Irmãs Missionárias Scalabrinianas, que têm por missão “o serviço aos migrantes mais pobres e necessitados”. O *Hogar de Tránsito Santa Librada* promove um programa de capacitação e orientação humana sobre diversos temas e cursos profissionalizantes que são oferecidos para estas mulheres. A acolhida e a orientação são as principais atividades concretas realizadas pelas coordenadoras da casa. Seu principal objetivo é oferecer meios para que a mulher migrante tenha um espaço formativo e se capacite para assumir um trabalho com maior qualidade de vida no novo ambiente. Isto pode ser resumido pelas palavras de uma das coordenadoras da instituição: “elas vêm para

conseguir trabalho e permanecer na cidade. Nós oferecemos hospedagem, cursos, aprendizados e orientação humana e também buscamos cultivar a fé destas *chicas*”<sup>6</sup>.

São oferecidos em média nove cursos por mês, sobre serviços de limpeza doméstica, culinária, corte e confecção, cabeleireira, cuidadora de crianças e de idosos, dos quais participam cerca de 50 mulheres por curso. Após a formação, as mulheres são indicadas para trabalhar em casas que necessitam de uma empregada doméstica. Segundo dados do *Hogar*, no ano de 2012, foram atendidas 336 mulheres para acolhida e hospedagem; 216 foram encaminhadas ao mercado de trabalho e 32 à escola. Destas, 120 regressaram a suas cidades de origem e 91 mudaram de emprego ao longo do ano, apenas 3 mudaram seu estado civil e o informaram<sup>7</sup>. Não estão explícitos no relatório do *Hogar de Tránsito Santa Librada* as razões desse retorno. Porém, ao consultar os registros de ingresso dessas migrantes neste local notamos que uma parcela significativa deste grupo tinha suas famílias residindo em Luque, região que faz parte da área rural metropolitana de Asunción. Consta ainda que a motivação para que as migrantes buscassem o *Hogar* foi a de formação e os cursos de capacitação oferecidos pela instituição. Dito isso, pode-se inferir que alcançados os objetivos as migrantes regressaram para seus locais de origem para reencontrar suas famílias e, possivelmente, acessaram outras formas de inserção no mercado de trabalho.

Outro dado que chama atenção é a mudança de emprego de 91 das migrantes. Ao chegarem ao *Hogar* as migrantes inseriram-se no mercado de trabalho e com o tempo foram desvendando espaços que melhor respondessem às habilidades desenvolvidas via o aprendizado nos cursos oferecidos pelo local.

Aqui o foco de estudo não é a instituição, mesmo que esta atue como mediadora para chegar às migrantes, mas sim os aspectos subjetivos relativos aos processos migratórios das mulheres que passam por esta entidade como possível meio de realizar seus projetos. Analisei os processos migratórios destas mulheres como sujeitos sociais e me interessou, sobretudo, conhecer em que sentido o processo migratório contribuiu ou não para a conquista de autonomia, entendida aqui como conquista de poder de tomada de decisões sobre aspectos relativos às suas vidas pessoais tais como com quem casar, como gastar seu dinheiro, o que fazer

---

<sup>6</sup> Depoimento da coordenadora do *Hogar de Tránsito Santa Librada*, dado por ocasião de um encontro regional das missionárias de São Carlos Borromeo – Scalabrinianas, ocorrido em julho de 1991, em Foz do Iguaçu. A palavra *chicas* se refere às jovens mulheres paraguaias que chegam à casa.

<sup>7</sup> Registros do relatório anual do apostolado. Arquivo da Província Cristo Rei, Porto Alegre, 2012.

profissionalmente, como planejar e organizar sua vida para o futuro, como e onde fixar sua moradia.

Desde 1991, fui várias vezes à casa e à Asunción a trabalho ou como hóspede. Tive a oportunidade de visitar também a casa que se localiza em Ciudad del Este e que cumpre o mesmo objetivo.

Ingressar no curso de mestrado em um centro voltado para o estudo das Américas abriu-me a possibilidade de reflexão e de buscar aprofundar um tema, até então, pouco explorado pelas Ciências Sociais: a migração feminina. Desta vez, não mais a partir do meu envolvimento em trabalhos de caráter institucional, de cursos formativos e de conquista de direitos, mas de uma perspectiva investigativa, através da aproximação via entrevistas com pessoas selecionadas que pudessem ajudar a compreender as razões de mudanças pessoais, familiares e comunitárias a partir de suas próprias histórias.

Queria compreender um pouco melhor as trajetórias das mulheres paraguaias em Asunción e as transformações que pudessem ocorrer nelas, como um dos processos decorrentes da migração. Refiro-me às transformações no sentido de superação da submissão e de ganho de autonomia, de elevação da autoestima e de possibilidades de tomada de decisões pessoais.

O objetivo foi realizar um trabalho de campo junto a um grupo de mulheres que vivessem no espaço urbano, especificamente em Asunción. Além disso, me interessava também entender a relação da casa de apoio *Hogar de Tránsito Santa Librada* com a conquista de autonomia e mudanças pessoais nas vidas dessas mulheres, já que atuava como fator interveniente.

Desde que iniciei a preparação para a seleção de mestrado, estive na cidade em junho de 2011, por ocasião da Cúpula Social do Mercosul<sup>8</sup>, e logo após ingressar no curso (2012), estreitei os contatos com as coordenadoras das casas de Asunción e de Ciudad del Este e ocasionalmente com mulheres migrantes de passagem pela casa. Além do uso da internet para comunicação, nos encontramos por três vezes (junho/2012; outubro/2012; dezembro/2012) e dialogamos sobre o assunto que envolvia meu interesse de estudo: as mulheres migrantes paraguaias.

---

<sup>8</sup> É uma das instâncias que busca ampliar a participação aos setores políticos sociais da região. Pois, o Tratado Constitutivo do Mercosul teve como objetivo principal propiciar um espaço comum que gerou oportunidades comerciais através da integração competitiva das economias nacionais ao mercado internacional. Deixando a desejar a instância social, que foi suprida por outras instâncias entre elas a chamada Cúpula Social do Mercosul.

Em dezembro de 2012, tive a oportunidade de conversar com a coordenadora e com uma migrante que foi acolhida por esta casa e que, no momento, estava trabalhando como secretária desta instituição e estudando. Quando perguntei à coordenadora se ela percebia a transformação que ocorria nas mulheres que passavam e que frequentavam a casa ela me disse que “na verdade são muitos os sinais de mudanças que ocorrem nas jovens, desde o cuidado de si mesmas até as atitudes e os comportamentos cotidianos, mas sobre isso não tem nada sistematizado, escrito”. Continuou dizendo que,

*não temos tempo, nem mesmo para fazer os relatórios como deve ser, às vezes os cadastros (fichas de atendimentos) se acumulam sobre a mesa para dar lugar às urgências de atendimentos, às necessidades da vida. Mas temos várias mulheres que passaram por esta casa, que fizeram cursos e passaram muitos finais de semanas aqui e hoje estão em outro patamar. Temos até duas delas que são monitoras voluntárias de oficinas de aprendizado para as novas que chegam na casa.*

Este diálogo, especificamente, me despertou para a realidade da casa e me ajudou a definir e a definir meu campo de pesquisa: mulheres paraguaias inseridas no mercado de trabalho em Asunción. Dei-me conta de que, para além da questão econômica, poderia haver outras motivações que atraíam as mulheres para a capital. Pois, tanto no depoimento da coordenadora da casa quanto no relato da secretária entendi que a inserção no mercado de trabalho era o ponto-chave da busca por esta casa por parte das jovens num primeiro momento, mas que a adesão aos cursos de aperfeiçoamento e a mudança de comportamento demonstravam outras questões íntimas e subjetivas que permaneciam veladas quanto às motivações da migração.

A partir desse processo de contato, reflexão e diálogo visualizei a possibilidade de trabalhar no sentido de desvelar a autonomia conquistada e em processo de conquista das mulheres migrantes em contexto urbano. Elaborei o problema de pesquisa centrado nesta e então a pergunta surgiu: será que os processos migratórios destas mulheres contribuem para sua autonomia?

Portanto, esta pesquisa estuda os processos migratórios de um grupo de mulheres migrantes paraguaias que se deslocaram do interior do país em direção à cidade de Asunción, onde estão atualmente estabelecidas e inseridas no mercado de trabalho.

## **Abordagem teórico-metodológica**

A pesquisa buscou abordar a migração feminina a partir da perspectiva da autonomia. Nessa trilha, conforme Richardson (1999) se reconhece a centralidade da subjetividade das protagonistas no processo migratório, as mulheres migrantes. Na interação com as migrantes, busquei identificar os motivos e as consequências da decisão de migrar e apreender elementos de análise que ajudassem na compreensão da incidência da migração na autonomia (HOROCHOVSKI; MEIRELLES, 2007) e empoderamento (HOROCHOVSKI; MEIRELLES, 2007; LISBOA, 2000) dessas mulheres. A abordagem qualitativa apresentou-se como um método mais adequado para os propósitos desta pesquisa.

A pesquisa foi feita mediante entrevistas semiestruturadas com oito mulheres migrantes paraguaias, vindas do interior do país e residentes em Asunción, cujas identidades estão protegidas pelo uso de pseudônimos. Essas mulheres apresentavam condições distintas, quais sejam: acompanhada do marido, sozinhas, com filho, com filhos no interior, separadas e solteiras. As entrevistas em profundidade proporcionaram a construção de um enfoque desta migração feminina, buscando entender como os processos migratórios contribuem para o empoderamento dessa parcela de migrantes. Tendo em vista que a casa recebe uma média de dez mulheres ao mês, o universo pesquisado contemplou um número aproximado de mulheres atendidas mensalmente pela instituição.

Nas entrevistas qualitativas procurei responder à seguinte questão: em que medida os processos migratórios proporcionam condições de possibilidades para a autonomia dessas mulheres que deixam seus lugares de origem (interior/rural) e se dirigem à capital do país (urbano)? Em outras palavras, como a experiência migratória pode ou não possibilitar à mulher autonomia no novo espaço.

Interessou-me observar os processos que afloram no deslocamento migratório em busca de trabalho, como prestadora de serviço de mão de obra não qualificada. Isso a partir da hipótese de que tais migrantes possuíam uma determinação em mudar de vida, ambicionavam certo grau de empoderamento que lhes permitisse ser protagonista de sua própria história, sem desconsiderar, contudo, as limitações contextuais a que se encontravam submetidas.

O trabalho doméstico e o trabalho em setores do mercado informal, tais como vendedoras ambulantes e trabalho em bares, absorvem um percentual significativo de

mulheres migrantes na cidade de Asunción. A migração e a economia informal são os caminhos de quem busca um respiro, um espaço de liberdade. Além disso, a vida na cidade fomenta o sonho de oportunidades que contrastam com a vida no interior.

Não há dúvida de que na trajetória de vida das migrantes entrevistadas aparece, também, uma lacuna apontada na literatura entre a realidade e o sonho, ou seja, entre a realidade vivida e a realidade desejada. Neste sentido, a migração, para muitas mulheres, representa um possível caminho de aproximação à realidade sonhada, a possibilidade de acesso a oportunidades que lhes foram negadas no lugar de residência (RICO, 2006). Por outro lado, é preciso destacar também que nem sempre a migração se torna uma oportunidade. O risco do fracasso é sempre presente.

A orientação metodológica foi baseada na perspectiva da pesquisa qualitativa, porém articulada com a utilização de dados quantitativos oficiais sobre a migração feminina no Paraguai e, especificamente, em Asunción. Segundo Boni e Quaresma (2005) o emprego de métodos da pesquisa qualitativa requer coleta de dados bibliográficos referentes à questão a ser estudada, a observação em campo e a coleta de dados a partir de entrevistas.

Neste sentido, este trabalho foi realizado a partir de duas frentes: a primeira envolveu uma ampla e densa pesquisa bibliográfica sobre o tema de migração rural-urbana e das teorias de migração internacional a partir de uma leitura da perspectiva de gênero. Além disso, foram feitas consultas em publicações, documentos, relatórios e dados estatísticos disponíveis sobre o Paraguai. A segunda refere-se à realização de pesquisa de campo, na qual foram realizadas entrevistas semiestruturadas.

Para a pesquisa bibliográfica, revisei autores que estudaram os aspectos históricos, políticos, sociais e econômicos sobre o Paraguai, entre eles: Doratioto (2002), Goiris (2000), Galeano (1997) e Palau (1987). Em paralelo a isso, os dados censitários, principalmente os dados do censo 2002, último disponível, e os dados mais recentes de pesquisas por domicílios, me permitiram ilustrar os movimentos migratórios e as concentrações urbanas no território. Os mapas, disponíveis na internet, contribuíram para a visualização regional, divisão política e localização das cidades, especialmente, para identificar a expansão urbana da cidade de Asunción onde as mulheres entrevistadas estão localizadas.

Sobre os estudos voltados às teorias de migrações e à perspectiva de gênero, revisei autores, como: Casarino (2013), Massey (1989, 1990), Arango (2003), Germani (1974), Singer (1975), Parella (2003), entre outros.

Utilizei as abordagens teóricas referentes à perspectiva economicista no que diz respeito à tomada de decisão para empreender à migração, as quais se fazem presentes nas abordagens da Teoria Neoclássica e na Teoria da Nova Economia da Migração. Nestas, há o entendimento de que a migração é oriunda de decisões individuais ou coletivas realizadas por protagonistas racionais que visam alcançar condições sociais e econômicas melhores do que as já estabelecidas.

Além disso, os enfoques da modernização e o histórico-estrutural contribuíram para a explicação e o entendimento sobre as migrações internas. O primeiro diz respeito à transição das regiões rurais para uma economia urbano-industrial. Sob essa perspectiva, a migração interna é entendida como um dos processos fundamentais. Para o segundo, a migração interna é vista como uma consequência do processo de desenvolvimento das sociedades capitalistas.

Complementando as correntes teóricas já mencionadas, a abordagem de Redes Sociais ajuda a explicar a opção por migrar e a continuidade dos fluxos migratórios, o que, no caso das mulheres em apreço, se faz pertinente. O conceito de Rede Social é definido como um conjunto de laços interpessoais e de organizações ou instituições sociais, que estão conectadas por algum tipo de relação (SOARES, 2003). Isto é, relações de parentesco, de amizade, de trabalho e origem comum, haja vista que tais relações não se criam pelo processo migratório, mas são reforçadas por ele a partir da experiência da migração. Dito isso, além das conexões de amizade e parentesco entre as mulheres migrantes, intervém neste estudo a atuação das redes institucionais não governamentais, explicitamente o caso do *Hogar de Tránsito Santa Librada* localizado em Asunción.

A segunda etapa, de cunho qualitativo, envolveu a realização de entrevistas semiestruturadas. A escolha da perspectiva qualitativa implica trabalhar “com o universo de significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (MINAYO et al, 2007, p. 21), o que vem ao encontro do tema e do objeto do presente estudo. A abordagem qualitativa compreende que o conhecimento não se reduz à análise de dados isolados e conectados por uma teoria explicativa, pois o pesquisador também é sujeito e faz parte do processo de conhecimento, interpretando os fenômenos e atribuindo-lhes significados. Neste sentido, “o objeto não é um dado inerte e neutro; está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações” (CHIZZOTTI, 1995, p.79).

Para a pesquisa qualitativa, os dados não são fixos, facilmente captados pela observação, mas são fenômenos que ocorrem em contextos de relações, e por isso não estão sujeitos às percepções sensíveis e aparentes.

O trabalho de campo foi desenvolvido mediante seis períodos de pesquisa, entre 2011 e 2013. O primeiro contato com as migrantes ocorreu em junho de 2011, o que contribuiu para o desenvolvimento posterior da pesquisa. Em 2012, estreitei os contatos com a coordenação do *Hogar* em Asunción e em Ciudad del Este (Paraguai). Nesse ano, visitei as migrantes em junho, outubro e dezembro<sup>9</sup>. Entre julho e agosto de 2013, realizei a minha última visita às migrantes no âmbito desta investigação. Após ter o aceite por parte das migrantes para participarem da pesquisa, realizei entrevistas com migrantes dispostas a revelar suas razões de mudanças pessoais, familiares e comunitárias.

As entrevistas em profundidade foram feitas com mulheres vinculadas, direta ou indiretamente, com o *Hogar de Tránsito*. O foco recaiu sobre a questão de como as mulheres migrantes entendem a experiência migratória e suas possibilidades de autonomia no âmbito urbano. Partindo da indagação sobre como as próprias migrantes percebem sua inserção no mercado de trabalho, um aspecto subjetivo revelou-se. Após a análise, foi possível perceber que a busca por um emprego, vai além da esfera econômica, mas opera como uma estratégia que lhes permite ser protagonistas de sua própria história, de mudança nas suas vidas. No anexo 01, apresento um perfil de cada uma das entrevistadas.

O estudo seguiu a perspectiva exploratória (RICHARDSON, 1999), uma vez que busquei conhecer outros elementos relacionados às questões subjetivas que sustentam os processos migratórios internos das mulheres pesquisadas.

Para a viabilidade da pesquisa, contei com o suporte do *Hogar de Tránsito Santa Librada*, tanto para abordar as entrevistadas quanto para obter outras informações que se fizeram necessárias ao longo desse processo, tais como fichas de anotações ao receber a migrante, relatórios de trabalho, materiais de uso para formação e informação.

---

<sup>9</sup> Esse período da minha pesquisa de campo coincidiu com outras atividades relacionadas ao meu trabalho no Centro Scalabriniano de Estudos Migratório — CSEM. Na oportunidade, estive na capital paraguaia por dez dias. Entrei em contato e conversei com 28 mulheres migrantes paraguaias que passaram pelo *Hogar* e estavam, no momento da visita – julho, 2013, inseridas no mercado de trabalho em Asunción.

Em suma, foi esta metodologia que me permitiu perceber a importância de compreender as trajetórias de vida dessas mulheres que migram para Asunción, buscando ou reafirmando sua autonomia.

### **Organização dos capítulos**

Pensar o tema da migração rural-urbana das mulheres paraguaias e os impactos sobre suas vidas não significa isolar a questão como se existisse possibilidade de desenvolver o tema somente neste país, cidade, ambiente. Pelo contrário, os processos migratórios de mulheres estão presentes no conjunto do sistema global e, neste sentido, o presente trabalho quer ser uma contribuição para que se dê visibilidade às mulheres migrantes, bem como às suas contribuições enquanto protagonistas nos processos migratórios e na conquista de autonomia através de habilidades e capacidades de tomar decisões favoráveis à própria vida e a de seus pares. Entende-se que isto é possível, a partir das experiências de oito mulheres migrantes paraguaias que saem do interior rumo à cidade de Asunción e passam pelo *Hogar de Tránsito Santa Librada*.

O primeiro capítulo intitulado, *Urbanização e migração no Paraguai* apresenta uma revisão bibliográfica sobre a migração interna no Paraguai, com ênfase na Área Metropolitana de Asunción. Nesta seção, consta uma breve contextualização da geografia política, discorrendo sobre a configuração populacional nas áreas urbanas, especialmente a partir da década de 1970. Além disso, há uma breve revisão histórica e política do país, apontando as políticas agrárias que, de algum modo, estimularam a mobilização migratória interna no Paraguai.

Isso se faz pertinente tendo em vista que entender como se configura o processo de urbanização no Paraguai é também desvendar parte dos impactos sociais e econômicos decorrentes da migração rural-urbana de mulheres paraguaias. Assim, fazer essa breve referência à conjuntura econômica do país é importante a fim de compreender as condições em que vivem as mulheres entrevistadas nesta pesquisa, bem como os fatores estruturais que as conduzem aos grandes centros urbanos. Esta contextualização geográfica associada aos fatores intervenientes no que se refere à questão migratória rural-urbana aponta para os processos migratórios femininos neste país.

No segundo capítulo, *Migração e gênero: abordagens e perspectivas teóricas* apresento uma revisão de algumas das principais abordagens teóricas sobre o fenômeno da migração que nos ajudam a compreender o fenômeno em pauta nesta pesquisa. Resgato a dimensão econômica, em especial a busca por inserção no mercado de trabalho, em contraponto com a dimensão subjetiva das migrantes e suas implicações nos processos migratórios. Nessa lógica, além de ressaltar diferentes aspectos na decisão de migrar, busco subsídios na perspectiva de gênero para entender esta migração e abordar a complexidade dos processos de migração no Paraguai, onde a migração feminina é majoritária, embora invisível.

No terceiro capítulo, *Migração, gênero e empoderamento de um grupo de migrantes paraguaias em Asunción*, os dados das entrevistas são apresentados e a partir deles elaboro a compreensão do trajeto das mulheres migrantes, sua história de vida e relaciono alguns fatos às teorias escolhidas como aporte para esta dissertação.

No capítulo final, discorro sobre as conclusões elaboradas ao longo de todo o trabalho de pesquisa e análise dos dados. Demonstro a relevância do acesso rápido ao mercado de trabalho e das ferramentas internas que as migrantes já possuem para a possibilidade da autonomia se concretizar.

# **1 URBANIZAÇÃO E MIGRAÇÃO NO PARAGUAI: UMA DINÂMICA ENTRELAÇADA**

O presente capítulo se propõe a apresentar uma visão ampla sobre as questões urbana e migratória do Paraguai, dando ênfase à Área Metropolitana de Asunción (AMA). Para tanto, inicio a discussão com uma breve contextualização da geografia política, discorrendo sobre a configuração populacional nas áreas urbanas, especialmente a partir da década de 1970 e debruço-me sobre o caso de Asunción, capital do país, chamada também de Gran Asunción, e faço uma rápida abordagem de Ciudad del Este, descrevendo a composição urbana em suas áreas metropolitanas. Apresento sucintamente, a dinâmica migratória, tanto da entrada de estrangeiros quanto dos deslocamentos populacionais internos e finalizo apontando as consequências das políticas agrárias adotadas ao longo da história do Paraguai no que diz respeito à migração. Por fim, teço considerações a respeito da migração feminina no Paraguai que, embora invisível, vem crescendo nas últimas décadas.

## **1.1 Contextualização**

Entender como se configura o processo de urbanização no Paraguai é também desvendar parte dos impactos sociais e econômicos decorrentes da migração interna. Por essa razão, nesta seção, será apresentada uma contextualização geográfica deste país associada aos fatores intervenientes no que se refere à questão migratória rural-urbana das mulheres paraguaias estudadas.

O Paraguai está localizado no centro da América do Sul, possui uma área de 406.452 km<sup>2</sup>. Segundo dados da Direção Geral de Estatística e Pesquisas e Censos (DGEEC, 2011), a população total do país é de 6.672.631 habitantes. Pode-se considerá-lo um país relativamente pouco povoado, pois a densidade alcança 16,4 habitantes por km<sup>2</sup>. A densidade demográfica, como medida geral, é pouco representativa da situação populacional como um todo. De maior importância é a forma como a população está distribuída no território e suas diferenças regionais.

O país possui duas regiões naturais diferenciadas: a) a oeste (ocidental) se encontra o Chaco com ambiente árido e semiárido e abrangendo 60% do território, porém somente 2,3% do total da população nacional residem nesta região. A região

ocidental, localizada à margem direita do Rio Paraguay, corresponde ao Gran Chaco e faz divisa, ao norte, com a Bolívia e, ao sul, com a Argentina; b) a leste (oriental) encontra-se a região de clima subtropical úmido. A região oriental, localizada à margem esquerda do Rio Paraguay, faz fronteira, ao leste, com o Brasil em toda sua extensão. Concentra a maior riqueza econômica do país, possui o maior território urbanizado e hospeda a maior porcentagem da população: 97,5%.

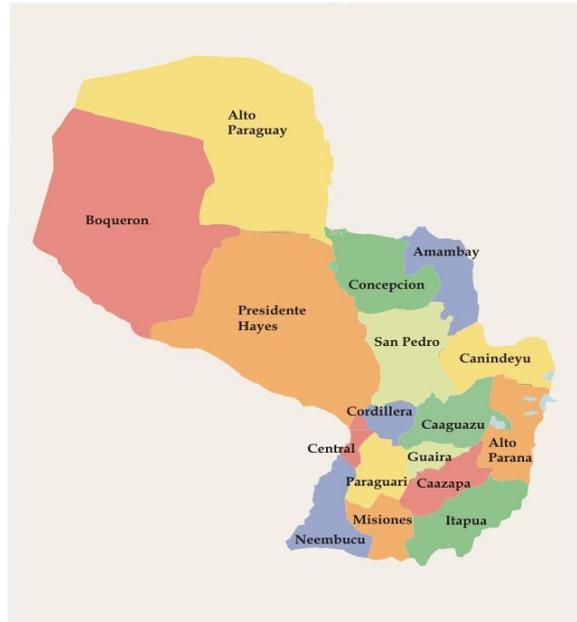
Como poderemos perceber mais à frente, as características geográficas condensam a ocupação territorial. Neste processo, a chamada região oriental, que é o "antônimo geográfico" da região ocidental, teve sempre maior concentração populacional quando comparada à região do Chaco, principalmente devido à biofísica.

O processo de ocupação do solo e de uso de seus recursos não ocorreu de forma homogênea no Paraguai. Enquanto uma área sofreu mudanças profundas, a outra se manteve praticamente com o mesmo estoque de recursos e não foi muito afetada por assentamentos humanos. Isto se deve, sobretudo, à dinâmica populacional diretamente relacionada aos sistemas econômicos, comerciais e de infraestrutura de transporte disponível, tanto para a mobilidade quanto para a comunicação com o mundo exterior, como é o caso das estradas e do Rio Paraguay.

**Figura 01 – Mapa da divisão regional do Paraguai**



**Figura 02 – Mapa da divisão política do Paraguai**



Fonte: [http://country.paraguay.com/images/map\\_paraguay\\_regions.gif](http://country.paraguay.com/images/map_paraguay_regions.gif)

Vê-se na figura 02 que, politicamente, o país está dividido em 17 departamentos e tem como capital Asunción (DGEEC, 2004). A distribuição territorial da população paraguaia, por região, apresentada abaixo na tabela 01, ilustra as características geográficas que condensam a lógica de ocupação territorial do país. Os números retratam a distribuição populacional territorial e esta configuração permite perceber os processos migratórios associados aos processos de urbanização do país, nos quais a migração feminina é significativa, ainda que invisibilizada.

**Tabela 01- Distribuição territorial da população por subregiões (%) – 1950-2002**

	%					
Subregiões	1950	1962	1972	1982	1992	2002
<b>Norte</b>	11,0	11,7	13,3	13,0	13,2	11,9
Concepción	4,7	4,7	4,6	4,4	4,0	3,5
San Pedro	4,9	5,1	5,9	6,3	6,8	6,2
Amambay	1,4	1,9	2,8	2,3	2,4	2,2
<b>Leste</b>	6,1	8,2	12,7	18,7	21,6	21,9
Caaguazú	5,4	6,9	8,9	9,9	9,3	8,4
Alto Paraná	0,7	1,3	3,8	6,6	9,8	10,8
Canindeyú <sup>1</sup>	0	0	0	2,2	2,5	2,7
<b>Central</b>	39,3	35,8	29,5	34,2	23,9	26,6
Cordillera	10,9	10,4	8,2	6,4	4,8	4,5
Central <sup>2</sup>	9,6	7,9	7,0	16,4	10,2	14,3
Guairá	6,8	6,3	5,3	4,7	3,9	3,5
Paraguará	12,0	11,2	9,0	6,7	5,0	4,3
<b>Sudeste</b>	13,9	13,3	12,9	12,3	12,2	11,5
Caazapá	5,5	5,1	4,4	3,6	3,1	2,7
Itapúa	8,4	8,2	8,5	8,7	9,1	8,8
<b>Sudoeste</b>	7,1	6,5	6,0	4,9	3,8	3,5
Misiones	3,3	3,3	2,9	2,6	2,1	2,0
Ñeembucú	3,8	3,2	3,1	2,3	1,7	1,5
Asunción/AMA <sup>3</sup>	18,6	20,5	22,7	24,0	22,8	22,0
Região Ocidental ou Chaco	5,0	4,0	2,9	5,9	2,5	2,6
<b>Total</b>	100	100	100	100	100	100

Fonte: ADEPO/UNFPA, 2004

Elaboração própria.

Notas: 1. Dados do censo a partir de 1982, uma vez que este departamento foi criado depois de 1972 com o desmembramento dos departamentos de Caaguazú e Alto Paraná.

2. Menos os distritos que compõe a Área Metropolitana de Asunción (AMA).

3. Inclui os distritos de Fernando de la Mora, Lambaré, Luque, San Lorenzo, Mariano Roque Alonso, Ñemby, Capiatá, Limpio, San Antonio e Villa Elisa, até o censo de 2002. Após esta data, a região metropolitana de Asunción ampliou-se.

Assim, a Área Metropolitana de Asunción e a região Central são as áreas de maior concentração populacional do país, com 22% e 26,6% da população, respectivamente. A região Leste, que faz fronteira com o Brasil e onde se situa a área metropolitana de Ciudad del Este, capital do Departamento de Alto Paraná, vem em terceiro lugar com 21,9% de concentração populacional, o que configura a composição urbana nas últimas décadas.

Nas três principais cidades do país, Asunción, Ciudad del Este e Encarnación, habitam 27% da população urbana. O conjunto das três cidades soma 24 centros urbanos distritais de diferentes proporções e importância demográfica que abrigam

65% da população urbana total do país. Isso numa superfície geográfica de apenas 17% do território nacional. Os 35% do restante de habitantes urbanos estão distribuídos em outros 196 centros urbanos de volume populacional bem diverso. Sendo 15% dessas cidades com menos de 500 habitantes e outros 15% com mais de 500 e menos de 2.000 (OIT, 2013).

A distribuição espacial da população paraguaia é sumamente desequilibrada, apresentando poucas áreas de alta concentração demográfica, frente a extensas zonas de escassa ou dispersa população, sendo a maior aglomeração urbana centralizada na AMA.

No Paraguai, embora não tenha ocorrido um amplo processo de industrialização no mesmo período que nos demais países latino-americanos, a migração rural-urbana também predominou, ainda que o fenômeno não tenha acompanhado a intensidade observada em alguns outros países da região<sup>10</sup>. Isso se reflete, por exemplo, no baixo índice de urbanização que, até os dias atuais, vai-se dando de forma relativamente lenta.

Cabe ressaltar que a agricultura campesina foi, durante décadas, a atividade principal de grande parte da população rural, herança da agricultura indígena das populações guaranis. Isto permitia que a população rural permanecesse na terra. Com a entrada de estrangeiros durante o governo de Stroessner<sup>11</sup> (1954-1989), que visava inserir o Paraguai no mercado regional de produtos agropecuários e no modelo agroexportador, principalmente, da soja e do trigo, o cenário agrícola tomou outra proporção. Passou de um sistema agrário tradicional de policultura manual em pequenas glebas para um sistema em que imperaram as grandes fazendas de monocultura. Deste modo, instaurou-se no Paraguai um modelo agroexportador com forte estímulo do setor público e empresarial que, entretanto, não incorporou os agricultores familiares em sua maioria (GALEANO, 1997), o que se tornou um estímulo à migração em direção aos centros urbanos. Assim se expressa Galeano (1997),

---

<sup>10</sup> Cabe lembrar que, em termos continentais, a mobilidade populacional está atrelada ao processo de industrialização em vários países da região (SINGER, 1975).

<sup>11</sup> É neste período que aparece como grande “artífice” da transformação do Paraguai o general Alfredo Stroessner. Seu governo se caracterizou por medidas que afetaram profundamente o contexto agrário tradicional paraguaio. A emergência deste personagem está fortemente relacionado à situação agrária paraguaia pós-Guerra da Tríplice Aliança (contra Brasil, Argentina e Uruguai). Uma das principais consequências da derrocada paraguaia foi a formação de extensos latifúndios de exploração florestal a cargo do capital estrangeiro sem melhorar as condições de vida da população do país (JARA, 2004).

o modelo de desenvolvimento agroexportador implicou uma política econômica e demográfica contraditória. A tendência à atração populacional, em pouco tempo, foi equiparada e, em muitos casos, superada pela tendência de expulsão. Portanto, é compreensível que, nos momentos mais recentes e atuais, os destinos urbanos sejam preferidos, se comparados aos rurais, pelos migrantes internos. (GALEANO, 1997, p. 13-14, *tradução minha*).

De acordo com dados da *Encuesta Permanente de Hogares* DGEEC (2010), constatou-se que 59% da população se encontram no espaço urbano e 41% no espaço rural (OIT, 2013). O censo de 2002, último censo disponível, registrou um importante deslocamento da população paraguaia que habitava as áreas rurais. Índice bastante inferior a países como Argentina, Uruguai e Brasil. Apesar disso, percebe-se a cada ano o crescimento da população urbana. A população rural do Paraguai, por outro lado, diminuiu ao longo do tempo: de 63% em 1972, para 58% em 1982, 49% em 1992, chegando a 43%, em 2002.

O movimento migratório do campo para a cidade se deu de maneira tardia no Paraguai. Enquanto este processo aconteceu em meados dos anos 1960 nos demais países latino-americanos, no Paraguai foi a partir da década de 1980 que este deslocamento da população começou a se mostrar significativo. Somente a partir de 1992 é que podemos nos referir ao Paraguai como sendo uma sociedade predominantemente urbana.

As repercussões na história e na vida das mulheres migrantes que saem do interior do país para a Gran Asunción, – no fluxo rural-urbano, mas também urbano-urbano – são os principais interesses deste trabalho. A questão de expulsão dos pequenos agricultores de suas comunidades de origem e depois seus deslocamentos para a cidade podem ser entendidas como consequência de um complexo processo de degradação das condições de vida dessa população provocado por programas agrários que forçaram a migração interna (PALAU, 1987).

O governo implantado pelo General Stroessner<sup>12</sup> (1954-1989) teve três aspectos essenciais: a) política interna totalitária, regida pelo Partido Colorado, com ministros militares nomeados pelo general; b) política externa vinculada às questões

---

<sup>12</sup> Encontra-se em Goiris (2000) um capítulo dedicado à conceituação do autoritarismo do general Alfredo Stroessner e suas estratégias políticas de ocupação do território paraguaio (GOIRIS, 2000, p. 41-65). Em Rolon (2011), encontra-se a descrição da “política e poder no regime Strossnista”. Aqui a ênfase está nas estratégias políticas para manter-se no poder por 34 anos (ROLON, 2011, p. 65-80).

internas<sup>13</sup>; c) economia, visando a expansão agrícola (FRUTOS; 1997, p. 25; ROLON, 2010).

A expansão agrícola está vinculada a um programa específico do governo Stroessner, que iniciou com a criação do Instituto de Bienestar Rural (IBR), em 1963<sup>14</sup>. Este instituto tornou-se responsável por impulsionar a chamada reforma agrária no Paraguai e tinha a função de distribuir terras às famílias de agricultores paraguaios, na maioria das vezes, com escassos ou nenhum acompanhamento por parte da instituição, e fomentar a expansão de ocupação de terras por parte dos investidores estrangeiros (ALMADA, 2009).

Este modelo de programa de governo significou, por um lado, a expulsão dos camponeses da terra, pois não havia incentivo agrícola e, por outro lado, a implantação de latifúndios, na sua maioria, propriedades de coronéis paraguaios e fazendeiros estrangeiros. Esta estrutura agrária seguiu seu percurso até a queda da ditadura de Stroessner, em 1989<sup>15</sup> (NICKSON, 2005).

Portanto, nesta conjuntura social e política, era dada pouca atenção aos pequenos agricultores, os chamados campesinos, o que também se tornou fator de expulsão e incentivo à migração. Os dados oficiais confirmam os deslocamentos dos campesinos que foram desenraizados de seu lugar de origem e implantados em novos assentamentos, gerando anos consecutivos de êxodo rural.

No contexto histórico da abertura da fronteira agrícola – concretada mediante um vasto programa de colonização – durante as décadas de sessenta, setenta e metade dos oitenta, essas correntes haviam possibilitado o trânsito de aproximadamente 100 mil famílias campesinas das mais antigas e pauperizadas comunidades aos novos assentamentos rurais (DGEEC, 1997, p. 12, *tradução minha*).

---

<sup>13</sup> Stroessner, no início de seu mandato (1957), fundou Puerto Presidente Stroessner, hoje Ciudad del Este, sobre o rio Paraná, divisa com o Brasil. Abriu uma rodovia que faz a conexão entre Ciudad del Este e Asunción. Um dos mais importantes meios de entrada e saída de produtos e máquinas agrícolas (MOREIRA, 2012, p. 308).

<sup>14</sup> Foram várias as instituições e as leis responsáveis pelas políticas agrárias no Paraguai desde o início do século XVII. As mesmas tiveram a tarefa de impulsionar a economia e o desenvolvimento nacional através da agricultura e a administração de um dos bens mais importante do país: a terra. Essas leis foram criadas em épocas de intensa instabilidade política, como consequência da Guerra da Tríplice Aliança (1865-1870), da Guerra do Chaco (1932-1935) e dos inúmeros conflitos de cunho político que derivaram em constantes entraves ao desenvolvimento do país. Entre estas leis, a Lei n. 86, de 04 de junho de 1951, criou o Instituto de Reforma Agrária (IRA), no Departamento de Tierras e Colonias. A visão desta instituição era realizar uma distribuição de terras aos camponeses. Em 1963, o programa do governo Stroessner, com as Lei n. 852 e n. 854 criou e aprovou o Instituto de Bienestar Rural (IBR) e o Estatuto Agrário, respectivamente (NICKSON, 2005, p. 233-235; ALMADA, 2009, p. 77-103).

<sup>15</sup> Em 2003, o IBR foi mudado para o Instituto Nacional de Desarrollo Rural y de la Tierra (INDERT).

A pouca atenção dada aos pequenos agricultores se percebe a partir do programa do IBR, o qual não levava em consideração as necessidades básicas (água potável, energia elétrica, escolas, atenção à saúde, estradas de acesso às cidades) das famílias camponesas paraguaias. Esta estratégia terminou por expulsar os camponeses para as cidades, por isso,

os efeitos territoriais mais graves foram o desaparecimento, em alguns casos, e a debilidade, em outros, de *pueblos* e de cidades do interior do país, produzindo, assim, uma concentração da população, dos bens e dos serviços na cidade de Asunción, que se estendeu por muito tempo, retardando o crescimento e a expansão da ocupação nas demais cidades (VELASQUEZ, 1972, p. 22, *tradução minha*).

Além disso, os governos, principalmente o de Alfredo Stroessner (1954-1989), institucionalizaram programas de colonização para ocupar a área ocidental do país. A *colonización* tinha objetivo demográfico e migratório explícito. Conforme afirma Frutos (1997): “a colonização tinha por objetivo povoar o interior do país, transformando as terras não cultivadas em explorações racionais, para obter a melhor distribuição da população rural” (FRUTOS, 1997, p. 32, *tradução minha*).

Segundo Goiris (2000), a partir do início da década de 1970, o padrão habitual de migração interna da população passou por significativas mudanças, por meio das quais ocorreram deslocamentos de população do interior (rural) para a cidade (urbano), caracterizando a migração rural-urbana, que expulsa os camponeses de suas áreas e abre fronteiras para colonizadores estrangeiros, geralmente, com maior poder aquisitivo, sendo os reflexos desse processo cada vez mais impactantes no cenário social.

Podemos inferir que a política econômica e demográfica, impulsionada pelo regime político autoritário, com o passar do tempo gerou efeitos contraditórios. Numa primeira fase (anos 1960 e 1970), os novos núcleos e assentamentos rurais constituíam os destinos prioritários dos fluxos migratórios internos. Já na segunda fase (décadas de 1980 e 1990), esses mesmos núcleos tornaram-se áreas de taxas de migração do campo para os centros urbanos, dando lugar para a entrada de capital e mão de obra estrangeira. A este respeito, deve-se notar a forma e as limitações com que se completou o deslocamento da economia rural, através do programa da colonização, com presença de estrangeiros no território e, investimento dos mesmos

em tecnologias agrícolas, o que garantiu a sua viabilidade como um modelo de produção.

**Tabela 02 – População rural e urbana**

	<b>População Urbana</b>	<b>População Rural</b>	<b>Total de população</b>
<b>1977- 1982</b>	1.295.345	1.734.485	3.029.830
<b>1987-1992</b>	2.089.688	2.062.900	4.152.588
<b>1997-2002</b>	2.928.437	2.234.761	5.163.198

Fonte: STP/DGEEC: Censo Nacional de Población y Viviendas 1982, 1992 e 2002. Encuesta Permanente de *Hogares*, 2010. STP/DGEEC.

Embora lento e gradual, pode-se perceber um acréscimo populacional significativo no meio urbano a partir do ano de 1982, o que se pode atribuir ao programa do governo de incentivo à “fronteira agrícola” e à “produção de grãos”.

Como visto anteriormente, a preocupação governamental – especialmente no período do governo Stroessner – e o interesse político administrativo estavam voltados para a expansão da chamada “fronteira agrícola”, dividindo, assim, a população rural em dois grupos distintos: de um lado, o grupo das famílias camponesas e, de outro, os grandes proprietários, produtores e exportadores agropecuários (ALMADA, 2009, p. 77). Estes corroboraram para a expansão da economia e a produção de pecuária. Entre os anos de 1976 a 1979, a pecuária exportava mais de 5.600.000 de cabeças de gado para o Brasil. Sem contar com a exportação de gado e de grãos, no caso a soja, de forma “ilegal” ou de contrabando (MOREIRA, 2012, p. 314). Logo, às famílias camponesas, sem incentivo agrícola e sem acesso a aparelhos que sanassem suas necessidades básicas, restava a migração rumo à cidade.

Outra causa de abandono das terras, segundo Ayala (1996), foi o alto número de filhos por família, o que dificultava o sustento econômico, dada à indisponibilidade de terra para plantio agrícola. Diante da precariedade rural, as famílias buscavam refúgio na cidade onde também encontravam dificuldades de inserção no mercado de trabalho dada a falta de capacitação. Assim, repete-se no Paraguai um fenômeno observado em outros países da América Latina, onde a urbanização significa a proliferação da pobreza.

Goiris (2000), ao refletir sobre o mercado de trabalho do país, propõe que se perceba a mudança ocorrida na economia paraguaia, antes baseada prioritariamente

no setor primário, ou seja, o agrícola, dependente da soja e do trigo, e que passa a estar atrelada aos serviços. Ambos os setores figuram como os maiores contribuintes para o crescimento econômico do país em períodos subsequentes, revelando as mudanças sociais ocorridas (GOIRIS, 2000, p. 95-99).

Não existe no contexto do Paraguai, ao contrário da maioria dos países da região, uma tradição de estatísticas relativas aos censos econômicos. Os últimos dados do censo foram captados em 1964. A esta experiência deve-se adicionar duas pesquisas, de menor envergadura, que são as estatísticas industriais de 1956 e 1997. Portanto, a realização do censo econômico em 2011<sup>16</sup> foi de grande importância para o país, porque depois de quase cinco décadas voltou-se a captar informações dos setores produtivos: indústria, comércio e serviços – com exceção da agricultura – em nível nacional. A tabela 03 é um indicativo da distribuição econômica e populacional no país e ilustra as unidades econômicas, o número de funcionários, os salários, as despesas de compras de bens e serviços e as receitas de prestação de bens e serviços, por setor e atividade econômica, no ano de 2010.

**Tabela 03 – Unidades econômicas, pessoas ocupadas e receitas na economia urbana do Paraguai, em G\$, 2010**

<b>Receitas por setor de atividade</b>					
<b>Unidades econômicas</b>	<b>Pessoas ocupadas</b>	<b>Unidades de bens e serviços</b>	<b>Gastos por compras e prestação de bens e serviços</b>	<b>Remuneração em G\$</b>	<b>Total</b>
Indústria	24.527	134.500	2.395.902.288	21.534.456.943	30.890.067.530
Comércio	122.780	336.062	3.658.220.864	137.083.876.474	162.255.726.747
Serviços	76.933	291.611	5.110.895.896	39.709.584.816	58.411.961.021
<b>Total</b>	<b>224.240</b>	<b>762.173</b>	<b>11.165.019.048</b>	<b>198.327.918.233</b>	<b>251.557.755.298</b>

Fonte: Censo Econômico Nacional, 2011. Elaboração própria.

Como se pode observar na tabela 03, o comércio é o que conta com mais pessoas ocupadas e, conseqüentemente, com maior receita. O setor de serviços conta com o segundo maior número de unidades econômicas e se destaca com serviços de alimentação e bebidas. Percebe-se que estes três setores – indústria, comércio e

<sup>16</sup> DGEEC, Asunción, diciembre 2012. La Dirección General de Estadística, Encuestas y Censos (DGEEC) dependiente de la Secretaría Técnica de Planificación (STP) de la Presidencia de la República del Paraguay, presenta en este documento los resultados oportunos del Censo Económico Nacional 2011 (CEN). Disponível em: <http://www.dgeec.gov.py/Publicaciones/Biblioteca/Anuario2011/Anuario%20Estadistico%202011.pdf>

serviços – empregam juntos 762.173 mil pessoas e concentram uma receita de G\$251.557.755.298.

De acordo com o Ministério das Relações Exteriores – Departamento de Promoção Comercial e Investimentos (MRE/DPR/DIC), em 2013, com PIB nominal de US\$26 bilhões em 2012, o Paraguai ocupou a posição de 111<sup>a</sup> economia no *ranking* mundial. O setor de serviços (aqui comércio e serviços estão contabilizados juntos) constituiu o principal ramo da atividade econômica e respondeu por 67% do PIB, seguido do industrial, com 17%, e do agrícola, com 16%.

A maior concentração de unidades econômicas está no Departamento Central, seguida da Área Metropolitana de Asunción (AMA) e em terceiro Alto Paraná. Juntas, estas cidades centralizam um volume de G\$9.179.769.097, enquanto os demais departamentos somam G\$1.985.249.951. Podemos inferir, a partir desses dados, que a concentração populacional na AMA também se deve às oportunidades econômicas e de sustento da população.

Os dados referidos na tabela 03 não incluem as famílias empregadoras de pessoal doméstico e, embora inexistam dados estatísticos, o trabalho doméstico e o trabalho em setores do mercado informal, tais como vendedores ambulantes e trabalho em bares, são os espaços de inserção no mercado de trabalho das mulheres migrantes, o que nos remete ao tema específico desta dissertação. Assim, fazer essa breve referência à conjuntura econômica do país é importante a fim de compreender as condições em que vivem as mulheres entrevistadas nesta pesquisa, bem como os fatores estruturais que as conduzem aos grandes centros urbanos.

A partir dos dados apresentados podemos resumir o entrelaçamento entre migração e urbanização no Paraguai como sendo uma relação complexa de fatores, pois, na medida em que se mudou o modelo produtivo provocou-se a aceleração da urbanização via deslocamento de camponeses uma vez que não foram contemplados nos programas agrários de governo.

A complexidade urbana paraguaia, que até a década de 1970 foi um país rural, sem um processo de industrialização capaz de absorver as correntes migratórias, se configurou, em parte, pelo crescimento dos centros urbanos com mais de 5.000 habitantes, decorrentes da integração de áreas da periferia da cidade aos aglomerados urbanos. Formaram-se assim as áreas metropolitanas de Asunción, expandindo o Departamento Central, a de Ciudad del Este, no Departamento de Alto Paraná e a de

Encarnación, no Departamento de Itapúa. Juntas estas três cidades somam o maior contingente urbano do Paraguai.

Esta contextualização sociogeográfica associada aos fatores intervenientes na questão migratória rural-urbana aponta para os processos migratórios femininos neste país. A migração rural-urbana e a migração urbana-urbana apresentam repercussões na história e na vida das mulheres migrantes que saem do interior do país para a Gran Asunción e que são de certa forma invisibilizadas nestes contextos. A própria análise de estatísticas relativas aos censos econômicos não contempla o setor de serviços domésticos, onde atuam mulheres na maioria dos casos.

Cabe, portanto, neste trabalho, uma reflexão voltada para a questão feminina nos fluxos migratórios, uma vez que a proposta é analisar as trajetórias de um grupo de mulheres migrantes paraguaias que saíram do interior em direção ao centro urbano de Asunción.

## **1.2 A questão feminina nos fluxos migratórios no Paraguai**

A temática da migração de mulheres tem sido reconhecida como uma tendência em nível global (CASTLES; MILLER, 2003, p. 67). O caso da migração rural-urbana e urbana-urbana de mulheres, no contexto do Paraguai, é o que este trabalho se propõe a analisar tendo em vista que, durante a pesquisa de campo, foi possível perceber, nos depoimentos das entrevistadas, que suas trajetórias de migração se deram de uma zona rural ou cidade do interior do país para a capital, fazendo, às vezes, um trajeto mais longo que inclui outra capital de departamento, antes de chegar a Asunción, em geral, Ciudad del Este.

*Saí de casa com 16 anos, agora tenho 22. Estou em Asunción há quatro anos. Antes de chegar aqui, fui para Ciudad del Este.*  
(AZÁLEA)

*Abandonei meu marido e peguei o meu destino rumo a Ciudad del Este. Saí de casa grávida e tive meu filho em Ciudad del Este, quando ele tinha seis meses de vida, vim com o bebê para Asunción.*  
(TULIPA)

*Vivia em Concepción com meus pais.* (ACÁCIA).

*Eu morava com meus pais e seis irmãos em Capietá, Departamento de San Pietro. (ROSA)*

*Primeiro eu me casei e fui para San Pietro. Aí me separei. Deixei meu filho de dois anos aos cuidados de minha mãe e meu pai. Depois eles (pai e mãe) se separaram. Então meu filho ficou com minha mãe, sabes. Eu fui pra Ciudad del Este e depois vim para Asunción em procura de uma vida melhor, sabes. Mas eu vim para a cidade em busca de trabalho e de outra vida por que lá (San Pietro) já não era mais possível ter paz e alegria, sabes. (MARGARIDA)*

Uma das coordenadoras do *Hogar de Tránsito* percebe com sensibilidade a complexidade que existe nos processos de migração feminina ao afirmar que,

dentro do grupo de migração para Asunción, a mulher apresenta características específicas, porque normalmente a discriminação em relação a ela já está presente nos locais de origem, decorrente da subordinação a que está sujeita, como resultado de padrões culturais patriarcais (...). Histórias que, na maioria das vezes, são tristes e difíceis de contornar, mas ao longo do tempo pode-se perceber um crescimento na fé, na confiança e na abertura para expressar os sentimentos e, em consequência, uma mudança na autoestima, valorizando-se muito mais. (BIAZIBETTI, 2009, p. 114, *tradução minha*).

Assis (2011) nos alerta que “embora muitas vezes os dados sobre contingentes de mulheres aparecessem nos estudos, suas experiências, vivências, e trabalho, ficavam encobertos na categoria migrante, considerada a invisibilidade do gênero” (ASSIS, 2011, p. 26). Nos dados recolhidos do Paraguai isso não é diferente. Há um silêncio, quase absoluto, em se tratando de mulheres migrantes. Não há distinção entre a migração de homens e mulheres, ambos aparecem juntos sob o termo “população” ou “família”. O que a literatura trata, na sua maioria, é sobre a migração feminina do Paraguai para o exterior<sup>17</sup>.

Tomaz Palau (2011) chama a atenção para a migração interna no Paraguai e aponta que o setor rural expulsa muito mais mulheres do que homens para as cidades e isto “*desde muy tempranas*”. Uma das entrevistadas confirma a afirmação do autor ao relatar sua trajetória de migrante em busca de condições não disponíveis no mundo rural, assim ela conta:

---

<sup>17</sup> Encontram-se artigos referentes à migração feminina paraguaia para o exterior em Helpert (Org.), 2011. Os artigos discorrem sobre, por exemplo, “serviços domésticos de mulheres paraguaias em Buenos Aires” e “redes de organização política de paraguaios e paraguaias residentes no exterior”; e fazem “análises sobre a migração de mulheres paraguaias com destino à Espanha”.

*no interior, eu tive que sair da escola com 9 anos. Era muito longe e não tinha como ir. Era difícil as meninas saírem tão longe de casa para ir ao colégio. E lá tinha até o quarto grau. Então eu passei a trabalhar com minha mãe na casa, na horta, e com tudo. Depois que me separei do meu marido e agarrei meu destino foi quando cheguei aqui. Eu estava com 16 anos. (AZÁLEA)*

Palau (2011) acentua que a migração feminina tem sido tradicionalmente urbana, seja dentro ou para fora do país. Atraídas pelo setor de serviços e, especialmente, por empregos domésticos.

Além dos trabalhos de Palau (1995; 1997; 2011), existem, ainda, trabalhos publicados a partir da década de 1990, que tratam das migrações no Paraguai sob duas perspectivas: a da imigração e da emigração, ou seja, dos fluxos migratórios que entraram no Paraguai e da migração paraguaia para fora do país. Pouco se fala sobre a migração interna, desconsiderando o deslocamento do campo para espaços urbanos ou de cidades menores para a capital do país.

Sendo a AMA a que mais concentra população e que oferece um volume significativo de mercado de trabalho, esta foi a região escolhida como campo de estudo. Além de Asunción, a trajetória migratória de algumas entrevistadas narrava uma etapa anterior de migração para Ciudad del Este, o segundo lugar em concentração de unidades de serviço e comércio e importante cidade turística. Dito isso, justifica-se uma exposição sobre estas duas cidades, destinos preferenciais das migrantes envolvidas nesta pesquisa.

### 1.2.1 Asunción

Asunción foi fundada em 1537, em torno da baía de Asunción, às margens do Rio Paraguay, e se constituiu historicamente como a origem das cidades no solo paraguaio, de onde partiram contingentes populacionais espanhóis, mestiços e indígenas para fundarem uma série de cidades na América espanhola, justamente por isso, foi denominada de *madre de ciudades*.

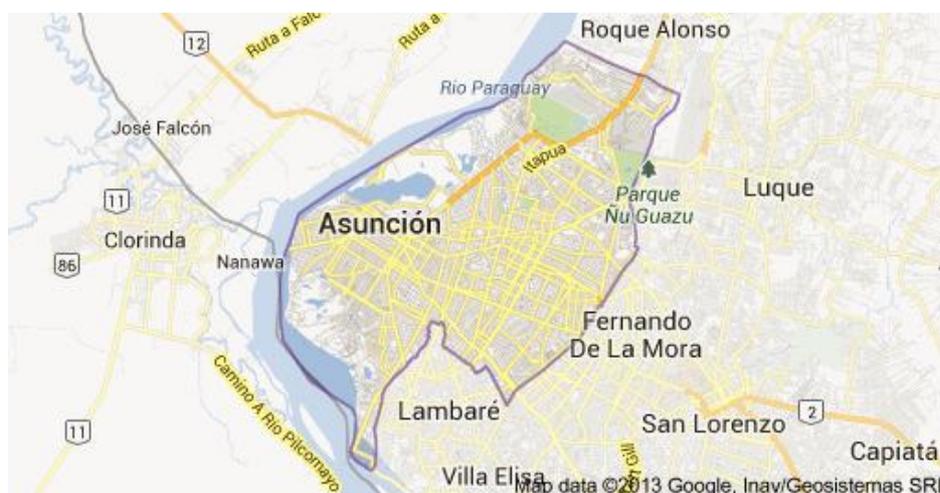
Conforme registro no Atlas (DGEEC, 2004), a cidade de Asunción faz fronteira a noroeste com a região ocidental e ao sul com o território argentino, em frente à confluência dos rios Pilcomayo e Paraguay.

Segundo Galeano (2004),

apesar de algumas variantes no transcurso do tempo, desde sua fundação até nossos dias, Asunción é o centro da atividade nacional. Da capital saem as principais resoluções e os projetos dos poderes do Estado, lá se centralizam os bancos, as entidades econômicas, culturais, diplomáticas, sociais, agremiativas e industriais do país (GALEANO, 2004, p. 4, *tradução minha*).

Como ilustra a figura 03, a AMA, atualmente, integra outros distritos, formando a Gran Asunción. A migração conduziu grande quantidade de pessoas em direção à capital, configurando-se em deslocamentos voltados ao assentamento humano em espaços no entorno do centro, contribuindo para o processo de urbanização e de criação da área do conurbado.

**Figura 03 – Área Metropolitana de Asunción**



Fonte: <https://maps.google.com.br>

Destacam-se, a seguir, as cidades que compreendem a AMA. Nela há uma expressiva concentração de população urbana, conforme a tabela 04. Esta tabela apresenta a discriminação da população por gênero.

**Tabela 04 - População urbana e rural na Área Metropolitana de Asunción  
segundo o Censo 2002**

<b>População urbana e rural na Área Metropolitana de Asunción. Censo 2002</b>									
	Homens urbanos	Mulheres urbanas	Homens rurais	Mulheres rurais	Total homens	Total mulheres	Total urbano	Total rural	Total
Asunción	238.815	273.297	0	0	238.815	273.297	512.112	0	512.112
Luque	84.292	86.694	7.131	7.010	91.423	93.704	170.986	14141	185.127
Fernando de la Mora	53.845	59.715	0	0	53.845	59.715	113.560	0	113.560
San Lorenzo	98.888	105.468	0	0	98.888	105.468	204.356	0	204.356
Lambaré	57.152	62.643	0	0	57.152	62.643	119.795	0	119.795
Mariano Roque Alonso	32.208	33.021	0	0	32.208	33.021	65.229	0	65.229
Ñemby	35.429	36.480	0	0	35.429	36.480	71.909	0	71.909
Capiatá	76.613	77.661	0	0	76.613	77.661	154.274	0	154.274
Limpio	36.643	36.515	0	0	36.643	36.515	73.158	0	73.158
San Antonio	18.819	18.976	0	0	18.819	18.976	37.795	0	37.795
Villa Elisa	25.871	27.295	0	0	25.871	27.295	53.166	0	53.166
<b>Total</b>	<b>758.575</b>	<b>817.765</b>	<b>7.131</b>	<b>7.010</b>	<b>765.706</b>	<b>824.775</b>	<b>1.576.340</b>	<b>14.141</b>	<b>1.590.481</b>

Fonte: DGEEC, 2002  
Elaboração própria.

Os dados aqui reportados são do censo 2002, o que dificulta uma maior aproximação com a realidade atual. Porém, os dados disponíveis são significativos e permitem uma visão da dinâmica demográfica. Segundo dados mais atuais (2013), Asunción tem uma população de pouco mais de 740 mil habitantes, mas sua área metropolitana atinge 2.068.036 habitantes, sendo a maior aglomeração urbana do Paraguai (OIT; DGEEC, 2013).

No caso de Gran Asunción, o que mais nos interessa é a tendência sempre à maior da população feminina sobre a masculina. Mesmo nos casos em que a população rural masculina se apresenta em quantidade superior, como em Luque, a diferença da presença masculina no ambiente rural não chega a cobrir a discrepância entre homens e mulheres no ambiente urbano, permanecendo, assim, maior o número de mulheres.

O saldo negativo de 59.069 homens na AMA nos motiva a pensar que esta diferença não se deve apenas aos melindres imponderáveis da natalidade<sup>18</sup>, mas sim a um conjunto de fatores socioeconômicos que favorecem a chegada e a permanência de mulheres no meio urbano. Podemos considerar como um dos fatores de permanência a maior rapidez na inserção da mulher no mercado de trabalho e como um dos fatores de chegada ou acesso à cidade e também de permanência no espaço urbano a acolhida e o apoio recebido por ONGs, como no caso deste trabalho, o *Hogar de Tránsito Santa Librada*, onde foram feitas as entrevistas relatadas nesta dissertação.

Estas mulheres chegam a Asunción, estabelecem moradia na área metropolitana, mas as dificuldades financeiras e a especulação imobiliária as empurram para mais longe. A tabela 05 demonstra o deslocamento populacional dentro da área metropolitana.

---

<sup>18</sup> Cabe ressaltar que, em termos nacionais, conforme a Dirección General de Estadística, Encuestas y Censos do Paraguai, em 2007, a população do país era formada por 3.094.044 homens e 3.025.598 mulheres.

**Tabela 05 – Migração interdepartamental, considerando a moradia nos 5 anos anteriores segundo o Censo 2002**

<b>AMA (Área Metropolitana de Asunción)</b>	<b>Imigrantes (interdepartamentais)</b>	<b>Emigrantes (interdepartamentais)</b>	<b>Migração líquida</b>
Asunción – homens	20.980	37.956	-16.976
Asunción – mulheres	29.475	40.831	-11.356
Luque – homens	7.058	2.805	4.253
Luque – mulheres	7.772	2.832	4.940
Fernando de la Mora – homens	5.255	2.392	2.863
Fernando de la Mora – mulheres	6.966	2.607	4.359
San Lorenzo – homens	8.684	3.690	4.994
San Lorenzo – mulheres	10.711	3.609	7.102
Lambaré – homens	4.691	2.481	2.210
Lambaré – mulheres	6.401	2.535	3.866
Villa Elisa – homens	2.518	753	1.765
Villa Elisa – mulheres	3.060	769	2.291
Mariano Roque Alonso – homens	3.560	1.479	2.081
Mariano Roque Alonso – mulheres	3.855	1.422	2.433
Ñemby – homens	3.444	1.288	2.156
Ñemby – mulheres	3.967	1.332	2.635
Capiatá – homens	6.861	2.560	4.301
Capiatá – mulheres	7.452	2.562	4.890
Limpio – homens	4.332	1.109	3.223
Limpio – mulheres	4.480	1.060	3.420
San Antonio – homens	1.689	287	1.402
San Antonio – mulheres	1.860	231	1.629
<b>Total homens</b>	<b>69.072</b>	<b>56.800</b>	<b>12.272</b>
<b>Total mulheres</b>	<b>85.999</b>	<b>59.790</b>	<b>26.209</b>
<b>Total</b>	<b>155.071</b>	<b>116.590</b>	<b>38.481</b>

Fonte: DGEEC, 2002

Elaboração própria.

Os dados da tabela 05 apresentam um saldo negativo de migrantes para a cidade de Asunción. No entanto, aumentou o número de pessoas na área metropolitana, por exemplo, em Villa Elisa, em Lambaré e em Luque.

Pode-se inferir que o custo de vida no centro da cidade tornou-se mais elevado em relação ao das cidades do entorno, o que motivou a expansão urbana para as “periferias”. Junto a isso, provavelmente, ocorreu uma crescente valorização da propriedade imobiliária impossibilitando às pessoas de baixa renda pagar um aluguel,

o que impulsionou a busca por moradia no entorno da grande cidade, onde o valor do aluguel é mais baixo, resultando, por conseguinte, em novas segregações sociais. Esta mudança de lugar de moradia, muitas vezes implica também mudança de trabalho, que por sua vez resulta em novas configurações nas relações das redes sociofamiliares. Tal fato aparece no depoimento dado por Acácia:

*Eu trabalhei seis meses numa casa de família, no centro de Asunción. Eu recebia duzentos e cinquenta mil guaranis por mês (G\$ 250.000). Pagava um aluguel de quarenta mil guaranis (G\$ 40.000) no início, depois o aluguel passou para setenta mil guaranis (G\$ 70.000). Então precisei mudar de residência. Saí e fui morar em Lambaré. Aí precisei sair do trabalho também porque tinha que pagar dois ônibus e o que eu recebia não compensava (ACÁCIA).*

Como se pode perceber, a migração urbana-urbana tem impactos econômicos reais que afetam profundamente a escolha de moradia e nas condições de deslocamento para o trabalho. Os dados da tabela 05 referentes à cidade de Asunción revelam o maior número de mulheres entre os migrantes, evidenciando um total de 29.475 mulheres que tem como destino a AMA, enquanto o número de homens é de 20.980. Em suma, chegam à Área Metropolitana de Asunción mais mulheres que homens. Assim, dentro do conjunto de migrantes, a situação das mulheres assume uma importância particular.

É importante sublinhar que, ao se colocar em destaque os aspectos de mobilidade populacional intrínsecos aos processos migratórios, foram usados prioritariamente os dados censitários. Os dados oficiais servem para contextualizar esta pesquisa, pois os mesmos confirmam, no caso em estudo, a presença significativa de mulheres migrantes em Asunción.

### 1.2.2 Ciudad del Este

Ciudad del Este é uma cidade e também um distrito do Paraguai, situada no extremo leste do país às margens do rio Paraná. É a capital do departamento de Alto Paraná e está localizada a 327km de Asunción.

Ciudad del Este, conhecida, particularmente, por ser uma zona comercial e de fluxo de turistas com interesse em compras, é responsável por 10% do PIB paraguaio.

Concentra grande parte da população paraguaia, sendo a segunda cidade mais populosa do país, ficando apenas atrás da capital Asunción. É um dos destinos de maior fluxo migratório interno.

Por ser uma cidade localizada na fronteira entre Brasil, Paraguai e Argentina, Ciudad del Este é um mosaico dinâmico construído pelas relações que estabelece com seus moradores, turistas e transnacionais.

**Figura 04 – Área Metropolitana de Ciudad del Este**



Fonte: <https://maps.google.com.br>

No caso de fronteiras como a de Ciudad del Este (Paraguai) e Foz do Iguazu (Brasil), separadas apenas por uma ponte que pode ser cruzada caminhando, a interação local atinge uma complexidade que ultrapassa as atuações de âmbito nacional dos Estados, ligando-se aos habitantes destas regiões e apresentando um conjunto de múltiplas relações, tais como as econômicas, sociais, políticas, culturais, pessoais, trabalhistas e muitas outras possíveis de serem estabelecidas num espaço transnacional.

Estas relações estão presentes no depoimento de Azaléa. Ela relata que em seu caminho de chegada à Asunción passou por Ciudad del Este, mediante o aliciamento para o trabalho sexual no exterior. A primeira vez foi aliciada por uma pessoa que prometeu emprego com bom salário. Era um grupo de seis pessoas. Foram parar na Suíça e de lá foram devolvidas para o país de origem. A segunda vez foi para a Espanha através de um tio, que se apresentou como irmão de seu pai, mas que não foi criado com a família. Essa tentativa também fracassou.

*Em Ciudad del Este, se apresentou uma pessoa que me disse que tinha um bom emprego para mim, que em poucos meses eu ia conseguir dinheiro para construir minha casa e dar sustento para meus dois filhos. Mostrou a foto de outras cinco meninas que já estavam com os documentos prontos e se eu quisesse teria vaga para mais uma. Então eu aceitei e disse para minha amiga não falar para meus pais, por que eu iria somente por uns quatro meses e depois voltaria. Paguei os documentos e fomos. Tudo parecia bonito e eu estava feliz. Minhas companheiras que conheci no aeroporto de Foz estavam felizes também. Depois (fez um silêncio, se emocionou, apertou as mãos e os lábios, interrompeu o silêncio e continuou) ficamos num salão do aeroporto da Suíça, acho que por três dias, lá era sempre escuro, não dava pra saber se era noite ou dia. Não entendíamos nada das falas deles (se referia a agentes da migração), depois nos colocaram num avião e nos enviaram até Foz, depois viemos com outro carro até o Paraguai. Eu perdi todo dinheiro que tinha conseguido guardar quando trabalhava na casa da minha amiga. Então voltei para casa de meus pais. (AZALÉA)*

O interessante deste depoimento é a presença de Foz de Iguazu como “cidade de origem” das mulheres levadas para a Europa com fins de exploração sexual. Embora paraguaias, partiram de Foz e para lá retornaram, posteriormente se dirigiram a Ciudad del Este de carro. Não há nenhuma menção quanto a dificuldades para cruzar os limites entre Brasil e Paraguai, nem para embarcar no aeroporto de Foz de Iguazu, que foi o ponto de encontro de todo o grupo que viajaria junto, embora exista o Aeroporto Internacional Guaraní, localizado na periferia da cidade de Minga Guazú, na área metropolitana de Ciudad del Este.

Esta interrelação entre pessoas, países e a dinâmica de incorporação ao mercado de trabalho pode ser melhor percebida no depoimento de Tulipa. Ela escolheu Ciudad del Este como destino migratório por conhecer uma pessoa na cidade.

*Amanheci, as duas da manhãzinha, deixei meu filho de seis meses com minha mãe, tomei o Micro (ônibus interestadual) e me fui para Ciudad del Este. Amanheci no Km 6 na casa de uma conhecida minha. Ela trabalhava em Foz do Iguazu e me arrumou trabalho. Ela ia todos os dias para Foz e voltava de noite. Eu ia com ela duas vezes na semana ajudar na limpeza da loja que minha amiga trabalhava, os outros dias eu cuidava da casa dela onde eu também morava. Ali trabalhei nove meses e depois quando meu filho tinha seis meses (segundo filho), agarrei meu destino para Asunción e aqui estou.(TULIPA)*

Portanto, o limite territorial, compreendido como uma barreira natural entre dois países, precisa ser desnaturalizado, visto que as interações diárias vivenciadas pelos habitantes destas regiões podem ser entendidas como processos cotidianos de relacionamento, devido à proximidade e à interpenetrabilidade das populações, mediante contratos de trabalho, relações de parentesco ou simplesmente pela possibilidade de transitar com facilidade entre os limites geopolíticos para viajar, fazer compras ou aproveitar as diferenças cambiais.

Mesmo estando na “era das migrações”, como afirmam Castles e Miller (2012) é surpreendente que o Paraguai, país de baixa densidade populacional, apresente um significativo fluxo de emigração e uma crescente migração rural-urbana. A realidade complexa dos aglomerados urbanos interpela-nos sobre a necessidade de prestar atenção ao fenômeno migratório, em especial, aos deslocamentos de mulheres camponesas que buscam alternativas de vida nos centros urbanos, e realizar uma análise que considere os vários fatores envolvidos neste fenômeno e que contribua para o entendimento das necessidades que desencadeiam a migração feminina e das possibilidades que mantêm as migrantes instaladas no meio urbano.

Este capítulo dedicado ao Paraguai, sua geografia, seu enfoque na questão política e econômica, seus processos migratórios internos e suas características populacionais e urbanas são a base onde este trabalho se assenta e demarca o espaço para a construção de uma reflexão referente aos caminhos e aos descaminhos dos processos migratórios do grupo de mulheres sobre o qual o presente estudo se debruça.

## 2 MIGRAÇÃO E GÊNERO: ABORDAGENS E PERSPECTIVAS TEÓRICAS

Os estudos sobre migração emergiram enquanto preocupação científica a partir da segunda metade do século XIX<sup>19</sup>. Desde então, vem-se produzindo no meio acadêmico um arcabouço inesgotável de marcos teóricos e abordagens metodológicas destinados a explicar e compreender os fenômenos migratórios. Entretanto, qualquer perspectiva, se tomada isoladamente, tende a proporcionar uma interpretação apenas parcial e limitada da migração, já que se trata de um fenômeno social, diversificado e complexo que, sob diferentes formas, aparece ao longo da história humana. Os migrantes podem ser diferenciados pelo gênero, pela nacionalidade, pela classe social, pela etnia, pela idade, pelas causas e motivações da migração, pelo *status* migratório, pela natureza e influência na economia global (GONÇALVES, 2009, p. 23).

A complexidade do fenômeno é atestada por Douglas Massey (1990) que pontua a divergência entre os estudiosos do tema em relação a quatro aspectos básicos relativos a: a) dimensão temporal do fenômeno, o que permite analisá-lo por uma perspectiva sincrônica ou diacrônica; b) a ação de migrar, a qual pode ser compreendida por uma análise com ênfase nos aspectos estruturais ou individuais; c) ao nível de análise – indivíduo, domicílio, comunidade, região geográfica ou outra –; d) o impasse em relação à ênfase colocada nas causas ou nos efeitos da migração (MASSEY, 1990, p. 4). Para este autor, uma teoria sobre as migrações deve incorporar, simultaneamente, vários níveis de análise dentro de uma perspectiva processual.

Na presente pesquisa, diante da necessidade de conciliar os aspectos estruturais e subjetivos do processo migratório para analisar causas, motivações e processos de empoderamento e busca por autonomia das mulheres migrantes paraguaias que entrevistei, vi-me diante do desafio de debater com algumas das principais vertentes deste campo de estudo, a saber: as abordagens economicistas, histórico-estrutural e de redes sociais. Além disso, tendo por objeto as mulheres migrantes, não pude me furtar ao diálogo com as teorias que abordam a migração a

---

<sup>19</sup>Ravenstein publicou, em 1885, o clássico trabalho chamado *As leis da migração*. A partir dele os estudos populacionais com desdobramentos voltados para a migração entraram na pauta das preocupações científicas.

partir da perspectiva de gênero e ver de que modo estas teorias tratam as questões da autonomia e do empoderamento das mulheres no processo migratório.

## **2.1 Teorias Economicistas: Abordagem Neoclássica e da Nova Economia da Migração**

Na teoria de Ravenstein (1885 *apud* PEIXOTO, 2004, p. 5), autor clássico dos estudos sobre migração, o aspecto econômico é fator determinante para o fluxo migratório. Em sua opinião as diferenças salariais entre países de origem e de chegada determinam a escolha migratória, sendo que a igualdade econômica entre regiões acabaria estancando o fluxo migratório. Além disso, Ravenstein entende a migração como um ato individual, racional, de escolha própria ponderada, espontânea e voluntária, baseada em motivações pessoais. Por essa razão, esta teoria está na base de todos os modelos modernos de *push-pull*.

Conforme a perspectiva economicista, a tomada de decisão para empreender a migração é oriunda de decisões individuais (teoria Neoclássica) ou coletivas (teoria da Nova Economia da Migração) realizadas por agentes racionais que visam a alcançar condições sociais e econômicas melhores do que as já estabelecidas. Neste caso, a tomada de decisão implica um cálculo de custo-benefício, haja vista que se analisam normalmente as características e as potencialidades da região de possível destino, principalmente no que se refere às possibilidades de emprego e níveis salariais. Portanto, a decisão de migrar acontece a partir da percepção de que os custos migratórios serão superados pelos benefícios (CASSARINO, 2013).

Arango (2003) aponta os limites que esta abordagem economicista apresenta por se centrar exclusivamente no fator econômico, deixando a desejar em questões como a política e a cultura. Neste sentido, a teoria neoclássica da migração é criticada por

minimizar a importância dos distintos fatores além dos econômicos, em especial daqueles de natureza cultural, necessariamente influentes em uma decisão tão existencial como a de migrar; por reduzir mecanicamente os fatores determinantes das migrações; por tratar indiscriminadamente a todos os migrantes e a todas as sociedades implicadas na migração, como se fossem homogêneos; por adotar uma perspectiva estática; por identificar os migrantes com os trabalhadores e omitir qualquer outro tipo de migração que não seja de mão de obra. (ARANGO, 2003, p. 10, *tradução minha*)

Ao reduzir a migração a motivações de ordem puramente econômica, não se leva em conta a heterogeneidade e a complexidade do fenômeno, e não se colocam em pauta outras motivações individuais, principalmente aquelas relacionadas com a subjetividade do migrante.

Crítico das abordagens economicistas é também o pesquisador norte-americano Alejandro Portes (1995), de acordo com o qual nos últimos anos foram elaborados novos aportes teóricos que contemplam o indivíduo e o contexto social de forma interrelacionada, considerando o modo com que o contexto social influencia o indivíduo, e também como este último interage com o ambiente que o circunda. Nesse caso, diferentemente da visão neoclássica, os indivíduos não atuam apenas como agentes econômicos, já que também provocam mudanças culturais nos contextos sociais<sup>20</sup>.

Além disso, é preciso levar em conta que muitas pessoas não migram somente por opção própria. Refugiados, solicitantes de asilo ou deslocados ambientais, por exemplo, são obrigados a fugir de suas terras (CASTLES, 2003). Este é o caso também de algumas das entrevistadas que, em decorrência das circunstâncias locais de violência doméstica e de falta de perspectiva de transformação social local são, de fato, “forçadas” ou “induzidas” a migrar, independente de sua escolha.

Diferentemente da abordagem Neoclássica, para a teoria da Nova Economia das Migrações, a migração, ainda que motivada por razões econômicas, não é mais vista como um processo individual, e sim por unidades, como, por exemplo, a família ou até a comunidade. Conforme essa interpretação busca-se não só a maximização de benefícios econômicos mediante a migração para lugares que oferecem empregos com salários mais altos, mas principalmente diversificar as fontes de renda das unidades de referência, angariar recursos para investir em atividades na terra de origem (CASTLES; MILLER, 2012) e minimizar os riscos associados ao leque de falhas do mercado (MASSEY et al., 2009).

Há, portanto, motivações de cunho individual e coletivo que impactam na decisão de migrar. A esse respeito, é preciso ter em conta que as diferentes teorias explicativas das migrações não são necessariamente contraditórias e excludentes. Na

---

<sup>20</sup> Portes (1995) aponta que as ações econômicas dos indivíduos têm uma orientação social, em diferentes domínios, como as questões de ordem moral e os objetivos sociais dependentes de terceiros, como a aprovação do grupo, o reconhecimento de mérito, a aquisição de *status*, a obtenção de poder e as expectativas dos indivíduos

verdade, concordando com Massey et al. (2009), entendo que os processos migratórios podem ser analisados a partir de diferentes prismas através dos quais se olha e se interpreta uma determinada realidade. Nesse sentido,

todas as teorias desempenham algum papel em responder pela migração no mundo contemporâneo, embora diferentes modelos predominem em diferentes fases do processo de migração, e diferentes explicações carregam diferentes pesos em diferentes regiões dependendo das circunstâncias históricas, políticas e geográficas locais (MASSEY et al., 2009, p. 83, *tradução minha*).

A complexidade e a heterogeneidade do fenômeno migratório, bem como seu grande dinamismo, dificultam ou impossibilitam a criação de um único marco teórico capaz de abranger e explicar de maneira satisfatória o fenômeno em todas as suas nuances (CASTLES, 2010). As abordagens economicistas, portanto, apesar das contribuições que oferecem para a compreensão dos fluxos migratórios associados às diferenças salariais<sup>21</sup>, não são suficientes para dar conta da complexidade dos deslocamentos populacionais (SOARES, 2003). A experiência tem mostrado que os migrantes não respondem mecanicamente às diferenças nas taxas salariais e de emprego, pois não estão imbuídos das mesmas motivações, não enfrentam os mesmos obstáculos e não vivem nos mesmos contextos sociais, econômicos, culturais e políticos.

## **2.2 A Abordagem histórico-estrutural**

Relacionado a abordagens economicistas, o enfoque histórico-estrutural concebe a migração em suas vinculações com o caráter histórico do desenvolvimento do capitalismo. Com marco nos anos 1950, sustenta que, por conta da distribuição desequilibrada do poder político entre as nações, a expansão do capitalismo perpetua as desigualdades e fortalece uma ordem econômica estratificada.

Para Singer (1975),

---

<sup>21</sup> Se levarmos em conta que grande parte da atração específica exercida pela migração tem a ver com os mercados "secundários", ou zonas de economia informal, não se pode negar que os deslocamentos populacionais estejam relacionados também à existência de setores com características diferenciadas e, portanto, a motivações de ordem econômica.

o contexto as migrações internas (sem falar das internacionais, que poderiam, em boa parte, ser explicadas do mesmo modo) não parecem ser mais que um mero mecanismo de redistribuição espacial da população que se adapta, em última análise, ao rearranjo das atividades econômicas (SINGER, 1975, p. 33).

De acordo com o autor, devido ao aumento dos serviços e da atividade industrial nos grandes centros urbanos, cresce a necessidade por força de trabalho, sendo este considerado um dos principais fatores de atração. Os migrantes são atraídos para os grandes centros urbanos devido à demanda abundante de mão de obra, com perspectivas de melhores oportunidades, maiores salários, que não estão disponíveis em seu local de origem. Já os fatores de expulsão são de dois tipos: o primeiro é o fator de mudança, tendo como principal característica a mecanização da agricultura, a qual tem como objetivo o aumento da produção, diminuindo assim a oferta de trabalho na região rural, causando grande fluxo de emigração, reduzindo inclusive o tamanho absoluto da população rural. O segundo fator de expulsão é o de estagnação, cujo principal motivo seria a forte pressão populacional sobre as terras cultiváveis. Ou seja, com o aumento da população, torna-se cada vez mais difícil que as pessoas permaneçam no campo, ou na zona rural, pois o crescimento populacional é incompatível com a constância física das áreas aproveitáveis para a agricultura, se mantidas as relações de produção tradicionais, impossibilitando, assim, maior produtividade. Considerando-se que a incorporação de novas áreas de terra é limitada, pois a maior parte pertence aos grandes proprietários, não resta alternativa, senão a emigração. Em suma, os fatores de mudança seriam resultantes da introdução de relações capitalistas nas áreas rurais, o que levaria a um desemprego estrutural e os fatores de estagnação seriam resultantes da incapacidade dos produtores das áreas rurais de elevarem a produtividade da terra e se adequarem aos novos padrões de produção exigidos (SINGER, 1975).

Dito isso, este autor contribui para a sistematização desta perspectiva ao analisar os motivos e as causas das migrações. Para ele, os fatores que determinam o fluxo migratório rural-urbano estão relacionados ao processo de desenvolvimento do país. O autor, aqui, se refere ao Brasil, mas sua reflexão pode ser atribuída também a outros países, como o Paraguai.

Os motivos e as causas decorrem de fatores de “atração” e “expulsão”, ou da interação de ambos. O principal fator de atração dos migrantes seria a demanda por força de trabalho nas cidades, sendo que a principal motivação para migrar seriam as

oportunidades econômicas, principalmente, a possibilidade de uma melhor remuneração. Como obstáculos à migração, o autor destaca: a) a baixa qualificação dos migrantes e sua insuficiência de recursos; b) a oferta de trabalho nas cidades que, devido à migração, seria menor que a demanda; c) o fato de a demanda por mão de obra crescer menos que o produto; e d) a marginalização do migrante, que resultaria na formação de um exército industrial de reserva, pressionando os salários dos trabalhadores urbanos para baixo (SINGER, 1975, p. 217-219).

Enfim, sob a perspectiva histórico-estruturalista, a migração interna é entendida como um dos processos fundamentais, pois seria uma consequência do processo de desenvolvimento capitalista das sociedades. Segundo este enfoque, as migrações internas podem ser explicadas a partir da distinção entre as características estruturais que surgem no processo de desenvolvimento e a formação das sociedades capitalistas centrais e periféricas, principalmente, em relação aos fatores econômicos e políticos distintos existentes entre as sociedades.

Uma perspectiva teórica que não faz parte do escopo das teorias de migrações internacionais, mas que contribui para o entendimento do meu objeto e que se aproxima da abordagem histórico-estrutural é a teoria da modernização. Essa perspectiva diz respeito à transição das regiões rurais para uma economia urbano-industrial e dá ênfase às decisões racionais e econômicas progressivas dos migrantes, tendo em vista as diferenças, com base na terra, no trabalho e no capital entre os países de origem e de destino dos migrantes. Portanto, a teoria da modernização envolveu um modelo de equilíbrio de desenvolvimento, resultando em um balanço mais equitativo entre os recursos e a pressão populacional nas duas sociedades: a de origem e a de destino (Mayer, 1998).

Parella (2003) argumenta que,

a modernização, como modelo de desenvolvimento econômico e social, surge nos anos 50/60, quando o conceito “modernização” foi muito popular no âmbito ocidental. Para explicar a desigualdade da distribuição da riqueza no mundo se recorre a distintos níveis de desenvolvimento tecnológico que alcançaram as sociedades. Neste sentido, o crescimento econômico se associa aos processos de industrialização e urbanização, de modo que as economias de subsistência (setor tradicional) devem transformar-se em um sistema comercializável de economia nacional (setor capitalista moderno), até chegar a convergir para o modelo ocidental de desenvolvimento. (PARELLA, 2003, p. 69).

Isso aparece de forma explícita em Germani (1974) ao se referir aos processos de migração nos países latino americanos. Segundo este autor, estes países estariam passando por um processo de transição de um modelo de sociedade agrária para uma sociedade urbano-industrial. Neste processo, a migração estaria na perspectiva de análise de transformação de um estilo de vida, predominantemente rural – baseado na força dos animais, em uma tecnologia limitada, com instituições pouco diferenciadas, e valores tradicionais – em direção a um estilo de vida predominantemente urbano – baseado em fontes de energias, tecnologia científica, instituições altamente diferenciadas e interligadas, com papéis individuais segmentados e com perspectivas cosmopolitas, cuja ênfase está na eficiência e no progresso (GERMANI, 1974).

Desta forma, o deslocamento populacional do meio rural (“atrasado”) para o meio urbano (“evoluído”) conformaria uma passagem do tradicional para o moderno, manifestando, em última instância, o percurso do desenvolvimento do capitalismo nessas sociedades. Em outros termos, a modernidade ocidental/capitalista é interpretada como o caminho único e inevitável do desenvolvimento de todos os povos e principal causadora do fluxo rural-urbano.

A crítica a esse enfoque teórico da modernização se apresenta, basicamente, na formulação do esquema dual tradicional/moderno e na caracterização do subdesenvolvimento como sendo uma etapa do desenvolvimento, o que já foi contestado por vários autores<sup>22</sup>.

A teoria da Modernização e a Histórico-Estrutural apresentam importantes contribuições para a compreensão das migrações internas, sobretudo dos fatores estruturais que originam os fluxos rural-urbanos. No entanto, elas também padecem, por vezes, de perspectivas unilaterais, na lógica economicista ou do *push-pull*. Neste sentido, o que pontuamos anteriormente em relação à abordagem Neoclássica e da Nova Economia da Migração deve ser reafirmado, ou seja: levando em conta a heterogeneidade e a complexidade do fenômeno migratório, é necessário reconhecer a impossibilidade da elaboração de uma teoria única que explique exhaustivamente a totalidade dos deslocamentos populacionais. Assim, concordo com Massey et al. (1998), em seu raciocínio apresentado em *Teorias da Migração Internacional: uma revisão e uma avaliação*, no qual infere que

---

<sup>22</sup>Ver: MARINI, Ruy. A Dialética da Dependência. In: SADER, E. *Dialética da Dependência*. 1 edição. Petrópolis: Vozes, 2000. cap. 2. p. 105-165

atualmente não existe uma teoria única e coerente sobre a migração internacional, apenas um conjunto de teorias fragmentadas e segmentadas por fronteiras disciplinares. Os padrões e as tendências atuais de imigração sugerem que uma compreensão completa do processo de migração não se alcança projetando-se em uma única ferramenta de uma disciplina, e focando-se em um único nível de análise. Sua complexidade e natureza multifacetada exige uma teoria sofisticada que incorpore múltiplas perspectivas e níveis de análise. (MASSEY et al 1998, p. 17, *tradução minha*).

Dito isso, é fundamental lançar mão de perspectivas interdisciplinares, pois como elucida Stephen Castles, “a migração abrange todas as dimensões da existência social e, portanto, demanda uma abordagem interdisciplinar” (CASTLES, 2010, p. 19). Fatores estruturais interagem com fatores individuais e familiares. A dimensão econômica deve ser conjugada com a dimensão social, política, cultural, afetiva e até religiosa. Colocar em diálogo as diferentes disciplinas constitui um desafio fundamental, com vistas à criação de sínteses integradas e conjugadas. No entanto, existe sempre o risco da fragmentação, inclusive no interior das mesmas disciplinas – é o caso, por exemplo, da sociologia ou da economia, com seus diferentes enfoques (CASTLES, 2010).

Enfim, o grande debate a respeito do entendimento sobre o processo da migração, gerado a partir das teorias desenvolvidas, inevitavelmente nos apresenta suas restrições e limitações. Segundo Nogueira (1991), é necessário um maior entendimento do assunto.

São muitos e bastantes complexos os aspectos que envolvem o tema das migrações internas, cabendo até dúvidas quanto a este ser um fenômeno plausível de teoria. Contudo, essas dúvidas se dissipam quando se tem em conta que o estímulo do pesquisador é, justamente, saber que está gerando "ciência" que, de alguma forma, contribui para um corpo específico de conhecimento (NOGUEIRA, 1991, p. 45).

### **2.3 Redes sociais**

A abordagem de Redes Sociais ocupa um lugar significativo neste trabalho, pois se coloca no âmbito teórico a partir da necessidade de se explicar, em primeiro lugar, o motivo de alguém optar por se tornar migrante e escolher um determinado lugar de destino – no caso o grupo de mulheres em apreço – e, em segundo, o porquê,

as motivações das migrantes ao optarem por essa condição, sendo que outras mulheres não fazem esta escolha, embora possam viver as mesmas condições e estarem submetidas às mesmas condições estruturais, econômicas, políticas e sociais. (SOARES, 2003).

Seguindo o pensamento de Massey et al. (2009) as redes migratórias podem ser entendidas como “conjuntos de laços interpessoais que conectam migrantes, antigos migrantes e não migrantes em áreas de destino e origem através de relações de parentesco, amizade e origem comunitária comum” (MASSEY et al, 2009, p. 42, *tradução minha*). Essas redes constituem uma forma de relacionamento a que as pessoas podem recorrer para manter vínculos afetivos, mas também econômicos, sociais, culturais e religiosos: partilha da moradia, acesso a informações sobre o mercado de trabalho ou documentação (no caso de estrangeiros), primeira socialização no lugar de chegada, envio de remessas, participação em espaços étnicos e religiosos, entre outros.

Entende-se que *rede social* é o conjunto de atores ou “pontos centrais de convergências” – organizações ou instituições sociais – que estão conectadas por algum tipo de relação. As redes mais importantes são aquelas fundadas em relações de parentesco, de amizade, de trabalho e origem comum, haja vista que tais relações não se criam pelo processo migratório, mas são reforçadas por ele a partir da experiência da migração (SOARES, 2003, p. 50).

As redes migratórias são laços que ligam as comunidades remetentes aos pontos específicos de destino nas sociedades receptoras. Tais laços unem migrantes e não migrantes em uma rede complexa de papéis sociais complementares e relações interpessoais que são mantidas por um conjunto informal de expectativas mútuas e comportamentos prescritos (ASSIS; SIQUEIRA, 2009, p. 13).

A abordagem de Redes Sociais toma como relevante os laços interpessoais e seus conteúdos, e como estes integram e condicionam o processo de migração. Assim, a migração é pensada como estrutura comunitária que translada, uma vez que as unidades efetivas da migração são os conjuntos de pessoas ligadas por laços de amizade, parentesco e experiência de trabalho, que incorporaram o país de destino nas alternativas de mobilidade por eles consideradas (ASSIS; SASAKI, 2000, p.11).

Por outro lado, na ótica de Tilly (2004), que estabelece os conceitos de redes sociais no processo migratório com base em uma sólida concepção de estrutura e

organização social, os indivíduos migrantes, embora tenham racionalidade e liberdade de escolha, são constrangidos a todo instante por “grandes estruturas coletivas”.

Como contexto para alterações nos deslocamentos sociais, podemos ver o funcionamento da globalização de forma mais clara ao distinguir entre conexão de cima para baixo, adaptação de baixo para cima, e um meio-termo da negociação. De cima para baixo, a globalização produz conexões entre centros de poder: ligações comerciais entre os ‘nós’, conexões financeiras coercivas entre as forças militares, ligações culturais entre grupos étnicos religiosos ou, combinações das três. De baixo para cima, a globalização parece diferente, inclui conexões como as migrações de longa distância, chamadas telefônicas através das fronteiras e oceanos, remessas e presentes enviados pelos migrantes para suas aldeias de origem, e partilha de conhecimento pelos organizadores dos deslocamentos sociais. (TILLY, 2004, *tradução minha*)

Em outras palavras, o contexto social dominado pela coletividade seria regido por estruturas, instituições, normas e interações cotidianas e, assim, definiria a “condição de migrante” dos indivíduos. Portanto, é preciso estar conectado às estruturas sociais adequadas para que a migração se configure como estratégia coletiva ou individual e, em outro momento, concreta e plausível.

Cabe ressaltar também o conflito e as ambiguidades que podem existir no meio dessas redes sociais, como comprovado em pesquisas que apontam a exploração dos recém-chegados por parte de seus conterrâneos (ASSIS; SIQUEIRA, 2009; MARTES, 2000). Neste sentido, a rede de amizade ou de parentesco pode constituir um espaço de solidariedade e empoderamento, mas também de exploração e dependência. Em outras palavras, as redes sociais amparam, mas podem também confinar e coagir.

Por outro lado, e retomando a ideia de que as redes sociais caracterizam-se como elementos típicos dos fluxos migratórios contemporâneos, não raramente, o êxito da migração depende da existência de redes e pessoas de apoio quanto da ação dos agentes intermediários (ASSIS, 2011).

O *Hogar de Tránsito Santa Librada*, nesta ótica, pode ser interpretado como um ponto central das redes sociais para a migração feminina no Paraguai, sobretudo no que diz respeito ao sucesso do projeto migratório, pois ali, além de receberem hospedagem e qualificação profissional, as mulheres são rapidamente inseridas no mercado de trabalho pela rede social historicamente construída através de relações de amizade, contatos e de conhecimento das coordenadoras do *Hogar*.

Neste sentido, podemos considerar que, no centro dos processos migratórios se encontra a protagonista racional que decide partir, embora não se trate de uma decisão meramente individual, mas sim familiar. As negociações acontecem, na maioria dos casos entrevistados, no interior da família, entre mãe e filha, tendo o pai como figura presente no âmbito, tios e tias que contribuem e participam do projeto migratório. Assim, somam-se ao fator econômico, outros fatores decisivos para a migração, tais como as redes sociais, os apoios advindos dos familiares, os amigos no âmbito da migrante. No aspecto macro, o amparo institucional para a capacitação laboral e o reconhecimento de direitos, providos às migrantes, servem como potencializadores da autonomia nos caminhos e descaminhos da migração. Este aspecto pode ser percebido no trecho abaixo:

*Minha irmã foi me buscar em casa e me disse que tinha um trabalho para mim. Ela me levou diretamente no Hogar Santa Librada. Cheguei pela manhã e de tarde já fui trabalhar como empregada doméstica, bem pertinho do Hogar, umas oito quadras mais ou menos. Meu marido veio comigo e ficou sem trabalho durante um mês. (ACÁCIA)*

Enfim, as várias abordagens teóricas supracitadas nos ajudam a compreender como nos fluxos migratórios analisados, os fatores econômicos de atração e expulsão se entrelaçam com dinâmicas políticas, estratégias familiares de sobrevivência ou diversificação das fontes de renda, redes sociais de amparo e solidariedade, além, claramente, da subjetividade do indivíduo. É importante considerar esta pluralidade de fatores que impulsionam a saída destas mulheres do campo, em especial as redes que acionam e as ferramentas internas das quais fazem uso para dar partida ao seu projeto.

Tendo em vista que o interesse maior desta dissertação é avaliar os processos internos que possibilitam à mulher migrante maior autonomia na gestão de sua própria vida, vale à pena revisitar algumas abordagens sobre as questões de gênero e suas interfaces com o processo migratório.

#### **2.4 Perspectiva de gênero, empoderamento e autonomia nos caminhos da migração**

As limitações das teorias sobre as migrações são parte integrante das dificuldades gerais que experimentam as ciências sociais quando tratam de explicar os fenômenos sociais. Além disso, algumas destas limitações têm a ver com as dificuldades inerentes ao fenômeno migratório (CASTLES, 2012). Entre elas, cabe destacar a invisibilidade feminina nos estudos sobre migração. De fato, conforme Assis (2011),

essa invisibilidade das mulheres nos fluxos não tem relação com a representatividade numérica, mas com o olhar, ou, melhor dizendo, a perspectiva teórica com a qual era analisada a migração na qual as questões de gênero e étnicas não eram objeto de análise. (ASSIS, 2011, p. 47)

Mesmo sabendo que os fluxos populacionais não se constituem em uma temática nova, nas últimas décadas, tem ganhado terreno a importância da migração enquanto processo que compreende também as relações de gênero. Pelo fato desta pesquisa tratar especificamente da migração de mulheres, é indispensável abordar a perspectiva de gênero, mesmo sendo vasto o leque de teorias e análises propostas por diversos estudiosos<sup>23</sup>, no que tange à questão de gênero como categoria analítica.

Pessar (1986) observa que, “até recentemente, o termo ‘migrante’ era carregado por uma conotação masculina, criando uma concepção de que o migrante verdadeiro é ‘do sexo masculino’” (PESSAR, 1986 *apud* ASSIS, 2011, p. 47). A emergência da migração feminina como objeto de pesquisa e de análise seguiu um percurso próprio de maneira que permite reconhecer diversas etapas, desde a invisibilidade das mulheres migrantes nos processos migratórios até a efervescência e revitalização analítica que deu lugar à perspectiva de gênero.

Dito isso, e conforme exposto no capítulo 1, a migração feminina esteve ausente dos estudos populacionais, pelo menos até as décadas de 1960 e 1970. Esta ausência se constata tanto nos planos de pesquisa empírica como nas formulações teóricas e nas políticas demográficas.

No entanto, os estudos sobre mulheres migrantes desenvolvidos a partir dos anos de 1980 vieram introduzir um novo olhar sobre as características da imigração feminina: a presença de mulheres solteiras e jovens; a participação intensa no

---

<sup>23</sup> Entre elas: SCOTT Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica* (1995), publicado originalmente em 1986. RUBIN, Gayle. *O Tráfico de Mulheres: notas sobre a Economia Política do Sexo*, publicado em 1975. BUTLER, Judith, *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* (2010) publicada originalmente em 1990. NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. *Revista de Estudos Feministas*, v. 8, n. 2, p. 9-43, 2000.

mercado de trabalho dessas mulheres migrantes; a diversidade do lugar das mulheres em função da idade, da cultura de origem e dos motivos de migração (MOROKVASIC, 1983, p. 7).

Segundo Morokvasic (1983), uma série de transformações sociais e econômicas contribuiu para o crescente interesse pela mulher migrante tanto em âmbito acadêmico quanto em âmbito político, entre elas, o incremento quantitativo de mulheres nos fluxos migratórios internacionais e a elevada taxa de atividades econômicas das mulheres migrantes na sociedade de destino. Estas duas dimensões da migração feminina me fazem pensar que a migração da mulher é mais desejável para o círculo de relações familiares que a do homem, pois elas são mais constantes na remessa de dinheiro.

O aumento da participação das mulheres nos fluxos migratórios tem colaborado com o aporte de novas e significativas questões para os estudos sobre migrações. Na atualidade, são muitas as mulheres que migram sozinhas, muitas vezes depois de difíceis negociações e decisões dentro do seu grupo familiar ou doméstico (RICO, 2006).

Parella (2003) alerta que “o gênero não adquire o mesmo significado em todos os contextos sociais, mas vai se redefinindo em função de elementos, tais como: a religião, a etnia, a cultura ou a classe” e sustenta que a migração feminina está estreitamente ligada à feminização da pobreza e da força de trabalho. (PARELLA, 2003, p. 60, *tradução minha*). A autora também manifesta a invisibilidade e a marginalidade da mulher, sobretudo no que se refere ao importante papel que muitas mulheres desempenharam como protagonistas da migração, tendo sido autênticas propulsoras do desenvolvimento econômico nos países de chegada (receptores). Abordar uma perspectiva de gênero significa, então,

compreender por um lado, a significação da construção social da feminilidade, da masculinidade e da desigualdade que se produzem entre os sexos e, por outro, o papel que jogam tais construções da decisão das mulheres de migrar, assim como o *status* que a sociedade de acolhida lhes outorga (ROCA; GIRONA, 2009, p. 158)

Se às mulheres, no caso em estudo, é ensinado o princípio de “obedecer, servir e calar”, como então classificar uma mulher que abandona o marido violento, negocia com a avó o cuidado dos netos e o envio de remessas financeiras para o sustento de ambos? Ao negociarem a estrutura familiar que vai permitir seu afastamento físico,

negociam também os valores e os princípios com que foram educadas, construindo novas relações e novos papéis que se desdobram em outras formas de ser mãe, de ser avó, de ser esposa e de ser mulher.

Scott (1995) entende gênero como um saber sobre as diferenças sexuais. E, havendo uma relação inseparável entre saber e poder, o gênero estaria imbricado nas relações de poder, sendo, nas suas palavras, uma primeira forma de dar sentido a estas relações. Neste sentido define gênero como:

a organização social da diferença sexual percebida. O que não significa que gênero reflita ou implemente diferenças físicas e naturais entre homens e mulheres, mas sim que gênero é o saber que estabelece significados para as diferenças corporais. (SCOTT, 1995, p. 13)

Adriana Piscitelli (2002) reforça a questão apresentando gênero como categoria do masculino e do feminino em uma relação de poder. A autora, ao refletir sobre a construção dos conceitos de gênero e a recriação da categoria “mulher”, retoma a reflexão apresentada por Scott ao apontar que “o conceito de gênero foi elaborado em um momento específico da história das teorias sociais sobre a ‘diferença sexual’ (PISCITELLI, 2002, p.1). Assim, a matéria-prima conceitual remonta à “troca de mulheres”, que iniciou uma discussão sobre o conjunto de arranjos que uma sociedade elabora para determinar seu sistema de sexo/gênero, transformando a distinção sexual e o princípio reprodutivo biológico em produto da atividade humana, desnaturalizada e, portanto, fruto da elaboração cultural. Isto leva a autora a pensar na necessidade de estudar cada sociedade para determinar os mecanismos através dos quais as convenções da sexualidade se produzem e se mantêm. (PISCITELLI, 2002).

O olhar de gênero indaga propositivamente o modo como a construção social do feminino e do masculino se dá, a elaboração cultural da diferença sexual-anatômica e os eixos de assimetria entre homens e mulheres por meio dos quais esta estrutura opera. O processo social da migração está pautado por cada uma dessas instâncias.

A problematização da migração feminina como objeto de estudo deve muito à renovação teórica e metodológica promovida por esta linha de reflexão baseada na análise de gênero, o que significa que

a divisão sexual do trabalho extra-doméstico dominante se baseia em: homens na agricultura ou na indústria, mulheres nos serviços e

em menor escala nas fábricas; o destaque particularmente masculino no setor secundário *versus* a crescente feminização do terciário; a centralização espacial e a produção em vários núcleos urbanos; a subordinação da agricultura à indústria; e uma série de fatores conexos, como a baixa escolaridade e a forte pressão demográfica, embasaram uma importante afluência de mulheres nos principais centros urbanos (ARIZA, 2000, p. 39, *tradução minha*).

Conforme consta no capítulo 01, há uma significativa literatura preocupada em desenvolver ferramentas metodológicas necessárias para incorporar o gênero como princípio estruturador dos movimentos de população e não unicamente como um dado que caracteriza os deslocamentos. Por outro lado, são cada vez mais numerosas as pesquisas que analisam as implicações recíprocas entre a migração e os processos de subordinação e/ou autonomia femininas.

O aumento da participação feminina ocorre num contexto em que há um crescimento das migrações internacionais a partir da segunda metade do século XX. São homens e mulheres de diferentes origens nacionais, étnicas, classe e níveis educacionais que partem, em sua maioria, de centros urbanos nos seus países de origem para os países europeus e os Estados Unidos (ASSIS, 2011, p. 51).

A dinâmica de pesquisas voltadas para a questão de migração e gênero está avançando em muitas direções. O caminho percorrido pelos pesquisadores, entre eles Assis (2011), Donato et al. (2006), Hondagneu-Sotelo (2011) e Pessar (2006), abre janelas e provoca reflexões, especialmente, em torno de processos do mercado de trabalho, relações de gênero e processos geracionais das migrações, além de construções sociais de gênero.

Os conceitos unitários de "homens" e "mulheres" foram substituídos pela ideia de que existem múltiplas feminilidades e masculinidades, que são relacionais e interligados com as desigualdades de classe, raça, etnia, nação e sexualidades (DONATO, et al., 2006, p.11). Nesta perspectiva teórica, Hondagneu-Sotelo (2011) aponta que o foco se desloca das relações entre homens e mulheres, para a desigualdade entre as mulheres imigrantes e a nação, bem como pelo modo como estas desigualdades são constituídas no trabalho reprodutivo doméstico das mulheres dos países ricos, pós-industriais, sobre as mulheres dos países pobres do sul global, tidos como menos desenvolvidos. (HONDAGNEU-SOTELO, 2011, p. 222).

Outras temáticas que ganharam espaço em pesquisas e estudos nas últimas décadas são as que tratam da questão das sexualidades<sup>24</sup>, do tráfico sexual, e das mulheres migrantes envolvidas no trabalho sexual. Estas correntes teóricas acentuam a reflexão e as evidências nas identidades *gay* assim como, “heteronormatividade” e “heterossexualidade compulsória”, empregados tanto como uma forma de exclusão como de inclusão da migração. E, no trabalho sexual das mulheres migrantes, através das lentes dos mercados de trabalho e das economias informais. (HONDAGNEU-SOTELO, 2011, p. 227).

No entanto, apesar do impacto dessas obras, Nawyn (2010) explica que os principais estudos sociológicos de migração não reconheceram plenamente uma perspectiva teórica feminista. A maioria das obras do *mainstream* descreve as motivações econômicas *push-pull* e os fatores de migração, temas em que certamente o componente de gênero está presente, mas poucos trabalhos incorporam, adequadamente, gênero em suas análises. Na verdade, ainda sabemos muito pouco sobre porque as pessoas migram (teorias de migração) e como as migrantes melhoram seus *status* sociais (teorias de assimilação) a partir de uma perspectiva feminista (NAWYN, 2010).

No decorrer das últimas décadas, o saldo dos fluxos migratórios internacionais se desenvolveu em resposta a fatores como: legislação de imigração, demanda de gênero seletivo para mão de obra estrangeira e mudanças nas relações de gênero nos países de origem. Diferentes fatores têm frequentemente atuado em conjunto para aumentar a participação das mulheres em fluxos migratórios, tais como: a) a migração da família; b) a questão dos refugiados; c) o mercado de trabalho; d) a migração de mulheres de forma independente para fins de trabalho; e e) a reunificação familiar.

Como resultado, a feminização da migração tem sido reconhecida como uma tendência em nível global (CASTLES; MILLER, 2003, p. 67). Segundo Bastia e

---

<sup>24</sup>O livro publicado postumamente por Lionel Cantú, *The Sexuality of Migration* (2009), editado por seu ex-mentor Nancy Nápoles e colega Salvador Ortiz, mostra como as relações sexuais entre homens homossexuais mexicanos são relacionados com o turismo internacional, redes transnacionais e, por vezes, o asilo legal. Os debates sobre o casamento *gay* também ressoam nas políticas de imigração que negam a entrada de imigrantes estrangeiro, *gay*, LGBT e transgêneros. Eithne Luibheid (2002) retoma esses temas em *Entry Denied: Controlling Sexuality at the Border* onde ela mostra como as definições implícitas e explícitas da heteronormatividade tem sido parte integrante de leis que regem o controle de imigração. Os sociólogos Danielle Hidalgo e Carl Bankston (2010) apontam que a Lei de Imigração 1965 fez o casamento heterossexual a mais importante entrada legal para os EUA. Outro livro que aborda a invisibilidade de longa data de imigrantes *gays* é de Martin Manalansan de (2003), *Global Divas: filipinos Gay Men*, uma etnografia realizada em New York City (HONDAGNEU-SOTELO, 2011, p. 224).

Busse (2001), algumas questões são significativas para entender a participação feminina na migração, entre elas o fator histórico nos países da América Latina que têm uma trajetória de migrações. Primeiro, houve a experiência de receber migrantes, particularmente na crise de 1930 e após a Segunda Guerra Mundial, em que muitos europeus se dirigiram para “as Américas”. Depois, entre os anos 1960 e 1980, a força de trabalho latino-americana se dirigiu para os Estados Unidos e Europa, participando do mercado de trabalho. Segundo, os processos de urbanização abriram espaços para elevar o nível de educação e diminuir as taxas de natalidade. Terceiro, o mercado de trabalho nas áreas metropolitanas favorecia às mulheres, especialmente, o setor de serviços domésticos e outros serviços como pequenos negócios. Tal flexibilização do mercado de trabalho e as mudanças em direção ao setor de serviços levaram a um aumento da demanda de trabalho para as mulheres, trazendo um consequente aumento da migração de mulheres para as metrópoles (BASTIA; BUSSE, 2001, p. 21-27).

Bastia e Busse (2001), ao revisarem os estudos que discutem a teoria de gênero e a migração, argumentam que a migração masculina gera mudança de comportamento e empoderamento das mulheres que permanecem na origem. Isto porque a mulher, com a ausência do homem, passa a ter uma nova posição no *status* social e nos relacionamentos, uma vez que assume responsabilidades e papéis diferenciados.

Alguns autores entendem essa mudança na posição familiar e social da mulher como empoderamento. No entanto, há também quem sustente que a ausência do homem gera uma sobrecarga de trabalho e responsabilidade para a mulher, inclusive no âmbito da educação dos filhos, além de problemas de saúde e estigmatização social (OBREGÓN-VELASCO; RIVERA-HEREDIA; MARTÍNEZ-RUIZ; CERVANTES-PACHECO, 2014).

Nesse sentido, Bastia e Busse (2001), a partir de pesquisas realizadas em comunidades rurais onde vários indivíduos, sejam eles familiares ou vizinhos, possuem um ou mais membros da família em outro país, argumentam também que, quando não ocorre uma mudança do *status* das mulheres nas relações sociais, significa que a migração masculina reforçou a desigualdade de gênero. Entretanto, acreditam que a maior autonomia das mulheres em *uma* esfera de suas vidas pode ser replicado em *outras* esferas.

Portanto, para essas autoras, a mudança no *status* das mulheres provoca o questionamento dos pressupostos naturalizados da desigualdade de gênero e

possibilita que as mulheres migrantes possam começar a desvendar a natureza socialmente construída da diferença de gênero. Assim, a posição das mulheres migrantes também pode mudar em virtude de sua nova incorporação no mercado de trabalho, que fornece e propicia caminhos para maior autonomia e independência decisória (BASTIA; BUSSE, 2001, p. 23). Em outros termos, a demanda do mercado de trabalho, numa dada conjuntura, é fundamental, pois a emancipação da mulher depende, em grande parte, da inserção no mercado de trabalho (PESSAR, 2006, p. 15).

Segundo a tese de Boserup (1970), a migração interna feminina se explica a partir da participação da mulher na produção agrícola, da demanda de força de trabalho feminino nas grandes cidades (indústria e serviços) e das restrições socioculturais para a mobilidade feminina, totalmente determinada pelo papel que elas desempenham na esfera reprodutiva. Neste sentido, o predomínio das mulheres nos fluxos migratórios rural-urbanos na América Latina é o resultado da escassa participação feminina na agricultura (abaixo de 20% do total da força de trabalho). Isto comporta um elevado fluxo de mulheres jovens – com menos de 20 anos – e solteiras que emigram do campo para as grandes cidades por sua própria conta, em busca de emprego (MOROKVASIC, 1984).

As discussões sobre gênero são necessárias para compreender os aspectos das trajetórias das migrantes internas no Paraguai, embora não seja possível desconsiderar o impacto das questões econômicas.

Nos moldes paraguaios, a mulher – em especial aquela que vive no campo – tem por ofício e princípio “obedecer, calar e servir”. Como me explicou uma das entrevistadas, quando eu fazia uma visita à sua casa em minha primeira visita ao campo, desde pequenas, as meninas são subordinadas a esses princípios. No interior, como as famílias são grandes, em muitos casos, as meninas a partir de nove anos de idade são entregues a outras famílias que moram em lugares próximos de escolas e que assumem o papel da educação da menina. Logo, à nova integrante da família, que passa a ser considerada e chamada de *criadita*, cabe a obrigação de obedecer, calar e servir.

Este relato foi confirmado posteriormente quando uma das minhas entrevistadas, que é órfã de mãe, me contou que

*minha tia comentou com minha outra tia, sua irmã, que eu iria a uma casa alheia para ser uma criada (significa fazer parte de uma*

*família até a idade adulta). Eu iria viver na casa de uma senhora, trabalhar, seguir as regras da casa e estudar. Então minha tia que veio de visita disse: não, não, ela pode vir em minha casa para estudar e seguir os costumes da família. Então fizeram um acordo e eu fui para a casa dessa tia em Horqueta, que é um bairro onde tinha escola perto. De fato, meus tios me criaram como filha deles. Desta forma eu consegui estudar e ganhei muito porque os costumes das famílias eram iguais. Eu ajudava minha tia na cozinha, na horta e a cuidar dos filhos dela e depois, de tarde ia para a escola. E, de noite, quando chegava em casa, ajudava também. Depois ia comer e fazer as tarefas do colégio, antes de ir dormir. Isso me fez sofrer menos, foi mais fácil sair da casa de minha tia e ir morar com a outra tia do que quando saí da casa do meu pai para morar com a primeira tia. Eu digo que foi uma educação integral porque eles me abriram as portas para vir à cidade de Asunción depois. Que agora aqui estou. Faço o que quero com minha vida, mas sempre com os ensinamentos das tias de ser respeitosa, de trabalhar bem, de rezar o rosário para a Virgem de Caacupe. (BEGÔNIA, julho, 2013).*

Pude perceber então, que a migração implicou, para as mulheres que entrevistei, a possibilidade de ressignificação de seus papéis em suas relações cotidianas. A mulher que tudo suporta tem sido substituída pela mulher que negocia: há uma mudança motivada pela necessidade da própria mulher de viver um casamento estabelecido em outros parâmetros que incluem a escolha mútua, a negociação e a partilha de responsabilidades domésticas e financeiras.

#### *2.4.1 O empoderamento e a autonomia das mulheres*

Para abordar o tema da migração interna feminina no Paraguai sob a perspectiva da conquista de autonomia, o conceito de empoderamento se faz pertinente.

Nos anos 1970 e 1980, feministas e grupos de mulheres espalhadas pelo mundo desenvolveram um árduo trabalho de conceitualização e de implementação de estratégias para a autonomia feminina que rompiam com as diferentes dinâmicas que condicionavam a existência e impediam a participação plena das mulheres (UNIFEM, 2006).

Assim, a noção de empoderamento surgiu no meio acadêmico a partir da década de 1990 (LISBOA, 2000; ASSIS, 2011; DONATO, et al. 2006; HONDAGNEU-SOTELO, 2011; PESSAR, 2006) como categoria de análise, e passou a ser entendida como a propriedade de as pessoas descobrirem e

desenvolverem suas capacidades para vencerem seus problemas e alcançarem seus objetivos. As capacidades são poderes para fazer ou deixar de fazer coisas. Assim, o conceito de capacidades não significa só as habilidades das pessoas, mas também as oportunidades reais que essas pessoas têm de fazer o que querem fazer (UNIFEM, 2006).

De acordo com a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe, CEPAL (2011),

a autonomia relaciona-se à capacidade das pessoas em tomar decisões livres e informadas sobre suas vidas, de modo a poder ser e fazer em função de suas próprias aspirações e desejos, no contexto histórico que as torna possíveis. O atual grau de desenvolvimento econômico, tecnológico e social permite afirmar que é possível alcançar maior autonomia das mulheres (CEPAL, 2011, p. 8).

Outra questão relacionada à autonomia das mulheres, no que se refere à migração e à economia, segundo Szasz (1994), diz respeito a uma série de fatores que permeiam suas decisões na hora de migrar.

A mobilidade e a atividade da mulher formam parte de estratégias familiares de distribuição de força de trabalho e de obtenção de recursos e estão mais condicionadas pela etapa em sua trajetória de vida, sua posição na casa, estado civil, presença de filhos, presença de um companheiro e a estrutura doméstica que as migrações de varões (SZASZ, 1994, p. 130, *tradução minha*).

No âmbito local, antes mesmo da migração, as mulheres decidem para onde vão e negociam com a família as implicações de sua partida. Aquelas que têm filhos negociam inclusive o cuidado das crianças, passando esta tarefa à avó materna; só no caso da ausência da mesma, outro membro familiar é imbuído desta responsabilidade. Este movimento não é mero ajuste de obrigações, há também aqui uma troca de afetos e de responsabilidades implicada. Ao deixar os filhos, a mulher deixa alguém que substitua sua presença afetiva junto à mãe, reforçando os laços afetivos que sustentam a coesão familiar e ao mesmo tempo retribui à mãe materialmente com as remessas financeiras que servem a ambos: crianças e cuidadores. A presença do homem, do pai, está implícita. Em geral, o pai da migrante está presente (não o pai dos filhos da migrante), mas a menção sempre remete à mãe. O que está em jogo é a relação entre mulheres e a construção do pertencimento familiar que se dá de forma centralizada na mãe (ou matrifocalizada). No entanto, a rede de apoio à migrante inclui também os homens da família ou da comunidade da qual saiu.

Tienda e Booth (1991) sinalizam que o tipo de impacto do processo migratório ocorre em função de diversos fatores, tais como: as obrigações materiais e familiares da mulher e, em particular, se esta migrou sozinha ou acompanhada de seus filhos; os papéis produtivos ou oportunidades de emprego, tanto na comunidade de origem como na comunidade de destino; as razões que as conduziram à migração; o tipo de processo migratório – curta ou longa distância, temporária ou permanente, rural-urbana, interurbana etc. Nesta ótica, alguns estudos indicam que a migração feminina proporciona às suas protagonistas mobilidades sociais e um ganho de autonomia e independência no sentido de que com a obtenção de salário pode contribuir para a sobrevivência da casa o que permite à mulher participar mais das decisões familiares. (MOROKVASIC, 1984; PESSAR, 1999).

Finalmente, ressalta-se que nos processos migratórios femininos, uma das perspectivas do empoderamento abrange a capacidade real da migrante participar e influenciar nos processos de tomada de decisão. Mesmo que seja decisão em nível individual, desenvolvendo assim a habilidade em tomar decisões que resolvam problemas ou produzam resultados desejados na esfera individual, e que essa autonomia individual possa projetar possibilidades de tomadas de decisões coletivas.

A migração no Paraguai não é uma condição necessária para a sobrevivência, ao contrário do que ocorre em outras sociedades, como a cabo-verdiana (LOBO, 2012, p. 57-64) em que a dinâmica migratória determina as relações familiares, de parentesco e o fluxo de remessas de dinheiro e de bens materiais na ilha. Vimos no capítulo 1 que a migração paraguaia do campo para a cidade se deu de forma lenta, gradual, e tardia se comparada aos processos migratórios de outros países latino-americanos. Embora não seja central na dinâmica econômica da vida paraguaia, a migração traz para as mulheres que migram e para suas famílias a necessidade de reelaborar laços afetivos e reestruturar a família que fica, assim como proporciona ganhos materiais suficientes para a manutenção da vida doméstica e para a aquisição de alguns bens desejados.

Portanto, o trabalho a seguir consiste em analisar as variáveis locais que levam a mulher a migrar para uma cidade maior, e principalmente as questões subjetivas envolvidas na ruptura dos papéis sociais esperados que desestruturam a família e colocam em risco a manutenção das relações filiais, pressuposto para a coesão familiar. Portanto, o estabelecimento de estratégias para a manutenção do sentimento de pertencimento, a ruptura de relações, a manutenção da identidade familiar, a casa

como espaço que se confunde com a noção de família, a capacidade de tomar decisões e a autonomia na gestão da própria vida, assim como toda a rede de relações que permite à mulher migrar fazem parte da minha análise como pilares da compreensão deste fenômeno.

### 3 MIGRAÇÃO, GÊNERO E EMPODERAMENTO DE UM GRUPO DE MIGRANTES PARAGUAIAS EM ASUNCIÓN

O presente capítulo centra-se na análise das experiências migratórias de um grupo de oito mulheres paraguaias que migraram do interior para a cidade Asunción. A fim de entender os processos de negociação dos papéis de gênero a partir da migração e em busca do empoderamento, os pilares de análise são: a inserção das mulheres em Asunción e a atuação do *Hogar de Tránsito Santa Librada*.

#### 3.1 *Hogar de Tránsito Santa Librada*

Desejo sublinhar algumas particularidades que, dentro do leque da atuação do *Hogar de Tránsito Santa Librada*, bem como diante da complexidade da migração feminina para Asunción, marcam especificamente o recorte do grupo em estudo. Em primeiro lugar, trata-se exclusivamente de mulheres. Elas, a princípio, migram com o objetivo de inserirem-se no mercado de trabalho em Asunción, e, em sua maioria, migram sozinhas. Algumas contam, ainda hoje, com o *Hogar de Tránsito Santa Librada* como apoio para a realização de suas buscas.

Nesta casa, há dois grupos distintos, uma equipe de mulheres, coordenadoras da casa, e um grupo de mulheres frequentadoras desta mesma casa. A migrante ao chegar ao *Hogar* é atendida, orientada e permanece como “hóspede”, mas, ao mesmo tempo, é integrada às demais mulheres que já estão neste espaço. Oferecem-lhes a oportunidade de participar do programa existente nessa instituição, enquanto a equipe de coordenação da casa busca um trabalho para ela.

Tive a oportunidade de conversar com uma migrante que foi acolhida na instituição e que, no momento, estava trabalhando como secretária desta instituição e estudando. Esta migrante, assim se expressou.

*Um problema que afeta a realidade é a questão do tráfico, especialmente de adolescentes. São obrigadas a prostituir-se e acostumadas com esta realidade, que já parece natural, mas quando ficam sabendo deste lugar correm para cá. Muitas chegam aqui (no Hogar de Tránsito Santa Librada) doentes, grávidas, abandonadas, com baixa estima de si, ou com distúrbios mentais. Muitas chegam também por que querem seguir adiante. Não*

*somente para conseguir trabalho doméstico, mas também, buscam a possibilidade de continuar seus estudos e buscar outras alternativas de trabalho e de vida, esse é um pouco do meu caso também. Cheguei aqui para trabalhar em qualquer serviço e hoje sou estudante e ajudante dessa casa. (JOSEFA, jun. 2012)*

Este *Hogar*, inscreve-se em um quadro amplo de atenção, porém com um foco bem definido, pois trata de proporcionar um espaço que contribua para a acolhida e a minimização do impacto da mulher migrante com o novo ambiente (cidade) e, no horizonte próximo, desencadear uma ação formativa visando possibilitar uma conscientização maior a respeito dos processos gerais que, na sociedade urbana, corroboram para quem chega à cidade.

*Aos 17 voltei para Asunción, comecei trabalhando em casa de família, como empregada doméstica, depois conheci o Hogar de Tránsito Santa Librada, ali abriram-se as portas. Ali (no Hogar) fiz curso de cabeleireira, de confecção de roupas, e outros cursos. Então abri meus olhos. Trabalhei em outros setores do comércio e estudei (...), hoje sou uma profissional. Tenho meu próprio negócio. (DÁLIA)*

*Vim para Asunción, comecei a trabalhar logo. Eu cuidava de dois bebês gêmeos e mais duas crianças e também fazia os serviços da casa. Nunca tinha descanso. Então conheci o Hogar Santa Librada, e melhorou muito. Fiz curso de cabeleireira, de computação e de limpeza. Então, deixei o primeiro trabalho que era de muita exploração. (CAMÉLIA)*

*Eu vivo onde trabalho, não tenho casa aqui em Asunción. Eu vinha aqui na casa com as irmãs todos os domingos, porque minha patroa me dava folga só no domingo. Agora venho no sábado e fico até domingo. (TULIPA)*

Percebe-se então que o *Hogar* é uma forma rápida de inserção no mercado de trabalho, todas, sem exceção, iniciaram suas atividades laborais em Asunción via serviços domésticos, muitas vezes, articulados por esta instituição que acolhe as migrantes. Considerando a dinâmica do mercado de trabalho, a entrada de mulheres é favorecida, pois o serviço doméstico, o comércio “informal” – vendedoras ou prostitutas –, e o mercado de embelezamento são atividades exercidas prioritariamente por mulheres. A inserção neste mercado específico de Asunción se dá de uma forma mais rápida para as mulheres que para os homens, garantindo assim a sua permanência na cidade e o envio de remessas para os filhos que ficaram no interior.

Desde o início dos anos de 1990, tem-se observado no Paraguai o aumento considerável da migração intradepartamental e urbana. As cidades da capital (Asunción) e da fronteira (Ciudad del Este) tornaram-se cada vez mais acessíveis e receptíveis à chegada de novos migrantes, uma vez que o custo econômico dessas migrações é relativamente baixo. Outro fator que contribui para o aumento desse fenômeno social migratório diz respeito ao investimento comercial nessas cidades, que favorecem acesso ao trabalho tanto no comércio (limpeza, vendedoras) como de empregada doméstica.

Nas trajetórias relatadas pelas mulheres paraguaias que participaram deste trabalho, a migração consiste em um fator de transformação para o conjunto dos papéis e das relações de gênero que ocorrem no âmbito familiar e privado (no interior do Paraguai) e as integra num outro conjunto de relações no contexto urbano.

Inseridos no espaço urbano e suas sociabilidades, os laços de amizade e de confiança, as redes sociais de migração presentes na cidade e na vida das mulheres em apreço, passam a ser permanentes durante o processo migratório. Desse modo, a movimentação é definida não apenas pela mudança do espaço físico, mas também pela alteração profunda das relações sociais. Pois, uma mulher que migra não vai apenas morar em outro lugar, mas vai conviver com outras pessoas. Assim, as redes sociais migratórias tecem um papel fundamental nos processos migratórios das mulheres migrantes.

A tabela 06 a seguir exhibe o perfil das mulheres entrevistadas com o objetivo de apresentar as questões que se destacaram no momento da pesquisa de campo e que se fazem primordiais na análise aqui proposta.

*O perfil das mulheres; o local de origem; a motivação para migrar; as dificuldades encontradas ao longo da trajetória migratória; a inserção no local de destino; as mudanças no padrão de vida; e os sonhos* são os elementos que permitem fazer a análise de suas trajetórias e sua relação com a autonomia adquirida e as formas de empoderamento.

**Tabela 06 – Perfil das participantes**

<b>Perfil da entrevistada</b>	<b>Local de origem (Departamento)</b>	<b>Motivação para migrar</b>	<b>Dificuldades</b>	<b>Inserção no local de destino</b>	<b>Mudanças no padrão de vida</b>	<b>Sonhos</b>
<b>Acácia</b> 10 anos em Asunción. Migrou acompanhada do marido.	Concepción	Incentivada pelo tio, na busca de melhores condições de vida.	Trabalho sem descanso. Idioma. Mudança de trabalho por distância geográfica.	Mediação do <i>Hogar</i> , empregada doméstica; cuidadora de idosos; monitora de limpeza de cozinha.	Do aluguel para aquisição de imóvel. Do ensino fundamental para curso superior.	Concluir o curso. Voltar para o local de origem e trabalhar com o povo da região.
<b>Dália</b> Faz 10 anos que está em Asunción Migrou sozinha.	Encarnación	Veio para estudar e porque não queria se casar.	Trabalhar, obedecer e calar; trabalho intenso. Conciliar trabalho e estudo. Administrar os sentimentos.	Abriram-se caminhos através de amizades e esforço pessoal. Passou de empregada doméstica para negócio próprio.	De subalterna para autônoma. Toma decisões sozinha. Tem amplo relacionamento social.	Conseguir casa própria. Ter um filho. Talvez constituir uma família.
<b>Rosa</b> Migrou sozinha. Faz 08 anos que está em Asunción.	San Pedro	Saiu de casa para estudar e melhorar as condições de vida.	Trabalho sem descanso. Ficar longe da família. Enfrentar o novo da cidade.	Mediação do <i>Hogar</i> , empregada doméstica, secretária e atualmente trabalha em uma empresa.	Do anonimato para a vida social, da pensão para apartamento sozinha. Ensino superior.	Terminar a casa no local de origem. Ter um filho. Trabalhar com povos indígenas.
<b>Begônia</b> Migrou sozinha. Faz 9 anos que está em Asunción	Concepción	Saiu de casa para estudar e se virar na vida por ser órfã.	Sentir-se tratada como objeto. A solidão. Ter sido traída pelo noivo. Falta de família.	Em Asunción, a porta de entrada foi um pensionato de freiras. Através delas inseriu-se no trabalho e estudo.	Autossustentação financeira. Quase formada em direito. É autônoma nas decisões.	Ter um trabalho estável. Casar-se e ter filhos.

<b>Margarida</b> Migrou sozinha. Tinha 18 anos quando migrou agora tem 24.	San Pedro	Saiu de casa por motivo de separação. Deixou filho e marido.	Desconhecimento da cidade grande. Ter sido enganada e aliciada para trabalhar em casa de prostituição.	Em Asunción foi introduzida por uma prima. Através do Hogar Sta. Librada se inseriu no trabalho.	De separada para segundo casamento. Reunião familiar. Não estudou. Não tem recursos econômicos guardados.	Ter estabilizada no emprego. Dar estudo para seus filhos. Está grávida.
<b>Tulipa</b> Saiu de casa casada. Tinha 18 anos. Agora tem 23.	Central	Saiu de casa para ver se melhorava a relação do casamento.	Trabalhar sem descanso. Não ter onde deixar o filho para trabalhar. Fracasso nas duas tentativas de migração para o exterior.	Veio para a cidade com o marido, mas o Hogar Sta. Librada facilitou muito. Ajudou a encontrar trabalho.	Emancipação de seu primeiro casamento. Amadurecimento pessoal.	Voltar a estudar. Mobilhar a casa. Está grávida.
<b>Camélia</b> Saiu de casa grávida. Está em Asunción há 09 anos.	Caaguacú	Separação matrimonial. Fugiu de casa grávida, deixando um filho com sua mãe.	Desconhecimento da cidade. Falta de apoio familiar. Solidão. Deixar os filhos no interior.	O que a ajudou a se integrar no novo lugar foram as amigas. O relacionamento no trabalho e o Hogar Sta. Librada.	Amadurecimento pessoal. A capacidade econômica, poder aquisitivo conquistado.	Pensa em, mais tarde, voltar para o interior, para o terreno de sua mãe. Montar um armazém e viver tranquila.
<b>Azaléia</b> Saiu de casa casada. Tinha 21 anos, agora tem 25 anos.	Central	Sai de casa para buscar trabalho. Deixou o filho com a mãe.	Engravidou pela segunda vez logo após começar trabalhar. Deixar os dois filhos com a mãe. Trabalhar por longas horas.	Se integrou logo por conta de trabalhar junto com uma colega do mesmo lugar de origem. Mediação do Hogar entre ela e a patroa.	Estar morando num bairro onde tem escola perto. Aquisição de terreno e casa. De empregada doméstica para serviços gerais numa loja.	Conseguir seus direitos trabalhistas. Conseguir um emprego melhor. Tratar sua saúde que está debilitada.

### 3.2 A vida no local de origem e as motivações para migrar

É bom dizer, inicialmente, que a memória de criança e até os 16 anos é algo recorrente nas falas das entrevistadas, motivo pelo qual este aspecto é tratado nesta análise. Esse foi, de fato, um aspecto central na fala de todas as entrevistadas, as quais falaram longamente sobre episódios circunscritos a essa fase da vida.

A descrição do lugar de origem foi pouco mencionada, mas a situação em que elas se encontravam quando tomaram a decisão de migrar foi bem demarcada por cada uma delas. Com gradações diferenciadas, o tema da violência familiar – ligada à figura do companheiro ou do casamento precoce – permeou a quase totalidade das falas. Em alguns casos, essa violência se refere à negação de aspirações e desejos, trazendo à tona o sentimento de frustração por terem sido forçadas a escolhas que não eram as suas, dentre outras a de casar muito cedo, a de trabalhar na casa e na roça desde criança, quando gostariam de ter usufruído das brincadeiras infantis, e de estudar, por exemplo. Estas falas evidenciam não somente a recordação da infância e das duras condições de vida e trabalho, mas acima de tudo as condições às quais estavam submetidas.

Quando interpeladas sobre as razões que as levaram a migrar para Asunción, as respostas mostraram duas vertentes. A primeira, fugir do casamento violento, e a segunda, evitar um casamento precoce. Além dessas duas motivações aparece o interesse por estudar e melhorar suas condições de vida. Em geral, as mulheres que fugiram de seus maridos violentos, casaram-se muito cedo, entre 15 e 19 anos, como é “costume” no interior. Já aquelas que optaram por migrar para uma cidade maior que lhes possibilitasse estudar, fizeram este movimento justamente para evitar o casamento precoce, a possibilidade de uma vida conjugal violenta e, assim, disporem de mais ferramentas para gerir suas vidas.

*Eu queria ir para a cidade de Concepción para estudar e viver com minha tia, eu tinha 9 anos, mas meu pai não me deixou. Meu pai disse que viver com aquela família era “intratável” e não quis me dar como membro (criadita) daquela família então eu cresci em casa assim (sem estudo e sem oportunidades melhores) e com 19 anos me casei, porque assim é a vida no interior (ACÁCIA).*

*Na roça (campaña) eu e minha irmã tínhamos que cuidar do barzinho (copetin) para minha mãe. Com 10 anos eu também cuidava de três crianças, mas desde os 7 anos eu já trabalhava. Quando fiz 13 anos passei a ser vendedora na rua, eu tinha*

*vergonha porque já era jovem. Então minha mãe me tirou da rua de vendedora e fiquei no barzinho (...) ali conheci meu marido, casei com 16 anos (AZÁLEA).*

*Eu saí da casa paterna com 18 anos, vestida de branco, com dignidade. Me casei, me torturei, me aborreci, peguei o meu destino e saí em busca da minha liberdade e do meu sustento e do sustento dos meus filhos. Saí, eu e um bebê na barriga. Assim foi. Saí de casa porque meu marido me tratava como se eu fosse um aluguel (interrompeu a fala e chorou), me enganei no casamento, mas lá (se referindo à cidade natal) não pode passar dos 18 anos sem se casar (TULIPA).*

*Após o meu Crisma, com 15 anos, tive que estar com um homem. Era muito conhecido da família e no interior é assim, precisa se casar... fiquei junto três anos, ele era violento, também ficava por alguns dias fora de casa. Eu não podia sair longe, só trabalhava ali, cuidava da chacarita (uma horta), e depois não aguentei mais. Na verdade eu saí de casa (migrou) porque não aguentava mais ser maltratada e agredida. Eu decidi buscar uma vida longe dos meus pais e, principalmente, do meu marido que eu não aguentava mais e também não ser mais traída e nem passar necessidade de comida e de outras coisas eu e meu filho (CAMÉLIA)*

*Eu conhecia os perigos da cidade e também as possibilidades de crescer, por isso, me arrisquei vir, sem medo, queria estudar e trabalhar e não casar logo (ROSA)*

*Eu quis migrar, vir para Asunción. Na segunda vez (quando tinha 16 aos), para não me casar logo. Quis buscar outras coisas na vida, como trabalho, cursos e conhecimento antes de me casar. Meus irmãos todos já se casaram, muito cedo mesmo (DÁLIA).*

*Sabes que primeiro eu fugi de casa com meu filho e fui parar na casa de uma amiga minha em Ciudad del Este. Conteí tudo para ela, eu não podia mais viver aquela vida de deteriorização (lastima), de tudo o que sonhei antes de casar (...). Agora eu decido o que é bom para mim, sabes, a vida me ensinou muito e eu gosto de viver aqui (Asunción). Eu vim para a cidade em busca de trabalho e de outra vida porque lá (San Pietro) já não era mais possível ter paz e alegria, sabes. (MARGARIDA).*

*Eu sempre pensei em ser alguém na vida. Queria ajudar minhas irmãs e não mais depender dos meus tios. Queria construir uma família para mim e conseguir recursos financeiros para ajudar outras meninas órfãs e abandonadas. Agora já penso que posso ajudar muito os migrantes e também os campesinos (pequenos agricultores) quando terminar o meu curso de direito (BEGÔNIA).*

Os relatos acima trouxeram para a memória das mulheres migrantes, suas experiências no decorrer de suas histórias, sua infância, no seio da família, o casamento, as aspirações juvenis. Na reflexão sobre esse tema, vale à pena revisitar a

ideia de Ecléa Bosi (1987) sobre a iniciativa dos indivíduos de recorrerem às experiências de vida ao relatarem suas vidas no presente.

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado ‘tal como foi’, e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoa a nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque não somos mais os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e outro e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista (BOSI, 1987; p. 17)

Portanto, pode-se dizer, de forma simples, que as tintas dadas ao quadro da vida, no presente momento, se diferenciam daquelas que foram dadas no passado e se for outra vez retomado, este tema já não terá os mesmos matizes. Isto porque a experiência de vida entra em jogo e a experiência produz mudanças variadas em um ou outro caso. Pinta-se o mesmo quadro, mas o pano de fundo sofre modificações.

Considero importante esta reflexão para a compreensão das trajetórias descritas por essas mulheres, pois, sabendo que quando elas se reportam a suas histórias o fazem mesclando referenciais de sua experiência atual, então, ao se referir “*aos perigos da cidade*”, ao dizer que “*a vida me ensinou muito, agora decido o que é bom pra mim*” e que “*sempre quis ser alguém na vida e agora curso direito*” estas mulheres misturam, em certa medida, passado e presente, avaliando suas experiências de vida e seus desejos anteriores à migração. Ao realizarem seu processo de migração, mudam não apenas do ponto de vista geográfico, mas mudam suas próprias vidas. E é deste patamar novo que dirigem seu olhar ao passado: elas já não são as mesmas e o olhar sobre seu mundo é também outro.

### **3.3 As dificuldades encontradas ao longo da trajetória migratória e a inserção no local de destino: o papel das redes sociais migratórias**

Quando se trata do tema de negociar sua saída da cidade de origem, se apresenta uma duplicidade de situações de negociação. A primeira, de caráter mais

restrito, se dá no interior da família e diz respeito às meninas e às jovens ainda em idade de serem cuidadas pela família, para as quais a negociação se dá com o pai. É ele quem decide se a menina vai ou não ser *criadita* em outra família e para onde ela será encaminhada. Já a segunda, se refere à negociação em nível mais amplo e envolve a figura da comunidade em geral, como o marido, parentes e sacerdotes.

No primeiro caso, aparecem os seguintes relatos:

*Com 18 anos vim para trabalhar em Asunción. Deixei meu filho aos cuidados de minha mãe. Depois meus pais se separaram e meu filho ficou com minha mãe que o cuidou até os 6 anos. (MARGARIDA)*

*Nasci em Asunción, fui para o campo, em Independencia, vivi lá até os 21 anos com meus pais. Ali me casei, antes de completar um ano de casada tive meu filho. Depois, voltei para Asunción, porque onde eu vivia não tinha escola, meu filho está em idade escolar e no campo não havia escola. Eu não estudei. Depois de casada voltei a viver com minha mãe. Agora vivo em Lambaré (cidade metropolitana) na casa de meu pai que faleceu há 5 anos. Tenho dois meninos, e não quero mais filhos. Quando eu trabalhava minha mãe cuidava dos meus filhos para mim. (AZÁLEA)*

*Meu pai nos dividiu entre alguns tios, tias e avós. Eu tinha 9 anos e fui com minha irmã mais nova. Estudei até o sexto grau. Depois não tinha mais escola ali, então teria que para a cidade, trabalhar na casa dos outros para poder estudar. Então uma tia veio visitar-me e me levou com ela para morar e estudar em Horqueta, onde havia escola. Meus tios já estavam com minhas irmãs mais novas, que eram bebês quando minha mãe faleceu. Assim pude estudar. (BEGÔNIA)*

*Eu tenho uma irmã que veio para Asunción pequena para viver como criada em uma casa de família e quando completei 9 anos também vim viver como criada. Todas as “criadas” trabalham na família em que vão viver, cuidam de outras crianças. Eu trabalhava o dia todo desde que cheguei. Comecei cuidando das crianças, estava junto da família mesmo nos passeios e como recompensa eu podia continuar estudando. (DÁLIA)*

Já o segundo caso é elucidado a partir dos seguintes depoimentos:

*Fui falar com meu pai, ele me levou falar com o padre e me disseram que eu devia cuidar do meu casamento, mas se eu apanhava então devia voltar para casa dos meus pais (...) eu já tinha uma criança (me mostrou a foto do menino, quando bebê) e não queria voltar para casa. Falei com minha mãe sozinha, só eu e ela e minha mãe me ajudou, eu fugi de casa e fui diretamente para Ciudad del Este, na casa de uma amiga. Deixei meu filho com minha mãe porque estava grávida de novo. (CAMÉLIA)*

*Primeiro veio minha irmã porque eu tenho um tio sacerdote que a trouxe e arrumou para ela um trabalho em casa de família. Ela tinha 16 anos. Eu vim 2 anos depois. Eu me casei antes de sair de*

*casa, porque no interior é assim, me casei com 19 anos. Havia uma escola em San Tomé, longe uns 40 km, mas eu não tinha dinheiro para pagar o transporte todos os dias. (ACÁCIA)*

No interior do Paraguai, a estrutura familiar tradicional é formada pelo esposo/pai responsável por tomar as decisões por todos aqueles que pertencem à sua família e por contribuir na manutenção material da casa, e a esposa/mãe é responsável pela manutenção material e do bem-estar da casa e da família, assim como pela educação das crianças. No caso de meninas tão pequenas quanto as de 9 anos, é compreensível que o pai tome a decisão e, inclusive, recuse uma oferta para ser *criadita* em casa de família caso a considere inadequada para a filha, mas o mesmo não se pode dizer das jovens.

Quando se trata das jovens “em idade de casar”, ou seja, adolescentes ao redor de 15 anos, a tendência é que a moça seja encaminhada para o casamento. São ritos como o Crisma e o matrimônio que marcam esta fase e estabelecem a passagem de um *status* a outro, como afirmam estas entrevistadas.

*Após meu Crisma, com 15 anos, tive que estar com um homem. (CAMÉLIA)*

*Saí de casa vestida de branco, fui me casar. Nunca me entreguei para homem nenhum antes do casamento. Porque assim era minha família, as mulheres deveriam imitar a Virgem Maria, ser pura e no casamento serem fiéis. (TULIPA)*

Aqui, então, percebe-se o duplo papel do casamento precoce: por um lado, a manutenção da esposa é responsabilidade do marido, por outro, a moça deixa de ser mantida e passa a ter responsabilidade, junto com o companheiro, de gerir materialmente sua vida. Portanto, casando-a cedo, o pai encontra um homem jovem para auxiliá-lo na tarefa de manter as mulheres da sua família. O casamento, seja bem-sucedido ou fracassado, muda o *status* social da moça. Ela deixa de ser “moça” e passa a ser “mulher”, ocupando um lugar social distinto. Esta mudança de *status* está concretamente marcada na existência da casa, da *chacarita*, do *copetin*, de todos os bens que ela possa vir a ter e gerenciar, inclusive filhos e dinheiro.

O gerenciamento da vida financeira da família está bem expresso no depoimento de Azálea.

*No campo eu e minha irmã cuidávamos de um copetin (barzinho), foi aí que conheci meu marido. Eu comecei a trabalhar com 7 anos*

*cuidando de uma menina e sempre recebi dinheiro por meu trabalho, mas sempre dei tudo para minha mãe. É ela quem administra, até hoje é a patroa. (AZÁLEA)*

O novo lugar social, ou seja, ser “mulher” lhe dá direito a gerenciar sua vida, seu dinheiro e confere a ela a autonomia necessária para negociar com o pai ou com outros membros da comunidade a respeito de suas escolhas. Nesse sentido, o conceito de ‘empoderamento’ se faz apropriado para nomear os mecanismos pelos quais estas mulheres tomam o controle de suas vidas e a consciência de suas habilidades e potencialidades para gerenciar, produzir e vivenciar suas vidas e histórias. A mulher muda o lugar social, muda de lugar de moradia (casa e sai de casa) e muda de lugar geográfico quando migra. Sua autonomia fica mais clara quando ela migra e faz a experiência de gerenciar sua vida a partir de seus próprios critérios.

A categoria ‘empoderamento’ surgiu com forte influência no meio acadêmico a partir da década 1990, como forma de análise. Para Stark (1996), através do empoderamento as pessoas passam a tomar suas próprias decisões, o que requer igualdade e equidade entre as pessoas envolvidas nas tomadas de decisão. Assim, no ambiente privado, no cotidiano de seus lares, dividindo as tarefas e partilhando das tomadas de decisões referentes à família, o empoderamento vai ser sempre relativo, uma vez que vivemos em uma sociedade extremamente desigual. No entanto, o empoderamento pode ser associado à autonomia e à reorganização das relações de gênero e dos papéis sociais.

Ironicamente, são os casamentos fracassados que nos demonstram muito claramente como se dá este processo. A decisão de migrar se dá com o apoio do pai. Somente depois de conversarem com o pai, as mulheres negociam com a mãe sua partida. Embora seja importante o apoio do pai, é com a mãe que se constrói o projeto, é com a mãe que a migração se torna viável. Este projeto implica a dinâmica que integra e mantém unidas três gerações da mesma família, a avó, a mãe e os filhos. A migração só acontece quando existe concordância entre as duas mulheres e o vínculo entre elas se perpetua com a substituição simbólica da filha pelos netos. O lugar afetivo da filha permanece preenchido pelos netos, assim a migração da mulher não rompe as relações familiares nem as coloca em risco.

Ainda, a presença dos filhos significa um compromisso da mulher que sai de enviar remessas para o sustento de ambos, avó e netos. Tendo em vista que a mulher gerencia financeiramente a família, podemos entender que, nestas condições, a

migração é um projeto coletivo, construído tanto pela mãe quanto pela filha que migra e beneficia a ambas, pois permite à avó mais uma forma de ingresso de dinheiro para que ela administre.

Assim, reorganizam a divisão dos papéis sociais no seio da família e nos dão indícios da importância da rede familiar na consolidação da migração. Além da rede familiar, fica bastante explícita a existência de uma rede social migratória mais extensa que é acessada no momento após a decisão de migrar: primas, amigas, tias, representantes da Igreja Católica e instituições religiosas são apresentadas como pontes entre a cidade natal e um “lugar” na capital. Na história de Acácia, há um tio sacerdote que a leva para trabalhar em uma casa de família na capital, e no depoimento de Camélia, o padre da comunidade, ao tomar ciência do sofrimento dela, a apoia em sua decisão de migrar. A presença destas pessoas na organização da migração é evidente na experiência das mulheres entrevistadas nesta pesquisa.

A forte tradição católica no interior do Paraguai<sup>25</sup> também colabora para esta decisiva presença. Como podemos verificar nos seguintes depoimentos.

*Eu tive uma família de base religiosa, por isso nunca fracassei no trabalho aqui em Asunción. Os ensinamentos do meu pai e da minha mãe são a base, nunca deixar de rezar e pedir a Deus e à Virgem Maria. O rosário se rezava na minha família e eu sempre, nas dificuldades, rezava o rosário e até hoje rezo para a Virgem de Caacupé. (ACÁCIA).*

*A oração marca momentos-chave na vida da pessoa, isto aprendi desde bem pequena. E sempre pratico, rezo todos os dias. (ROSA)*

O elo criado pelos religiosos se expande do interior até a capital e proporciona não somente trabalho, mas também a possibilidade de estudar seja nos cursos profissionalizantes oferecidos no *Hogar* seja como bolsista de uma faculdade marista, como nos conta Begônia em seu depoimento.

*Era uma escola dos irmãos Maristas. Tínhamos tutor que nos acompanhava pessoalmente. Eu viva uma vida espiritual e integrada, especialmente no meu caso (órfã de mãe e abandonada pelo pai). Ao concluir o ensino médio, decidi vir a Asunción com o desejo de continuar estudando. A escola era dos irmãos maristas. Eles me deram meia bolsa que era de 350 mil guaranis durante um ano, para que eu continuasse estudando. Fui para a universidade nacional e ingressei no curso de história. Eu cheguei a Asunción*

---

<sup>25</sup> Paraguai é um país eminentemente católico. Segundo dados 90% da população se declara católica. Além disso, as festas religiosas tais como, San Blás, Virgem de Caacupé; Semana Santa (quarta a domingo de Páscoa), são feriados nacionais. Nos departamentos também se respeita datas festivas, tais como: San Roque, Virgem Maria, San Pedro y San Pablo, San Juan Bautista.

*por meio de um programa dos irmãos maristas, viemos três alunas da mesma escola. Eles nos encaminharam para um internato de meninas da congregação de Maria Imaculada. As irmãs encontraram um emprego em casa de família para mim e assim terminei o curso de História na Nacional. Sempre tive ideia de fazer outro curso, então meu trabalho na pastoral me permitiu uma bolsa na Universidade Católica e assumi o curso de Direito e meu projeto profissional segue por aí. Penso em ser docente. (BEGÔNIA)*

Os processos migratórios femininos estão associados, de forma predominante, às redes sociais de parentesco, amizades e de origem comum. No entanto, transformações ocorrem com relação às formas e aos mecanismos por elas utilizados durante os processos migratórios até a inserção no mercado de trabalho que lhes aponte possibilidade de autonomia.

O relato das entrevistadas revela isso.

*Minha irmã veio antes. Meu tio que é sacerdote a trouxe e arrumou um emprego em casa de família para ela. Eu vim 2 anos depois. (ACÁCIA)*

*Eu tenho uma irmã que veio viver como criadita. Eu vim depois. (DÁLIA)*

*Meu tio me apoiou para vir a Asunción. Vim por um programa dos irmãos maristas e morei em um internato da congregação de Maria Imaculada. (BEGÔNIA)*

Não apenas Begônia, mas a maioria das mulheres entrevistadas tem, na migração, a grande oportunidade de desenvolvimento pessoal e acesso ao conhecimento.

### **3.4 As mudanças no padrão de vida e os sonhos**

A inserção no mercado de trabalho, então, nos revela a questão econômica que sempre acompanha os processos migratórios, embora não seja a razão apontada por nenhuma delas como motivo para migrar. As considerações a respeito de seus ganhos significam um processo de melhoria de qualidade de vida, de ascensão social, de maior integração ao meio urbano para as entrevistadas. Neste contexto, a migração se apresenta como um importante mecanismo de rompimento, embora não signifique um abandono de tradições, inclusive do casamento e da religião.

Nos depoimentos, é sempre marcante a progressão salarial.

*Meu salário também foi crescendo, de 1.000 para 40 mil guaranis e assim progressivamente. Depois, descobri minha vocação de trabalhar com pessoas, de arrumar as pessoas e busquei formação para isto. Fiz um cursinho de cabeleireira no Hogar, logo passei a estudar em uma instituição reconhecida (...) e passei a estudar para cabeleireira, estudei manicure, pedicure (...) hoje sou profissional e autônoma (DÁLIA).*

*Comecei ganhando 150 mil mensal, porque tinha referência da minha irmã, depois de um ano 180 mil, depois 200 mil, 230 e 250 mil no terceiro, quando saí de lá. Saí porque trabalhava muito e tinha folga somente a cada 15 dias e só conseguia ver meu marido no sábado. Depois, fui trabalhar na casa de uma senhora aposentada e comecei ganhando 250 mil guaranis, das 8 às 16. Então comprei uma casa com meu marido, tínhamos 1 milhão de guaranis guardados, sempre pagamos aluguel entre 40 e 70 mil guaranis. A casa ficava muito longe do trabalho, tinha que pegar dois ônibus e já não valia a pena. Fiquei sem trabalho um tempo e depois comecei a trabalhar para um médico espanhol, era um bom pagamento, 480 mil mensal. (ACÁCIA)*

*Comecei com 350 mil mensal. Aí consegui outro trabalho e comecei a receber 500 mil. Sempre enviava dinheiro semanal à minha mãe para criar meu filho. Depois de três meses consegui um trabalho em uma pizzaria e recebia meio salário mínimo, 625 mil ao mês. (MARGARIDA)*

Embora, no princípio, essas trabalhadoras estejam inseridas no mercado de trabalho secundário, que não exige qualificação profissional, oferece os menores salários e apresenta pouca ou nenhuma mobilidade social (PIORE, 1979), a maioria ascende na sua condição social. Superam essas condições, em que trabalhavam submetidas a uma jornada de trabalho quase sempre excessiva e extenuante, sem salário definido, sem direito à folga, à privacidade ou acesso a cuidados médicos.

Considerando o cenário descrito, podemos dizer que, se a migração é capaz de proporcionar, por um lado, a obtenção de trabalho e de oportunizar, por conseguinte, uma vida melhor para as mulheres, por outro, as expõe a grave situação de vulnerabilidade e de exploração de toda ordem.

Neste sentido, no novo contexto do local de destino, as migrantes, inseridas no mercado de trabalho, continuam submetidas a relações de poder. Ainda que tais relações se apresentem de forma mais sutil, ao detectar as dificuldades relatadas nos processos migratórios, pode-se perceber que entre elas existe a exploração e a submissão no trabalho.

*Eu me sentia um utensílio qualquer, trabalhava em silêncio, fazia tudo o que a patroa me mandava e ainda comia depois que todos tinham terminado e fora da mesa. Na casa dos meus tios, todos*

*sentavam à mesa para comer e também todos rezavam juntos à noite. Na casa dessa patroa não era assim, eu era um objeto qualquer, foi muito ruim essa experiência (BEGÔNIA).*

Ao chegar à cidade, as mulheres oriundas do interior se encontram, em geral, em condição de escolaridade baixa e sem conhecimento da complexidade da cidade, e o que parece ser uma boa oportunidade nem sempre se confirma. Trabalhos precários e violação dos direitos humanos são visíveis nos relatos das migrantes, por falta de informação e, às vezes, por medo de serem ainda “castigadas”, uma vez que saíram de casa por motivos “fortes”, vítimas da violência e da opressão, como constatamos nas narrativas a seguir.

*Uma prima me trouxe para Asunción para trabalhar de empregada doméstica. Fiquei uma semana na casa dessa família e minha prima me chamou para trabalhar com uma amiga chamada Lili, como doméstica. Disse que pagavam bem, 150 mil semanal. Eu fui. Quando cheguei na casa, achei tudo estranho, não tinha comida na geladeira e um rapaz muito estranho estava comendo aperitivos e me ofereceu. Me disseram que eu iria começar no dia seguinte e que ali não era casa de família, que iriam me emprestar umas roupas para eu aparecer melhor para os clientes e que teria de tratá-los bem. Meu coração acelerou. Isto é um bordel, me disse o rapaz. Eu pedi para falar com a minha prima e ele me disse que eu não poderia. Não consegui dormir e na manhã seguinte me mandaram fazer o café e depois limpar os quartos. O rapaz me mandou pegar uma vassoura nos fundos da casa e eu vi uma porta aberta nos fundos, peguei minha bolsa e saí correndo pelo centro da cidade, feito uma louca. (MARGARIDA)*

*Uma vez saímos em um grupo com um senhor que fez nossos documentos e que nos levaria até a Espanha. Chegamos à Suíça e ficamos no aeroporto por 5 dias. Não sabíamos se era dia ou noite. O senhor que nos acompanhava sumiu e ficamos ali até que nos trouxeram de volta, eu só queria chegar em casa. Depois de um tempo, acho que dois anos, meu irmão já estava na Espanha e me disse que tínhamos um tio, eu não sabia que ele era meu tio, eu não conhecia antes. Mas meu irmão confirmou que era meu tio e que eu podia ir tranquila com ele que eu chegaria à Espanha sem problema. Meu irmão pagou a passagem e estava tudo certo então eu fui. Era perto da festa de Natal. Desta vez fui sozinha. Mas quando cheguei lá, não me deixaram sair do aeroporto, nem falar com meu irmão, nem com meu tio. Eles estavam me esperando, no aeroporto, lá fora, mas eu não os vi. Me colocaram no avião de volta e eu cheguei por Foz do Iguaçu, mas a embaixada me pegou no aeroporto de Foz e me trouxe até na casa dos meus pais. (CAMÉLIA)*

É inegável a relação de poder. A mulher migrante é vista, em geral, como alguém submisso com a missão de “obedecer, servir e calar”. Essas mulheres

migrantes “pegam seu destino” em busca de superação da submissão (novas oportunidades), enfrentam barreiras socioculturais, tais como a língua, os costumes e as condições de trabalho nem sempre favoráveis (trabalho sem descanso, trabalho e estudo sem intervalo suficiente). O processo de adequação mínimo aos padrões da cidade é sofrido, mas o desejo é maior e determina a persistência e a permanência.

*Quando trabalhei na empresa (internacional) eu tinha que trabalhar muito, subir, às vezes, três ou até cinco andares com caixas de mercadorias nas costas. Não tinha elevador, eu precisava fazer isso todos os dias. Eu trabalhava sem falar, só fazia o que meu patrão me mandava. Eu não sabia pedir pelos meus direitos. Só depois que comecei a vir aqui no Hogar das irmãs é que aprendi que eu tinha direito, porque me machuquei, caí da escada com uma caixa de mercadoria e rompi minha cesárea, eles me levaram ao hospital e me deram um papel (mostrou a receita de medicação) e me disseram para ir na farmácia comprar (...). Eu saí de lá e agora estou aqui para ver se as irmãs me ajudam. (AZÁLEA).*

Quando falamos em relação de poder, nos referimos ao fato de que, por mais que as mulheres estejam em uma situação mais confortável do que no século passado, conseguindo alguns avanços, seja na esfera familiar (privada), seja nas instituições (pública), a sociedade ainda está ordenada pelos elementos masculinos. Afinal, historicamente as mulheres estão do lado oposto, do lado da subalternidade. Para Costa (1997), essas relações de poder são mantidas por diversos motivos e envolvem os diferentes atores, os que dominam e os que são dominados e “aceitam” essa dominação. Essa aceitação é resultante dos mecanismos de socialização, dos “aparelhos ideológicos”, das crenças religiosas, ou seja, é fruto da dinâmica das culturas.

Ainda hoje, passadas todas as transformações ocorridas na condição feminina, muitas mulheres não podem decidir sobre suas vidas, não exercem poder e, principalmente, não acumulam poder, mas o reproduzem, não para elas mesmas, mas para aqueles que de fato controlam o poder. As pequenas parcelas de poder ou pequenos poderes que lhes tocam e que lhes permitem romper, em alguns momentos ou circunstâncias, com a supremacia masculina, são poderes tremendamente desiguais.

Conforme pude depreender a partir dos casos aqui estudados, os processos migratórios contribuem para o processo de aquisição de autonomia das migrantes. Isto é, quando elas passam a viver longe da familiar de origem e sem um companheiro que

decida por elas, isso possibilita e permite que elas sejam capazes de gerenciar tanto suas próprias vidas quanto os frutos que recebem por seus trabalhos. Essa experiência de autonomia ante as resoluções de problemas faz com que ganhem mais confiança em si mesmas e coragem para manterem seus posicionamentos e desejos.

Como vimos ao longo deste trabalho, o número de mulheres é superior ao dos homens no processo migratório, sendo elas protagonistas de transformações tanto em suas vidas quanto nos novos contextos, seja de origem, seja de destino. Chamamos a este processo de feminização. Entenda-se por feminização o conjunto de impactos causados com a entrada efetiva das mulheres num determinado fluxo migratório (MOROKVASIC, 1984). O volume de mulheres por si só, ainda que seja superior ao dos homens, não caracteriza a feminização. A reconfiguração da família, as transformações nas relações de poder e papéis de gênero, o ganho de autonomia são alguns dos aspectos constitutivos da feminização.

Na migração urbana, as mulheres têm-se tornado figuras constantes. É notável o caso das mulheres paraguaias que migram para Asunción sem a presença de companheiros ou de familiares, sendo elas mesmas as gestoras de seu projeto migratório. Elas tomam essa decisão sozinhas, às vezes, de forma organizada com outras mulheres, mas, sobretudo, pensando em si mesmas, munidas do desejo de uma vida melhor. Segundo Morokvasic (1984),

[a] perspectiva mais comumente adotada (...) é que a migração e a entrada das mulheres no mercado de trabalho no destino trazem ganhos e perdas: aumenta a exploração de mulheres e, ao mesmo tempo, oferece a oportunidade de ganho de independência e a percepção de que a situação pode se transformar. (MOROKVASIC, 1984, p. 893).

Portanto, nos relatos das entrevistadas expostos acima, a inserção no mercado de trabalho se apresenta como um dos elementos que proporciona certa autonomia. As narrativas apontam para o fato de que os processos migratórios, nesses casos, funcionam como uma forma de obter liberdade e autonomia no sentido econômico, pois elas não só ganham mais como também adquirem e gerenciam mais bens.

Assim também, transformam as experiências vividas que incluem, entre outros, o aprendizado nos cursinhos (no caso, aqueles ofertados pelo *Hogar de Tránsito Santa Librada*), a experiência adquirida no trabalho, o conhecimento e o reconhecimento do espaço urbano, em conquistas. Seu próprio negócio (cabeleireira),

sua casa própria, sua profissão. A migração para o espaço urbano (cidade metropolitana) abre oportunidades antes não encontradas no interior rural. A autonomia não se dá apenas quanto à questão econômica, mas, principalmente, quanto ao processo de gerenciamento de suas vidas.

Assim, Asunción pode ser imaginada como o lugar da realização dos sonhos. Principalmente, nos relatos de Rosa, Begônia e Dália que ultrapassaram a fase de empregadas domésticas, e se tornaram autônomas e “donas de suas vidas”. Begônia trabalha na pastoral e cursa Direito na Universidade Católica, com bolsa dos irmãos maristas; Rosa se formou em jornalismo e trabalha com projetos sociais financiados pela Embaixada da Finlândia; e Dália é empresária, dona de seu próprio salão de beleza.

Conforme já tive oportunidade de destacar anteriormente, durante muito tempo, a contribuição das mulheres nos processos migratórios foi negligenciada pelos dados estatísticos. Uma das consequências do ‘silenciamento’ da presença feminina na migração é que trabalhos e pesquisas acadêmicos não as mencionavam acabavam por escamotear a importância desse movimento na conjuntura atual.

Atualmente, as mulheres são figuras constantes e significativas no cenário migratório mundial e intrarregional. Sua inserção no mercado de trabalho e os níveis cada vez maiores de qualificação profissional vão paulatinamente proporcionando autonomia econômica e independência pessoal. Elas são gestoras dos processos migratórios, criam suas próprias redes sociais, haja vista que vêm na migração a chave de mudança e superação de uma posição de submissão para outra, de autonomia. Dito de outra forma, a migração é uma estratégia de obter mais oportunidades de estudo, de gerenciar seus próprios negócios, adquirirem um salário melhor, decidir sobre as questões afetivas, reorganizarem as relações familiares, o que significa afirmar que é forma de obtenção de autonomia.

Nos relatos apresentados, o fator econômico, a falta de alternativas e perspectivas para as mulheres, e a violência doméstica determinam os fluxos migratórios para a cidade. Em contrapartida, com a inserção no mercado de trabalho urbano, algumas passam a adquirir bens, a ter acesso a produtos de beleza, a roupas e calçados, à possibilidade de fazer cursos profissionalizantes, à escola, ao transporte e ao saneamento básico.

Um dos maiores desejos é possuir uma casa, um espaço próprio para morar e gerenciar suas coisas nesse espaço. Esta característica traz embutido um condicionante econômico, como o valor do aluguel praticado na capital, por exemplo, mas também revela um projeto que tem início em um momento anterior à migração e que para desenvolver-se precisa de um espaço adequado: a casa.

Como não há, neste percurso, uma clareza quanto ao retorno da migrante à cidade natal, mas sim um forte impulso a permanecer em Asunción, a casa é a concretização da ruptura com a vida anterior. Os depoimentos a seguir revelam esse sonho.

*A administração da casa e dos bens somos eu e meu marido que fazemos juntos. Compramos nossa casa. (ACÁCIA)*

*O que mais quero agora é conseguir minha casa própria. (DÁLIA)*

*Vamos comprar nossa casa própria, estamos fazendo os papéis e já temos o dinheiro guardado para comprar. Decidimos sempre juntos o que vamos comprar, uma mesinha ou outra coisa assim, quanto vamos gastar, quanto vai nos sobrar. (MARGARIDA)*

Em geral, a casa própria vem acompanhada de um relacionamento afetivo bem estabelecido que, para as mulheres que já possuem filhos, significa a reunião familiar, ou seja, trazer os filhos do interior para a capital, concluindo assim o projeto migratório. Para as mulheres que não têm ainda ou não tiveram filhos por razões biológicas, a casa possui uma concepção afetiva e encerra em si também o ciclo migratório, por vezes, sugerindo um retorno à terra natal, à proximidade dos pais ou parentes.

*Eu não quero viver longe dos meus pais. Por isso quero comprar uma casinha perto deles, para viver e para ter algo em meu futuro. (ROSA)*

*Penso em ir para o interior, ter minha casa e meu negócio e viver por lá. (TULIPA).*

Assim, a conquista da autonomia dessas migrantes é um processo inacabado e nos permite pensá-la como algo em constante construção. Segundo Assis (2011), as identidades não são fixas ou permanentes, mas sim construídas historicamente ao longo de suas vidas. Podemos, portanto, dizer que as migrantes reconstróem suas vidas de forma autônoma ao mesmo tempo em que incorporam novos códigos e ressignificam as representações sociais com as quais são identificadas. Reformulam

assim, uma identidade (subjetividade) singular e redefinem os padrões estabelecidos. Por isso, as práticas de deslocamentos devem ser entendidas como constituídas de significados culturais e identitários, visto que é no processo migratório entre espaços físicos, rural-urbano e/ou urbano-urbano, que as migrantes reelaboram, selecionam e se apropriam de novos signos (sentidos) culturais e identitários.

Nesse contexto, o fato de migrar torna-se um grande paradoxo. Por um lado, surgem novas oportunidades de trabalho, possibilitando certa independência econômica e conquista de autonomia no que se refere, sobretudo, à questão de gerenciamento da subjetividade afetiva. Por outro lado, há entre os vínculos culturais registrados na memória o desejo manifesto de retornar ao “lugar de origem”. Entretanto, esse retorno é pensado como forma de superação do “passado” e de investimento para uma vida em moldes diferenciados do vivido antes de migrar. Essa sensação ficou nítida e foi relatada, por uma de minhas entrevistadas, da seguinte forma.

*Quero pôr em prática minha profissão. Depois de terminar minha especialização em saúde pública, quero trabalhar na minha área e como sou do interior quero ajudar o povo do interior. Eu falo guarani o que já ajuda muito. (ACÁCIA).*

A migração abre um leque de possibilidades que, em sua nova condição no local de destino, permitem às mulheres decidirem e ponderarem sobre sua subjetividade afetiva, que significa ter ou não um parceiro, ter ou não ter filhos, permanecer em Asunción ou voltar para o interior. A possibilidade de negociar suas vidas com seus companheiros, o apoio do *Hogar* para conseguir novas colocações de emprego e o gradual aumento em suas rendas permitiu a estas mulheres avaliarem sua experiência de vida como positiva.

*Para quem migra a meta é trabalhar e estudar. Aqui em Asunción, tem que aprender a conduzir a liberdade, tem que saber administrar, porque senão se perde logo. Hoje me sento bem madura. Não me deixei levar pelas tentações, não me agarrei a nenhum vício a pesar de todas as situações que passei. (MARGARIDA)*

Ao avaliarmos, então, a dinâmica migratória das mulheres paraguaias do interior para a capital, percebemos que o ciclo da migração possui um propósito de ruptura com algumas das obrigações estabelecidas na terra natal, embora a migração seja pactuada entre mãe e filha. O ciclo migratório encerra quando a mulher

estabelece um novo casamento, traz seus filhos de relações anteriores para morar consigo e compra ou constrói sua casa.

Apesar dos diversos percalços que esta trajetória pode trazer, não sendo um caminho linear da saída até a compra da casa, a intenção é continuar até sua concretização. No caso de Acácia, que é casada e não possui filhos por razões biológicas, o retorno à terra natal parece ser uma forma de reconstrução afetiva e nesta perspectiva, a casa é a concretização deste afeto, assim como, para as mulheres que encerram o ciclo migratório com sucesso, a casa é a concretização do sucesso da migração e a ruptura com a vida anterior, simbolicamente também com a mulher que elas eram antes, portanto “abriram os olhos”.

Camélia não conseguiu completar o ciclo migratório na primeira vez. Depois de abandonar o marido e deixar a filha sob os cuidados de uma irmã, teve um companheiro que, embora fosse originário da mesma cidade que ela não respondeu como deveria, não contribuía com as despesas da casa e se mostrou um problema maior que uma solução. Então separou-se novamente e deixou a segunda filha com a mesma irmã que cuidava da primeira filha. Encontrou outro companheiro, engravidou e, desta vez, já está organizando a papelada para comprar uma casa e trazer as filhas para viverem com eles.

Já na trajetória de Margarida, o ciclo se completa. Ela fugiu do marido violento, deixou o filho sob os cuidados da avó, trabalhou como doméstica e mudou de emprego várias vezes até conseguir trabalho em uma pizzaria, encontrou um companheiro disposto a construir uma vida juntos, engravidou, trouxe o filho para morar com ela e o companheiro e comprou uma casa na periferia de Asunción. Ela resume assim seu sentimento.

*Eu, hoje me sinto bem, me sinto madura. Me sinto vitoriosa por ter um marido bom. Temos nossas diferenças, mas vamos dialogando, ele me ajuda muito, na casa, no cuidado com o filho, também para pensar as coisas de comprar de ter em casa, ele gosta do meu filho, disse que ele quer ser pai também dele (meu primeiro filho), assim que estamos felizes, sabes (MARGARIDA).*

Percebo, então, que a migração feminina do interior do Paraguai para os grandes centros urbanos se reflete em uma mudança nos comportamentos tanto de homens quanto de mulheres. Em primeiro lugar, o entendimento de que se o casamento gera uma vida de violência e de submissão para a mulher, então, ela recebe

apoio da família para migrar, inclusive respaldada por autoridades da comunidade local, como o padre, que concordou com o fato de que um casamento no qual a mulher sofre violência não deveria ser sustentado a qualquer preço. Em segundo, a própria percepção da mulher de que não é propriedade de seu marido, que não deve a ele submissão e que pode existir um relacionamento de casal em que exista a participação de ambos, tanto financeira quanto na tomada de decisões a respeito dos bens e da condução da família.

O fato de algumas migrantes terem abandonado maridos violentos e voltado a se casarem, mas na segunda vez, com o “homem certo”, nos aponta que o comportamento masculino também mudou, moldando-se às expectativas de participação conjunta na vida do casal.

Não podemos afirmar que apenas o homem que vive em grandes cidades está apto à conduzir um relacionamento desta forma, pois a história de Acácia, que teve um casamento bastante jovem, aos 19 anos, ainda vive com seu marido possui este tipo de relacionamento.

Tais considerações me levam a pensar que um casamento em que haja participação conjunta é o mais desejado socialmente. Embora, na educação familiar paraguaia, as mulheres sejam ensinadas a “obedecer, calar e servir”, a mulher que “abre os olhos” muda o paradigma da reprodução social da desigualdade de gênero.

## CONCLUSÕES

As teorias que conduzem os estudos migratórios, das quais foi feito um apanhado geral no capítulo 02, sugerem, em grande medida, que o principal motivo para a migração, seja feminina ou masculina, é o fator econômico. Nesta perspectiva, a migração traria ganhos salariais maiores ou seria a única saída para a sobrevivência.

Podemos considerar que entre os fatores que impulsionam a saída das mulheres das suas comunidades de origem, apontados nos depoimentos, a violência doméstica e a ausência de aparelhos do Estado, principalmente a escola, são as razões mais relevantes. A migração para uma cidade maior em procura de escola é também uma forma de “escapar” do casamento precoce que ocorre, em geral, entre os 16 e 19 anos. Em nenhum dos depoimentos foi registrada a menção econômica como motivo.

A migração aparece então como a solução para estes problemas e direciona-se para as cidades de grande porte, como a capital e as cidades que ficam na região fronteira, que atraem turistas e onde o comércio é intenso. A ida para estes destinos não se dá de forma inconsciente, ao contrário, as notícias disseminadas pelos contatos da rede da mulher que migra a avisam que há postos de trabalho para acesso rápido, o que garantiria a sobrevivência imediata da migrante e de sua prole, caso a tenha.

A rede social presente na vida da mulher, que permite e a ajuda a migrar é composta de familiares, em geral, dos parentes mais próximos, como mãe, pai, tias e tios e se projeta até a cidade grande por meio de amigas, primas e da comunidade religiosa. As casas de acolhida e a articulação de religiosos para a obtenção de um posto de emprego ou de uma bolsa de estudos são em grande medida responsáveis pela permanência destas mulheres na cidade.

Das informantes desta pesquisa, somente uma migrou acompanhada do marido, as demais migraram sozinhas, sendo que três, das oito deixaram os filhos com parentes (mãe e irmã). Outras duas, que saíram grávidas de casa, após o nascimento do filho, o levaram para a mãe cuidar. Ou seja, cinco migrantes trabalham na cidade e têm os filhos no interior, sob cuidado de parentes.

Um dos traços que se destaca nas trabalhadoras migrantes, está relacionado à inserção segmentada no mercado de trabalho, uma vez que, no caso das mulheres, é muito mais acessível a inserção em serviços similares às tarefas domésticas. Embora, as migrantes declarem que desejam alcançar melhores empregos, todas iniciaram no

serviço doméstico, mercado laboral exclusivo das mulheres, mesmo que por vezes, mal remunerado.

O serviço doméstico constitui uma das oportunidades mais frequentes e mais rápidas de emprego para as migrantes. A inserção rápida ao mercado de trabalho garante a sobrevivência e permite à mulher migrante maior capacidade de permanecer na cidade.

As casas de acolhida que oferecem a possibilidade de encontrar um emprego como doméstica de forma rápida geram também uma alta rotatividade nos trabalhos, se o serviço é muito pesado, muito intenso ou longe da moradia, existe sempre a possibilidade de encontrar outro rapidamente.

O baixo grau de instrução e o desconhecimento da língua espanhola – grande parte delas falava somente o guarani antes de chegar à Asunción – colocam estas mulheres em posição de vulnerabilidade frente a exploradores de mão de obra para trabalho ou prostituição. Neste sentido, as casas de acolhida também servem como orientadoras no conhecimento de direitos, além de oferecerem formação profissional.

Após se estabelecerem profissionalmente, os rendimentos salariais possibilitam o envio de remessas para a família no interior e a aquisição de bens, começando sempre por artigos pessoais como roupas, sapatos e maquiagem, e a seguir móveis, mas o bem mais desejado é a casa própria.

A aquisição da casa é a consolidação do projeto migratório, e significa a ruptura com a vida anterior. Para as mulheres que não possuem filhos, a casa cumpre um papel de construção afetiva e geralmente o desejo de construí-la ou adquiri-la direciona-se à terra natal, à proximidade da família e das suas raízes culturais.

Para as mulheres que têm filhos, a concretização do projeto migratório passa pela conquista de um companheiro disposto a construir uma vida em comum e negociada. A negociação da vida pessoal, como a possibilidade de estudar e trazer os filhos de outros relacionamentos para viverem junto com casal, e o gerenciamento financeiro e dos bens do casal são fatores imprescindíveis para o reconhecimento do *status* marital. Caso esta perspectiva não se mostre viável, o relacionamento é rompido e uma nova busca se inicia.

Aqui percebemos que a subjetividade afetiva destas mulheres é um ponto importante, tanto para as mulheres que têm filhos quanto para as que não têm, por impossibilidades biológicas (dois casos) ou por opção (um caso), e inegociável. Considerando o fato de que algumas delas deixaram um casamento que não oferecia

este tipo de convívio, estabelecer outro relacionamento nos mesmos moldes não é aceitável.

Esta capacidade de negociar suas vidas e tomar decisões se mostra presente em suas trajetórias desde a decisão de partir de suas cidades natais, seja por desejarem romper com uma vida de violência e humilhação seja por vontade de estudar ou de oferecer aos filhos a oportunidade de estudar que não tiveram. Garantir a existência de um espaço que permita o desenvolvimento desta capacidade é uma das molas que impele a mulher a migrar e, portanto, é exatamente a percepção de que o novo relacionamento permite a dinâmica da vida consensual que dá à mulher o entendimento de que o processo migratório chegou ao fim e que uma vida nova se estabeleceu, marcando a ruptura com a “velha vida” ao trazer os filhos para morarem junto de si e do novo companheiro na casa adquirida pelo casal.

Em resumo, compreendo que o projeto migratório destas mulheres paraguaias se desenha a partir de uma motivação interna, mais forte que as razões econômicas que permeiam a sobrevivência, pois ao contrário da crença neoclássica, a migração as tira de uma situação em que as possibilidades de sobrevivência estão presentes, como o *copetin* e a *chacarita*, e as deixa vulneráveis em um mundo que não lhes oferece muitas opções para sobreviver.

A superação das difíceis condições iniciais é que permite à mulher cumprir seu desejo de estudar e adquirir uma formação profissional ou de se estabelecer conjugalmente em um relacionamento que tenha as características almejadas. Em ambos os casos, a aquisição da casa própria é a concretização do projeto migratório.

Podemos então concluir que as ferramentas subjetivas que acompanham o processo de empoderamento feminino encontram-se presentes em diversos momentos do processo migratório e acompanham a trajetória das migrantes como uma estratégia pessoal de desenvolvimento tanto no nível pessoal, como administrar um relacionamento em que o casal decide em conjunto os rumos de sua vida conjugal, quanto no nível público, ao exigir seus direitos trabalhistas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMADA, Fátima. La percepción de desarrollo rural em El Paraguay. In: ALMEIDA, Jalciane; MACHADO, João Armando (Org.). *Desenvolvimento rural no Cone Sul*. Porto Alegre: Ed. Associação Helos Meio Ambiente; p. 77-103, 2009.
- ARANGO, Joaquín. *La explicación teórica de las migraciones: luz y sombra*. In: *Migración y Desarrollo*, n. 1, Red. Internacional; p. 4-22, 2003.
- ARIZA, Marina. Género y migración femenina: Dimensiones analíticas y desafíos metodológicos. In: BASSOLS, Dalia Barrera; BAZÁN, Cristina Oehmichen (Eds.) *Migración y relaciones de género en México*. México, GIMTRAP/UNAM, IIA; p. 33-62, 2000.
- AYALA, Eligio. *Migraciones*. Asunción: El Lector, 1996.
- ASSIS, Gláucia de Oliveira. *De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares dos novos migrantes brasileiros*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2011.
- ASSIS, Gláucia de Oliveira; SIQUEIRA, Sueli. Mulheres emigrantes e a configuração de redes sociais: construindo conexões entre o Brasil e os Estados Unidos. *REMHU – Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, Brasília, ano XVII, n. 32, jan/jun.; p. 25-46, 2009.
- ASSIS, Gláucia de Oliveira; SASAKI, Elisa Massae. *Teorias das migrações internacionais*. XII Encontro Nacional da ABEP, 2000. Disponível em: [http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2000/Todos/migt16\\_2.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2000/Todos/migt16_2.pdf). Acesso em: 10/06/2013.
- ADEPO/UNFPA. *Paraguay: Desafíos demográficos en el siglo XXI*. Asunción, Paraguay, v. 2, 2004. Serie Población y Desarrollo.
- BASTIA, Tanja; BUSSE, Erika. Transnational Migration and Changing Gender Relations in Peruvian and Bolivian Cities. *Diversities*, v. 13, n. 1, 2001. Disponível em: [www.unesco.org/shs/diversities/vol13/issue1/art2](http://www.unesco.org/shs/diversities/vol13/issue1/art2). Acesso em: 10/06/2013.
- BIASIBETT, Marines. Hogar de Tránsito Santa Librada “*um espacio para la mujer migrante*”. *REMHU – Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, Brasília, ano XVII, n. 33, jul./dez.; p. 308-313, 2009.
- BOYD, Monica; GRIECO, Elizabeth. *Women and Migration: Incorporating Gender into International Migration Theory*. University of Toronto, March; p. 1-7, 2003. Disponível em: <http://incedes.org.gt/Master/boydgriecodiez.pdf>. Acesso em: 10/06/2013.
- BONI, Valdete; QUARESMA, Silvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Em tese*, v. 2, n. 1; p. 68-80, jan/jul, 2005. Disponível em: <http://www.emtese.ufsc.br/art5.pdf>. Acesso em: 13/06/2013.
- BOSERUP, Ester. *Woman's Role in Economic Development*. Allen and Unwin: London. 1970.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores – Departamento de Promoção Comercial e Investimentos – MRE/DPR/DIC. *Argentina Comércio Exterior*, 2013. Disponível em: <http://www.brasilglobalnet.gov.br/ARQUIVOS/IndicadoresEconomicos/INDArgentina.pdf>. Acesso em 06/08/2013.

CASSARINO, Jean-Pierre. Teorizando sobre a migração de retorno: uma abordagem conceitual revisada sobre migrantes de retorno. *REMHU – Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, ano XXI, n. 41; p. 21-54, 2013.

CASTLES, Stephen. La política internacional de la migración forzada. *Migración y desarrollo*, v. 1, octubre; p. 74-90, 2003.

\_\_\_\_\_. Entendendo a migração global. Uma perspectiva desde a transformação social. *REMHU – Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, ano XVIII, n. 35; p. 11-43, 2010.

CASTLES, S.; MILLER, M. J. *The age of migration. International population movements in the modern world*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2003.

\_\_\_\_\_. *L'era delle migrazioni. Popoli in movimento nel mondo contemporáneo*. Bologna: Odoja, 2012.

CENSO Nacional de Población y Viviendas, 2002. Disponível em: <http://www.dgeec.gov.py/>. Acesso em 10/04/2013.

CEPAL. Comisión Económica para América Latina y el Caribe. *O salto da autonomia. Das margens ao centro. Informe anual, 2011*. Colección Documentos de proyectos, 2011.

CHIZZOTTI, Antônio. *Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais*. 2. ed, São Paulo: Cortez, 1995.

COSTA, Maria Cristina Castilho. *Sociologia: introdução à ciência da sociedade*. São Paulo: Moderna, 1987.

DORATIOTO, Francisco. *Maldita guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

DONATO, Katherine M.; GABACCIA, Donna; HOLDAWAY, Jennifer; MANALANSAN, Martin IV; PESSAR, Patricia R. A Glass Half Full? Gender in Migration Studies. *International Migration Review*, v. 40, n. 1; p. 3-26, 2006.

FRUTOS, Juan Manuel. *De la Reforma Agrária al Bienestar Rural, Asunción, Paraguay*, 1997.

GALEANO, Luis. Migración interna em Paraguay: câmbios e impactos. *Revista Población y Desarrollo*, n. 13, ano 8. Facultad de Economía de la Universidad Nacional, PNUD: San Lorenzo, Paraguay; p. 33-40, 1997.

GOIRIS, Fabio Anibal Jara. *Autoritarismo e Democracia no Paraguai Contemporáneo*. Curitiba: UFPR, 2000.

- GERMANI, Gino *Sociologia da modernização. Estudos teóricos metodológicos e aplicados para a América Latina*. São Paulo: 1974.
- GONÇALVES, Ortelinda. *Migrações e Desenvolvimento*. CEPES, Fronteira do Caos Editores Ltda. PORTO, 2009.
- HONDAGNEU SOTELO, Pierrette. Gender and Migration: Overview from a 21st. Century Perspective. *Migraciones Internacionales*, v. 6, n. 1; p. 219-233, 2011.
- HOROCHOVSKI, Rodrigo Rossi; MEIRELLES, Giselle. *Problematizando o conceito de empoderamento*. Anais do II Seminário Nacional Movimentos Sociais, Participação e Democracia, UFSC, Florianópolis; p. 485-506, 2007.
- LISBOA, Teresa Kleba. *Heroínas em luta na conquista de suas glórias: um estudo sobre o processo de "empoderamento" das mulheres nas comunidades de periferia de Florianópolis*. Dissertação de Mestrado em Sociologia apresentada no Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Gênero Classe e Etnia: Trajetórias de vida de mulheres migrantes*. Florianópolis/Chapecó: Ed. UFSC e Ed. Argos, 2003.
- LOBO, Andréa. *Tão longe tão perto. Famílias e "movimentos" na Ilha da Boa Vista de Cabo Verde*. Ed. UniCV, 2012. Coleção sociedade, vol.5.
- MARTES, Ana Cristina Braga. *Brasileiros nos EUA: um estudo sobre imigrantes em Massachussets*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- MOROKVASIC, Mirjana. Emigration féminine et femmes immigrées: discussion de quelques tendances dans la recherche. *Pluriel*, n. 36; p. 20-51, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Women in Migration*. *International Migration Review*, v. 18, n. 4, Special issue: Women in Migration (Winter); p. 886-907, 1984.
- MASSEY, Douglas S. Social Structure, Household Strategies, and the Cumulative Causation of Migration. *Population Index* 56, n.1; p. 3-26, 1990.
- MASSEY, Douglas et al. *Worlds in Motion: Understanding International Migration at the End of the Millennium*. New York: Oxford University Press Inc, 2009.
- MASSEY, Douglas S.; ARANGO, Joaquín; GRAEME, Hugo; KOUAOUCCI, Ali; PELLEGRINO, Adela; TAYLOR, J. E. *Worlds in motion understanding international migration at the end of the Millennium*. OXFORD: New York, 1998.
- MINAYO, Cecília de Souza (Org.). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. 25.<sup>a</sup> ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2007.
- MEYERS, Deborah Waller. *Migrant Remittances to Latin America: Reviewing the Literature*. Washington, D.C: Diálogo Interamericano/ Instituto de Política Tomás Rivera, 1998.

- NAWYN, Stephanie J. Gender and Migration: Integrating Feminist Theory into Migration Studies. *Sociology Compass*, v. 4; p. 749-765, 2010.
- NICKSON, R. Andrew. *Colonización brasilera en la Región Oriental del Paraguay. Enclave sojero, merma de soberanía y pobreza*. Asunción: CERI, Centro de Estudios Rurales Interdisciplinarios, 2005.
- NOGUEIRA, Olinto José Oliveira. *Migrações Internas: tentativa de se buscar uma teoria*. Ana. & Conj., Belo Horizonte, v.6, n. 1, p. 38-46, jan./abr. 1991.
- OBREGÓN-VELASCO, Nydia; RIVERA-HEREDIA, María Elena; MARTÍNEZ-RUIZ, Diana Tamara; CERVANTES-PACHECO, Ericka Ivonne. Sucesos estresantes y sus impactos en mujeres y jóvenes de la comunidad de Cuitzeo, Michoacán. El ciclo de la migración México-Eua en sus familias. *REMHU – Revista Interdisciplinaria da Mobilidade Humana*, ano XXII, n. 42, 2014, no prelo.
- OIT, Organização Internacional do Trabalho; DGEEC, Dirección General de Estadística, Encuestas y Censos. *Encuesta Nacional de Actividades de Niños, Niñas y Adolescentes 2011: Magnitud y características del trabajo infantil y adolescente en el Paraguay*. Programa Internacional para la Erradicación del Trabajo Infantil (IPEC). Asunción: OIT, 2013. Disponível em: <http://www.dgeec.gov.py/Publicaciones/Biblioteca/EANA>. Acesso em 13/06/2013.
- PARELLA, Sonia Rubio. *Mujer, inmigrante y trabajadora: la triple discriminación*. Barcelona: Anthropos, 2003.
- PALAU, Tomas. El Marco expulsivo de la migración paraguaya. Migración interna y migración externa. In: HALPERN, Gerardo. *Migrantes; perspectivas (criticas) em torno a los procesos migratorios del Paraguay*. Asunción: Ápe Paraguay Migrantes, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Los campesinos El estado y lãs empresas em las fronteras. Investigaciones Sociales educación comunicaciones*. BASE-IS, Assunción, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Migracion among countries in Mercosul: trends and perspectives*. Barcelona: IUSSP, n. 7-10, mai. 1997.
- PALAU, Tomás; HEIKEL María Victoria. *Los campesinos, el Estado y las Empresas en la frontera agrícola*. Asunción: BASE/PISPAL, 1987.
- PARAGUAY. Dirección General de Estadística, Encuestas y Censos – DGEEC. *Migración interna en Paraguay: Cambios e Impactos*, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Anuario Estadístico del Paraguay 2011*, 2011. Disponível em: <http://www.dgeec.gov.py/Publicaciones/Biblioteca/Anuario2011/Anuario%20Estadistico%202011.pdf> . Acesso em: 10/04/2013.
- \_\_\_\_\_. *Encuesta Permanente por Hogares*, 2010. Disponível em: <http://www.dgeec.gov.py/Publicaciones/Biblioteca/principales%20resultados%20eph%202010/1.INDICE.pdf>. Acesso em: 10/04/2013.

\_\_\_\_\_. *Atlas Central del Paraguay*, 2004. Disponível em: <http://www.dgeec.gov.py/Publicaciones/Biblioteca/Atlas%20Censal%20del%20Paraguay/3%20Atlas%20Asuncion%20censo.pdf>. Acesso em: 10/04/2013.

PEIXOTO João. As Teorias Explicativas das Migrações: Teorias Micro e Macro-Sociológicas. *SOCIUS Working Papers*, n. 11. Universidade Técnica de Lisboa: Lisboa; p. 1-36, 2004.

PESSAR, Patricia. The Role of Gender, Households, and Social Networks in the Migration Process: A Review and Appraisal. In: HIRSCHMAN, Charles; KASINITZ, Philip; DEWIND, Joshua (Eds.). *The Handbook of International Migration: The American Experience*. New York: Russel Sage Foundation, p. 53-70, 1999.

PESSAR, Patricia; MAHLER Sarah, J. Gender Matters: Ethnographers bring Gender from the Periphery toward the Core of Migration Studies. *International Migration Review*, v. 40, n. 1; p. 27-63, 2006.

PIORE, Michael. *Birds of passage: migrant labor and industrial societies*. New York: Cambridge University Press, 1979.

PISCITELLI, Adriana. “Recriando a (categoria) mulher?” In: ALGRANTI, Leila (Org.). *A prática feminista e o conceito de gênero*. Campinas: IFCH-Unicamp, 2002.

PORTES, Alejandro. Economic Sociology and the Sociology of Immigration: a Conceptual Overview. In: PORTES, Alejandro (Ed.) *The Economic Sociology of immigration: Essays on Networks, Ethnicity and Entrepreneurship*. New York: Russel Sage Foundation, 1995.

RICHARDSON, Roberto Jarry. *Pesquisa Social: métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas, 1999.

RICO, Nieves María. *Las mujeres latinoamericanas en la migración internacional*. CEPAL, 2006.

ROLON, José Aparecido. *Política e poder no Paraguai*. In: Cadernos PROLAM/USP, ano 9, v. 2; p. 49-68, 2010.

SANTIN, Terezinha; TOSSIN, Laísa. Projeto migratório feminino: motivações e sofrimentos entre sonhos e realidade. São Paulo, *Imaginário*, LABI/USP, 13(14), p. 417-438, 2007.

SOARES, Weber. A emigração valadarense à luz dos fundamentos teóricos da análise de redes sociais. MARTES, Ana Cristina B.; FLEISCHER, Soraya (Org.) *Fronteiras Cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais*. São Paulo: Paz e Terra, p. 231-261, 2003.

SINGER, Paul. *Economia política da urbanização*. São Paulo: Brasiliense, 1975.

SCOTT, Alison MacEwen. *Divisions and Solidarities: Gender, Class and Employment in Latin America*. Routledge: London and New York, 1994.

STARK, Oded. *The migration of labor*. Cambridge Mass: Basil Blaackwel, 1991.

SZASZ, Ivonne. Migración y relaciones sociales de género: aportes de la perspectiva antropológica. *Estudios Demográficos y Urbanos*, v. 9, n. 1, enero-abril, Centro de Estudios Demográficos y de Desarrollo Urbano, El Colegio de México, México, p.129-150, 1994.

TILLY, Charles. *Social Movements, 1768-2004*. Boulder: Paradigm Publishers, 2004.

TIENDA, M. Y BOOTH, K. Gender, Migration and Social Change. *International Sociology*, 6/1, 1991.

UNIFEM, United Nations Development Fund for Women, 2006.

VELAZQUEZ, Rafael E. La Población del Paraguay en 1682. *Revista Paraguaya de Sociología*, n. 9, mayo-agosto, 1972.

## ANEXO 01 - Perfil das entrevistadas

### 1. Acácia

Saiu de casa com dezenove anos. Vivia na roça (interior) do Departamento de *Concepción*, na casa de seus pais com mais seis irmãos. Trabalhava na roça. A família cultivava milho, feijão, mandioca, algodão e criava animais domésticos. Viveu em diferentes lugares, sempre no Paraguai e, somente no ano de 2003 se “estabilizou” em Asunción. Deixou a casa paterna/materna com 19 anos, acompanhada do marido. Atualmente (2013) tem 41 anos. No meio urbano, trabalhou de empregada doméstica e hoje é gerente de cozinha e limpeza.

A principal motivação que a levou a migrar foi a busca de trabalho e bem-estar, pois logo que se casou não tinha “liberdade” por estar morando na mesma casa da sogra e também não tinha acesso a recursos econômicos. Também queria estudar.

Quem a ajudou a sair de casa foi uma de suas irmãs que migrou com 16 anos porque não queria se casar. O tio, irmão de sua mãe e sacerdote, ajudou a irmã de Liz a conseguir trabalho na casa de uma família. No processo migratório, sua motivação para morar e trabalhar na cidade era para poder estudar e saber algo mais para ensinar ao povo que não tem possibilidades de sair em busca de seus direitos. Atualmente (2013) são três irmãs que estão em Asunción, todas trabalhando e se sustentando de forma independente.

De agricultora, passou a vender produtos e ter algo mais, depois no serviço doméstico passou a ter renda semanal e, posteriormente, mensal pelo seu trabalho; agora como chefe e instrutora de cozinha e limpeza recebe mensalmente e tem seus direitos trabalhistas garantidos. Morou em *Concepción* um tempo. Em Asunción teve oportunidade de estudar, onde terminou o ensino médio e está fazendo curso de saúde pública

*Ali em Concepción, trabalhei em diversos lugares e aprendi bastante, mas foi aqui em Asunción que tive melhores oportunidades (...). Quando cheguei a Asunción (2003), vim direto para o Hogar de Tránsito Santa Librada e comecei minha vida a partir daqui. Cheguei eu e meu marido. Mas meu marido foi encontrar um lugar para ficar, e não conseguiu trabalho logo. Demorou bastante. Eu já fui trabalhar no mesmo dia que cheguei. Moramos de aluguel, agora temos casa própria.*

Maiores dificuldades enfrentadas no processo migratório foram: a língua, pois falava somente o guarani e precisou aprender espanhol e entender português; o trabalho em ambiente urbano e a falta de estudos. Neste momento, sua maior dificuldade é dialogar com o marido sobre questões sociais e convencê-lo a voltar para o interior (o marido não estudou e trabalha de auxiliar em construção civil). Liz também se referiu à questão de ter filhos, disse que não pode ser mãe biológica, mas que aprendeu a ser mãe de muitas meninas no *Hogar de Tránsito Santa Librada*. “Eu não posso gerar filhos, porém todos os dias pratico a virtude de ser mãe junto com as moças (*chicas*) que vem para Asunción e passam por aqui (*Hogar*)”.

Seu sonho é terminar o curso em saúde pública e “voltar”. Voltar aqui significa retornar ao local de origem (Departamento) para trabalhar com a população necessitada e sem amparo (governo), especialmente, na saúde.

## 2. Camélia

Saiu de casa com 16 anos, agora tem 22. Está em Asunción há quatro anos. Antes de chegar à capital foi para *Ciudad del Este*. Fez duas tentativas de migração para o exterior, uma rumo à Europa através de um “agente” que prometeu levá-la, juntamente com outras “meninas” para trabalhar em um restaurante e receber “muito mais” do que ela recebia no trabalho em casa de família, onde se encontrava. A segunda tentativa foi para a Espanha, através de uma pessoa que se apresentou a ela como seu tio, inclusive com documento com o mesmo sobrenome. Ela acreditou e foi, pois queria “sair desta vida”. As duas tentativas foram frustradas, o que lhe restou destas experiências, segundo ela, não foi o dinheiro, nem o alcance da meta, mas somente o aprendizado.

*Uma vez saímos em grupo de cinco mulheres da minha idade (17 anos) com um senhor que fez nossos documentos e nos levaria até um país da Europa, acho que era Espanha. Chegamos à Suíça e ficamos ali no aeroporto por cinco dias. Não sabíamos se era dia ou noite. O senhor que nos acompanhava sumiu e ficamos ali até que nos trouxeram de volta, eu só queria chegar em casa (com lágrimas nos olhos). Depois de um tempo, acho que dois anos meu irmão já estava na Espanha e me disse que tínhamos um tio, eu não sabia que ele era tio, eu não o conhecia antes. Mas meu irmão confirmou que era meu tio e que eu podia ir tranquila com ele e ia chegar na Espanha sem problema. Meu irmão pagou a passagem para mim e estava tudo certo então eu fui. Era perto da festa de natal. Desta vez fui sozinha*

*sem amigas. Mas quando cheguei lá, não me deixaram sair do aeroporto, nem falar com meu irmão, nem com meu tio. Eles estavam lá me esperando, no aeroporto, lá fora, mas eu não os vi. Me colocaram no avião de volta e eu cheguei por Foz do Iguaçu, mas um carro do consulado paraguaio no Brasil me pegou no aeroporto de Foz e me trouxe até na casa dos meus pais (risos nervosos). Nunca mais tive vontade de sair do meu país, agora só quero criar minha filha, trazer comigo e criar este bebê (pôs a mão na barriga) com meu marido.*

A principal motivação de sua migração foi “fugir da violência”. Estava casada, tinha uma filha, era “desrespeitada” (ele saía de casa, ficava tempo fora, a deixava sem avisar e sem alimentação) quando chegava em casa a maltratava. Morava perto da casa de seus pais. Saiu para não ser mais traída, espancada, além de passar necessidades. Saiu para buscar recursos econômicos para ela e sua filha.

De dona de casa passou a ser empregada doméstica e cuidadora de crianças (*niñera*). Em Asunción, trabalhou em uma pizzaria. Há pouco tempo voltou a trabalhar na casa de uma senhora, que a conhecia há mais tempo. Recebe bem, segundo ela, pelo seu trabalho. Envia parte do que recebe para ajudar no cuidado e na criação da filha. Administra seus próprios bens e agora está “juntando” os recursos (ela e seu companheiro) para conseguir se estabilizar melhor. Tem curso fundamental completo.

Maiores dificuldades enfrentadas, foram muitas, segundo ela, entre as quais: precisar deixar a filha com a mãe dela (a filha ainda está com a avó), enfrentar o desconhecido, medo, estar sozinha sem conhecer ninguém na cidade grande (se referindo a Asunción).

Seu sonho é consolidar seu segundo casamento, pois está com companheiro e está grávida. Conseguir casa própria, trazer a filha, que está com a avó para morar com ela, “quero construir minha família e dar estudo e bem-estar para os meus filhos”. Também deseja voltar a estudar, pois com os cursinhos que está fazendo no *Hogar de Tránsito Santa Librada*, a despertou para a necessidade de voltar a “estudar no colégio”.

### **3. Azalía**

Saiu de casa com 21 anos, agora tem 28. Veio diretamente para Asunción. Saiu da casa paterna/materna logo após seu casamento e logo engravidou. Antes de

um ano em Asunción nasceu o filho. Voltou, com o recém-nascido para a casa paterna/materna no interior. Depois da quarentena, deixou o filho com a mãe (avó do menino) e voltou para Asunción. Agora tem dois filhos, no ano passado (2012), trouxe os dois para morar com ela e com o marido. Ela tem dez irmãos. Todos saíram de casa e estão “espalhados” pela Área Metropolitana de Asunción trabalhando e vivendo. “Cada um tem a sua história”, disse ela.

A principal motivação que a levou sair de casa e vir para Asunción foi “buscar a liberdade no casamento” e também para trabalhar. Segundo ela, viveu 21 anos em casa sob o comando de sua mãe. Desde os nove anos tinha que fazer tudo o que sua mãe lhe mandava, mesmo quando já era “mocinha”, tinha quatorze anos e tinha vergonha de sair na rua como vendedora. Então, quando se casou, quis logo vir para a cidade.

Desde muito pequena trabalhava. Ela com sua irmã cuidavam de um barzinho *copetim*<sup>26</sup>. Cuidava também de criança e depois passou a ser vendedora de ervas, chás, hortaliças e frutas na rua. Quem administrava todo o dinheiro e as coisas da casa era sua mãe. Ela também sabia o que precisava para cada um dos dez filhos. Hoje, Delia cuida do que recebe, mas tem dificuldade de saber o que é prioritário. “Às vezes gasto tudo o que recebo e depois me falta para as coisas que preciso”. Agora já aprendeu bastante, desde que começou a frequentar o *Hogar de Tránsito Santa Librada* (2010), aprendeu a cozinhar, lavar, passar e administrar o que recebe. E, também a importância de colocar os meninos na escola. Ela estudou até o ensino fundamental. Em Asunción, trabalhou de empregada doméstica, faxineira e agora está trabalhando em serviços gerais em uma empresa.

Suas principais dificuldades foram: o idioma, pois sua língua predominante é guarani; ficar longe dos filhos para poder trabalhar; se sentir explorada no trabalho e não saber se defender por falta de estudo e ter vergonha de falar no ambiente de trabalho.

Seu sonho é ter casa própria. Colocar e acompanhar os dois filhos na escola. Arrumar um trabalho melhor.

---

<sup>26</sup> É muito comum ver, no interior, nos lugarejos onde se situam poucas famílias, um *copetin* com mercadorias variadas para servir aqueles moradores ao redor. E as crianças, ficam ali, na porta a espera de alguém que venha comprar, enquanto a mãe fica no fundo do bar, na casa cuidando dos afazeres, quando chega alguém, a criança chama a mãe, se precisar.

#### 4. Tulipa

Saiu de casa com 16 anos, segundo ela, saiu de casa vestida de branco. Com responsabilidade e sabendo que o marido tinha o compromisso de não deixar lhe faltar nada. Mas não foi isso que aconteceu. O casamento foi uma “tortura”, um aborrecimento. Se sentia como se tivesse sido alugada para alguém. Deixou sua casa própria no interior e foi para a cidade. Deixou um filho com a mãe. Abandonou o marido e como ela mesma expressou “peguei o meu destino rumo a *Ciudad del Este*”. Depois de dois anos de trabalho como cuidadora de uma criança e de uma casa (a casa era de uma mãe solteira que ali vivia e tinha uma filha, essa senhora era comerciante e precisava de alguém que cuidasse da casa e da filha), foi para Asunción. Saiu de casa grávida. Teve o filho em *Ciudad del Este*, e, quando este tinha seis meses de vida, ela, com o bebê foram para Asunción.

Sua principal motivação de migração foi a busca de liberdade, sair das garras do marido e buscar formas de vida e trabalho para sustentar seus filhos.

Saiu de casa em direção a *Ciudad del Este*,

*Amanheci, às duas da manhãzinha, deixei meu filho de seis meses com minha mãe, tomei o Micro (ônibus interestadual) e me fui para Ciudad del Este. Amanheci no Km 6, na casa de uma conhecida minha. Ela trabalhava em Foz do Iguaçu e me arrumou trabalho. Ela ia todos os dias para Foz e voltava de noite. Eu duas vezes na semana ajudar na limpeza da loja que minha amiga trabalhava, os outros dias eu cuidava da casa dela onde eu também morava. Ali trabalhei nove meses e depois quando meu filho, do mesmo pai, tinha seis meses (segundo filho), agarrei meu destino para Asunción e aqui estou.*

Em Asunción, começou cuidando de crianças, pois podia ter o filho junto. Depois foi trabalhar em um bar (com patrão árabe), ali não podia ter a criança junto. Então levou o filho na casa de uma das irmãs dela. Assim o menino foi criado pela tia. Neste bar, conheceu uma pessoa e se casou pela segunda vez. Era bem paga. Conseguia pagar aluguel perto do trabalho. Enviava dinheiro para a mãe e a irmã cuidarem dos filhos. No segundo casamento teve uma filha. Precisou deixar o trabalho no bar e também deixou o marido. Segundo ela, o pai da filha não contribuía com nada nem na casa, nem para criar a menina, filha dele. Voltou a trabalhar de empregada doméstica, onde esta até hoje (data da entrevista). Melhorou muito no trabalho e também o salário depois que fez cursinhos no *Hogar Santa Librada*. Fez

curso de computação, de cabeleireira e de formação humana. Tem ensino fundamental incompleto.

*Eu vivi o segundo casamento por um tempo (dois anos). No entanto, o rapaz (muchacho) não me ajudava em nada, não contribuía comigo e nem com o cuidado da nossa filha. Ele era conhecido da minha família, era do interior, parecia bom. Mas não respondeu como devia, como marido, então nos separamos, outra vez fiquei sozinha, com a filha. Para trabalhar, levei a filha na casa da minha irmã que já estava com meu filho. Assim estou longe dos três. Eu trabalho e envio recursos (dinheiro, roupas, brinquedos, sapatos, e outras coisas) para os três.*

Relatou as inúmeras dificuldades, entre elas, sentir-se abandonada; estar fora de seu espaço de vida (local de origem); trabalhar sem descanso; aguentar longe dos filhos; não ter lugar (creche) para deixar a filha enquanto ia trabalhar; ter baixa escolaridade.

Sonha com casa própria, em reunir os filhos (são três, dois meninos e uma menina), ter um emprego e um salário melhor. Porém ressaltou que vive feliz, se sente respeitada, é capaz de dialogar com a patroa e ter sua folga semanal.

## **5. Dália**

Nasceu na roça (interior), entre 10 irmãos, sendo seis mulheres e quatro homens. Saiu de casa a primeira vez para estudar, quando tinha nove anos. Morou com uma família (como criada, pois devia obedecer, trabalhar e calar), até os 15 anos. Nessa família, trabalhava, cuidava de crianças e estudava. Com 15 anos, sua mãe veio buscá-la para fazer a primeira comunhão e crisma e voltou para a roça. Com 17 anos saiu de casa e foi para Asunción. Saiu sozinha, sem conhecer ninguém, indo direto para o *Hogar de Tránsito Santa Librada*, logo conseguiu trabalho. Fez cursos de cabeleireira e manicure. Conseguiu um trabalho onde podia trabalhar e estudar. Hoje tem negócio próprio e emprega três moças vindas do interior. Viveu um tempo, cerca de 2 anos, com um companheiro, se separou, hoje vive sozinha.

Sua principal motivação de migrar foi para não casar logo. Pois no interior, segundo ela, quando se faz crisma aos 16 anos já deve se casar. Ela queria estudar e buscar outras coisas na vida antes de se casar. Estudar era a segunda motivação forte

que a levou a sair de casa. Saiu sem permissão da mãe, pois era menor de idade e estava desacompanhada (sem marido). Mas sua busca deu certo.

Iniciou trabalhando de babá (*niñera*), depois conseguiu um trabalho de ajudante em um instituto de beleza; trabalhava de dia e estudava a noite. Ganhava o suficiente para se manter no estudo, aluguel e necessidades básicas. Pouco tempo depois, foi contratada por uma empresa internacional para venda de produtos de beleza. Neste trabalho, passou a receber melhor e ter seus direitos trabalhistas garantidos. Hoje tem negócio próprio, emprega outras três moças (cabeleireiras e manicure). Adquiriu um carro. Concluiu o ensino superior. Comprou um terreno e está construindo casa própria. “Tenho esperança que em menos de um ano, já consigo sair do aluguel e ir viver na minha própria casa.”

*Com o tempo, a senhora que me havia contratado no instituto de beleza, viu que eu progredia e me passou para trabalhar com sua estilista como ajudante. Comecei a trabalhar em um salão de beleza (peluquería) e fazia curso de capacitação com isso fui conhecendo mais gente. Tive a oportunidade de trabalhar em outro salão de beleza na capital (Asunción) e recebi uma proposta para trabalhar em um laboratório da L`Oreal. Aceitei a proposta e comecei como assistente técnica. No começo tive muito medo, pois não sabia que tinha que ter mais capacitação. Porém a pessoa que me contratou me disse que me daria formação e preparação com estudantes acadêmicos para eu fazer meu trabalho. Então eu aproveitei esta oportunidade. Eles (se referindo aos patrões) viram que eu era uma pessoa de confiança e que eles podiam deixar os produtos comigo que não desaparecia nenhum e por isso também me ajudaram a retomar meus estudos. Fiz seis meses de treinamento e depois me lancei no trabalho de vendas em todo meu país (Paraguai). Comecei a faculdade, sempre tinha notas altas. Ali fui ousada, corajosa (atrevida) comprei um carro. Isto porque eu tinha os produtos da L`Oreal e tinha que manter minha aparência, com maquiagem, com sapatos altos, com roupas boas e estava difícil manter esse padrão andando de ônibus (o serviço de transporte no Paraguai, ainda hoje é muito precário). Eu fiz minha carteira de motorista na hora de almoço para aprender dirigir e ao mesmo tempo para não faltar ao trabalho. Passei um ano sem estudar para pagar o carro, depois comecei a faculdade. Hoje estou formada. Tenho um carro melhor. Sou dona de meu salão de beleza. Falta-me ainda construir minha casa.*

As principais dificuldades relatadas por Dália foram: trabalhar muito e estudar, “minha vida era das 5h da manhã à uma da manhã, eu dormia muito pouco”; não ter dinheiro suficiente para comprar os materiais de estudo e algumas necessidades pessoais; a solidão e a saudade de casa, da família; o estresse e a depressão; a frustração de não ter engravidado no tempo que ficou casada.

Dália sonha em conseguir construir a casa dentro de um ano (2013-2014); deseja ter um filho, mas “não se casar”, pelo menos no seu horizonte; talvez sim se casar, encontrar um companheiro que seja “companheiro de verdade” (que trabalhe, que não queira controlá-la, que a acompanhe na vida social, que seja religioso). Investe o que ganha para si própria e envia parte para seus pais.

*Eu sempre vivi e vivo até hoje (2013) em aluguel, mas espero em um ano estar na minha própria casa. Tenho esta (apontou com a mão em direção a uma moça) que trouxe do interior para trabalhar comigo. Quero também que ela estude e ela também já está estudando (ingressou na faculdade de marketing há seis meses) e tenho mais uma pessoa que trabalha comigo, mas agora está em casa materna com licença maternidade (a mãe mora no interior). Por que eu não quero que as pessoas que trabalham comigo passem necessidade ou que sejam exploradas, eu pago e dou seus direitos trabalhistas. Assim, somos em três neste salão de beleza (peluquería). E também eu mando um pouco de ajuda para meus pais, todos os meses. Quero muito ter um filho, depois que estiver na minha casa, mas tenho dúvidas se quero um marido, acho que não. Já tive um e não deu certo por que era ciumento e queria me controlar (...).*

## **6. Begônia**

Saiu da casa de seus pais com 09 anos. Saiu sozinha porque a mãe morreu. Foi morar com uma tia. Morou 2 anos com uma tia, depois foi morar com um tio por que onde morava (interior) não tinha acesso à escola. Passou a viver no povoado que lhe dava acesso à escola, assim concluiu o ensino médio. Ela, e mais duas irmãs mais novas do que ela, que o tio, irmão da mãe “adotou”.

*Com meus tios e minhas duas irmãzinhas, mais novas do que eu, que já estavam com meus tios desde que minha mãe morreu, vivemos uma vida integrada na família, com valores, com espiritualidade e cuidadas porque éramos meninas órfãs de mãe e abandonadas pelo pai. Depois, quando eu já tinha quinze anos e queria continuar estudando. Disse para meus tios que eu queria estudar e que os irmãos Maristas podiam me apoiar na cidade grande (Asunción). Então meu tio falou com um irmão na escola onde eu era aluna e esse irmão junto com meu tio me ajudaram a ir de Horqueta, onde eu morava, para Asunción e aqui estou, cheguei aqui com 15 anos hoje (2013) tenho quase 26.*

Sua principal motivação era estudar e ganhar a vida trabalhando. Estes foram os principais motivos que a encorajaram a ir para Asunción.

Iniciou sua vida de trabalho cuidando de criança (*niñera*), passou a empregada doméstica, depois conseguiu, através do *Hogar de Tránsito Santa Librada*, um trabalho em um escritório, onde está até hoje. Esse trabalho lhe permite estudar, pois recebe o suficiente para pagar aluguel de um apartamento, o sustento para si e o investimento para o estudo. A pastoral da Mobilidade Humana, através de seu chefe, conseguiu bolsa de estudo para ela. Assim, está fazendo curso de Direito.

Ao relatar suas dificuldades, salientou que ser órfã, por mais que tivesse o cuidado e a atenção de seus tios, sempre ficou um vazio. Emocionada (com lágrima nos olhos) disse que gostaria muito de entender porque seu pai a abandonou e até hoje não “faz caso dela e de suas irmãs”. Foi muito difícil se virar na vida sem mãe. Teve dificuldade de viver na cidade sem conhecer nada. Outra dificuldade foi fazer as refeições fora da mesa da família onde trabalhava.

Na lista de dificuldades elencou a econômica para se manter e também porque suas irmãs, ao terminar o ensino médio no povoado (*Horqueta*) onde viviam, vieram para Asunción, se alojaram na casa das irmãs religiosas (um pensionato da congregação das irmãs Maria Imaculada) “elas não tinham onde ir, então eu me comprometi em pagar o pensionato para elas estarem seguras na cidade.” Vieram em 04 irmãs, logo começaram a trabalhar e estudar. Uma delas passou a trabalhar na própria casa com as irmãs. Uma engravidou pouco tempo depois que ali estava e agora está com o marido. As outras duas, estão em Asunción, trabalhando e estudando, hoje se viram na vida. Assim foi muito difícil, mas venceram os obstáculos, segundo a entrevistada. Outra grande dificuldade foi o sofrimento por ter sido “traída” pelo namorado que estava já com projeto de casamento.

*Na vida eu tive dois namorados. Com o primeiro fizemos um plano de casamento, já tínhamos data de casamento marcada, mas eu digo a senhora, foi o destino, foi o anjo da guarda que me salvou, mesmo que sofri muito. Não fiz uma relação boa, porém mesmo assim eu pensava, como todas as moças na minha idade (18 anos) que eu devia casar-me. Mas meus amigos me diziam, você é tão boa gente, que trabalha e que merece um marido que te queira realmente. Um dos meus amigos me disse: tu debes ir de surpresa um dia na casa de seu noivo (risos nervosos), pelo menos uma vez antes de te casar. Então eu rezei muito, pedi forças à Nossa Senhora de Caacupé (padroeira do Paraguai) e fui num sábado de manhã. Cheguei e encontrei meu noivo com uma mulher, assim literalmente. Ele não sabia o que dizer, a mulher saiu do quarto e foi embora pelos fundos da casa, eu fiquei paralisada, trêmula, gelada. Mas disse tudo o que devia dizer e foi a última vez. Na verdade digo para a senhora (levantou do lugar onde estava e sentou ao meu lado no sofá) foi um grande sofrimento e uma grande dificuldade para superar tudo. Mas*

*a oração me ajudou muito e as irmãs também (referia-se às irmãs scalabrinianas do Hogar de Tránsito Santa Librada). Agora, estou namorando e pretendo me casar, depois que eu terminar meu curso.*

Seu sonho é concluir o curso de direito (2013), está namorando e pretende se casar. Sonha em ter filhos, em viajar. Sonha em poder trabalhar na área de direito, ao concluir seu curso. “Quero conseguir recursos financeiros suficientes e construir uma família com valores e dignidade como aprendi na casa dos meus tios.” Quer também ajudar seu pai, pois sabe que ele precisa de ajuda e que está doente.

## **7. Rosa**

Saiu de casa com 16 anos. Morava com seus pais e seis irmãos em *Capietá*, Departamento de *San Pietro*. Seus irmãos são todos casados. Na idade de assumir a vida, segundo ela, onde morava não via futuro, não tinha possibilidades de estudo e não pretendia se casar logo. Saiu de casa sozinha, já tinha vindo a Asunción, mas não para morar, conhecia a cidade de passagem.

Sua principal motivação da migração foi estudar. Também queria trabalhar e ajudar financeiramente seus pais. Chegou a Asunción por indicação de uma pessoa conhecida que lhe ajudou a conseguir logo trabalho e moradia.

Seu primeiro trabalho foi de babá (*niñera*), trabalhava em período integral. Somente começou a estudar no segundo ano que estava na cidade. Mudou de trabalho, passou a ser empregada doméstica. Trabalhava de dia e estudava a noite. Trabalhava e morava na mesma casa. Depois de um ano, conseguiu outro trabalho em outra casa, por meio período. Trabalhava de manhã numa casa, a tarde fazia estágio e a noite ia para faculdade. Passou a morar em um apartamento com outras três estudantes. No segundo ano de faculdade, passou a trabalhar como secretária de uma instituição. Melhorou o salário, passou a ter seus direitos trabalhistas garantidos e há menos de seis meses está morando em um apartamento, sozinha, pois agora tem condições de pagar aluguel sozinha. Concluiu a faculdade de Comunicação Social em 2012. Atualmente trabalha em uma instituição internacional não governamental, que se chama “Centro de Formação e Recursos para Desenvolvimento. Esta instituição trabalha com projetos locais (nacional) e internacional. Rosa trabalha, especificamente, com o projeto de juventude e se dedica ao acompanhamento e à

capacitação para o desenvolvimento de pequenos negócios. Recebe um bom salário, segundo ela, o suficiente para investir em seu futuro (está construindo uma casa no terreno dos seus pais em Capietá, povoado que fica no Departamento de San Pietro). Além de se sustentar em Asunción e de fazer alguma viagem e participar de algum espaço de lazer.

*Assim foi, fui avançando ao poucos. Depois que consegui um trabalho como secretária já melhorou muito. Depois consegui algo melhor, graças ao curso de capacitação que fiz e à experiência de trabalho como secretária. Assim foi. Chequei aqui neste lugar (instituição onde trabalha) para desenvolver projeto de capacitação de jovens. Gosto muito deste trabalho, ensino com prazer e alegria. Já fui dar curso para mais de 30 meninas jovens no Hogar de Tránsito Santa Librada. Assim foi, por quatro meses estive lá todos os sábados ensinando e isso me é gratificante. Posso trabalhar assim (voluntária), me sustento e também ajudo meus pais. Além de eu estar investindo na construção de uma casa lá onde moram meus pais porque eu quero voltar lá daqui um tempo.*

Neste percurso, relata também a importância de ter conhecido o *Hogar de Tránsito Santa Librada*,

*Eu não precisei ser hospedada no Hogar de Tránsito Santa Librada, mas frequentei a casa, aprendi muitas coisas de formação humana e também pude contribuir ministrando cursinho para as meninas de empreendedorismo e capacitação para trabalhar no comércio. Foi uma experiência muito boa. Até hoje tenho vontade de ajudar ainda, agora não posso, mas quando eu puder volto lá.*

Foram muitas as dificuldades pelas quais passou. Em destaque, o trabalho sem descanso, sem horários. Depois estar longe da família, foi difícil adaptar-se em lugar estranho. Nunca ter morado em cidade grande.

*Não é fácil para nós mulheres jovens, que saímos de casa para buscar trabalho e estudar e não contamos mais com nossos pais. Eu me lembro que chegava às cinco horas da tarde e a senhora (dona da casa) não chegava e eu tinha que deixar a criança e correr para a colégio e, às vezes, a senhora não chegava às cinco horas e eu chegava atrasada na escola, porém sempre pensava e tinha fé que um dia eu ia conseguir alcançar minha meta.*

Outra dificuldade relatada foi a de morar com outras estudantes, não tinha privacidade. Além disso, os poucos recursos que recebia. Às vezes passava necessidades. Ainda não podia ir visitar seus pais todos os meses por que não tinha dinheiro suficiente. “Vivia com muita saudade de casa, de minha família, mas aguentei firme”.

Tem sonhos grandes, segundo ela, quer terminar de construir sua casa, perto de seus pais e mais tarde voltar a morar no lugar que nasceu. Deseja ter um filho, porém, não precisamente casar-se, “porém quero ter um filho”.

*Tenho agora um namorado, mas penso que não desejo ter alguém no meu lado que me impeça de organizar meu tempo, minhas atividades, meu trabalho, meu programa, não quero alguém que me dite as regras, por isso será difícil casar-me. Pode ser que esse namorado de agora atenda minhas expectativas, porque ele tem a mesma profissão que eu tenho. E, pode ser que ele trabalhe bem e me entenda o suficiente para uma relação livre e ajustada, mas ainda não sei, o que sei é que mais tarde quero ter um filho.*

Tem um sonho em relação ao povo indígena, além de poder viajar de forma autônoma. Neste ano (2013) ela completa 26 anos.

*Os indígenas, eles são abandonados pelo governo e eu que sou dessa descendência, desejo ajudar meu povo a recuperar suas vidas, seus espaços políticos e sociais e sua vida econômica adequada para viver bem, isso sempre digo aqui no meu trabalho, precisamos ajudar o povo indígena. Também gosto muito de viajar. Já viajo por conta da instituição que trabalho, mas sonho em viajar por prazer e com meus próprios recursos.*

## **8. Margarida**

Saiu da casa paterna/materna com 16 anos. Saiu junto com um rapaz, já estava grávida. Foi morar em San Pietro, na cidade (antes morava no interior com seus pais). Com 18 anos se separou, deixou o filho com a mãe e foi para Asunción. Migrou para se distanciar do ex-marido, para trabalhar e buscar uma vida nova.

*Eu vim para Asunción em procura de uma vida melhor, sabes. Deixei meu filho de dois anos aos cuidados de minha mãe e meu pai. Depois eles (pai e mãe) se separaram. Então meu filho ficou com minha mãe, sabes. Mas eu vim para a cidade em busca de trabalho e de outra vida por que lá (San Pietro) já não era mais possível ter paz e alegria, sabes.*

No entanto, sua primeira migração não foi diretamente para Asunción. Primeiro, Margarida foi para *Ciudad del Este*, assim ela relata,

*Sabes que primeiro eu fugi de casa com meu filho e fui parar na casa de uma amiga minha em Ciudad del Este (...). Lá, fiquei uns meses, depois falei com minha mãe e deixei meu filho com ela e vim para Asunción junto com minha prima que já morava aqui (Asunción) e disse que já tinha trabalho para mim. Sabes, cheguei e logo fui trabalhar e morar na casa de uma família. Sabes, eu trabalhava muito e ganhava pouco (350 mil guaranis por mês) mas mandava*

*tudo para minha mãe cuidar de meu filho, por que o pai dele nunca foi nem visitá-lo.*

Sua prima chamou-a para conversar e lhe fez nova proposta de trabalho, informando que havia outra família que precisava de uma boa trabalhadora e que iria ganhar muito mais. Margarida, que não conhecia a cidade e ninguém além de sua prima, acreditou nessa possibilidade e o que ocorreu, segundo seu relato foi o seguinte:

*Minha prima me levou e me apresentou para uma amiga dela que trabalhava de empregada doméstica e queria uma que lhe ajudasse porque a casa era muito grande. Eu disse que já tinha um trabalho, mas minha prima me disse que eu iria ganhar cento e cinquenta mil guaranis por semana. Para mim era muito dinheiro e eu precisava (...). Peguei minhas poucas coisas numa sacola e fui (...). Chegamos, a casa era pequena, tinha luzes estranhas, tinha uma mulher loira nos esperando com picadillos (tira-gosto) e bebida (...), eu nada falei somente olhei, a mulher que estava branca como um papel (...). A pessoa que me acompanhou me disse que eu iniciaria o trabalho na manhã seguinte e me mostrou um quarto para dormir. Me disse ainda que eu ali nesta casa ia me despertar para a vida (...), logo chegou a loira e me disse que eu devia ser amável com os clientes e que no dia seguinte iam me levar para comprar as roupas (...). Chegou um rapaz e me disse, este é um bordel. Passei a noite pensando o que fazer, pois entendi que estava em um bordel. De manhã, bem cedo, elas se foram para o médico e eu fiquei preparando o café, quando o rapaz sentou na mesa para tomar café, eu pequei uma vassoura e disse que iria começar a varrer a casa, mas vi uma porta aberta no fundo, sabes, foi a Virgem de Caacupé que abriu aquela porta, e eu fugi (...) (emocionada, fez o sinal da cruz, segurou as lágrimas e continuou). Sai correndo, sem rumo, corri muito, com velocidade, não tinha dinheiro e nem conhecia ninguém (...). Um senhor me parou e me disse: filha eu posso te ajudar, o que precisas? Sabes, eu estava desesperada, então com muito medo, disse que eu era uma pessoa honesta e só precisava um telefone para falar para minha mãe me enviar uma passagem. Sabes, aquele senhor me disse, vem comigo, vamos falar com minha esposa, não precisa ter medo, não vou te fazer mal. Eu e minha esposa vamos te ajudar (irrompeu-se um choro por alguns minutos, depois continuou). Sabes, fui ajudada (...) contei toda a verdade para o casal, falei com minha mãe ao telefone e, como não quis voltar para casa, consegui logo um trabalho e permaneci na cidade (...).*

Por indicação daquele casal, foi trabalhar de empregada doméstica, recendo um valor de quinhentos mil guaranis por mês. Três meses depois, conseguiu um trabalho em uma pizzaria e passou a ganhar um valor de seis mil, duzentos e cinquenta guaranis<sup>27</sup>. Conseguiu alugar uma quitinete, perto do trabalho. Conheceu

---

<sup>27</sup> Este valor correspondia a meio salário mínimo no Paraguai.

um jovem, que também trabalha nessa pizzaria. Atualmente (2013) alugaram uma casa, estão morando juntos, ela trouxe o filho para morar com ela, está grávida e acredita ter acertado a escolha de trabalho e de marido.

*Sabes, eu rezo sempre, todas as noites, peço para a Virgem cuidar do meu filho, do meu trabalho e agora também do meu novo casamento. Sempre confiei em Deus e na Virgem. Estamos juntos, eu, meu marido, meu filho e estou esperando este bebê (mostrou a barriga), estamos todos muito felizes. Estamos tentando comprar uma casa, vamos conseguir em um bairro daqui de Asunción, vamos precisar mudar de trabalho porque vai ficar longe, mas não vamos mais pagar aluguel.*

Quanto às dificuldades, foram muitas encontradas e superadas no processo migratório e outras que ainda estão para serem superadas. Entre elas e que causou maior sofrimento foi o aliciamento para prostituição, através de sua prima. A saudade do filho, o desconhecimento da cidade, a falta de capacitação para trabalhar no espaço urbano, a solidão, a falta de dinheiro para ir visitar com mais frequência sua família. Entretanto, salienta que sua experiência migratória a levou a amadurecer e a colocou no caminho de sua busca de vida melhor.

*Eu, hoje me sinto bem, me sinto madura, me sinto vitoriosa por ter um marido bom. Temos nossas diferenças, mas vamos dialogando, ele me ajuda muito, na casa, no cuidado com o filho, também para pensar as coisas de comprar de ter em casa, ele gosta do meu filho, disse que ele quer ser pai também dele (meu filho primeiro), assim que estamos felizes, sabes.*

Sonha em ter sua casa própria, antes de o bebê nascer. Quer construir uma família de verdade. Espera conseguir um trabalho perto da casa onde vai morar, assim ela trabalhará lá e seu marido pode continuar aqui na pizzaria. Por fim, “Só de não ser maltratada pelo marido já é um grande sonho”.

## ANEXO 2 - Termo de consentimento livre e esclarecido

Prezada participante,

Você está sendo convidada para participar da pesquisa **Mulheres Migrantes em Assunção/Py: caminhos e descaminhos nos trajetos de empoderamento**. Esta pesquisa está sendo desenvolvida por Terezinha Santin, aluna, discente de Mestrado, em Ciências Sociais do Centro de Pesquisa e Pós Graduação de Estudos Comparados das Américas - CEPPAC/UnB, sob orientação da Professora Doutora Lilia Tavolaro.

O objetivo central é verificar em que medida a experiência migratória proporciona autonomia às mulheres que deixam seus lugares de origem e se dirigem à capital do país tendo como projeto de vida a inserção no mercado de trabalho na cidade.

O convite a sua participação se deve ao perfil que o estudo traçou da pessoa a ser entrevistada. Sua participação é voluntária, isto é, ela não é obrigatória e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como retirar sua participação a qualquer momento. Você não será penalizada de nenhuma maneira caso decida não consentir sua participação, ou desistir da mesma. Contudo, ela é muito importante para a execução da pesquisa.

Serão garantidas a confidencialidade e a privacidade das informações por você prestadas, seu nome não será divulgado a ninguém.

A sua participação consistirá em responder perguntas de um roteiro de entrevista à pesquisadora do projeto. A entrevista somente será gravada se houver autorização da entrevistada. O tempo de duração da entrevista é de aproximadamente uma hora.

As entrevistas serão transcritas e armazenadas, em arquivos digitais, mas somente terão acesso às mesmas a pesquisadora e sua orientadora.

Declaro que entendi os objetivos e condições de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Assunção, de de 2013.

## **ANEXO 3 - Roteiro para entrevistas em profundidade**

### **I. Projeto migratório** (história/fatos da vida antes da migração)

- ✓ Descrição de como era o lugar onde morava antes ( rural, casa, terra, animais, plantas, vizinhos, escolas, igrejas, comércio).
- ✓ Como era a vida no lugar de origem ( trabalho, espaço individual, crença, cultura, família, tempo, economia).
- ✓ Saiu sozinha de casa ou alguém acompanhou?
- ✓ Deixou filhos, esposo ou pessoa dependente no lugar de origem?
- ✓ Motivos pelos quais decidiu migrar (o que fez com que você decidisse sair de casa, dificuldades, problemas, situações diversas).

### **II. Inserção no mercado de trabalho** (história de vida durante a migração)

- ✓ Descrição desde a saída do lugar de origem até o momento atual (a chegada em Asunción meios de transporte, pessoas, instituição, intermediação, redes).
- ✓ Descrição do trabalho (quem indicou, como começou, quanto começou a receber – se o salário foi mudando – se mudou de trabalhos).
- ✓ Regime de trabalho (diarista, mensalista, por produção/venda).
- ✓ O que precisou aprender, adquirir para trabalhar no serviço que está hoje?

### **III. Estratégias de empoderamento**

- ✓ Realização de cursos de aprendizado e de aperfeiçoamento (onde, tipo de curso).
- ✓ Relação com o/a empregador/ra.
- ✓ Descrição da situação conjugal (saiu de casa casada, solteira, casou depois, houve separação, casou com outro, teve filhos).
- ✓ Condições de moradia.
- ✓ Descrição do gerenciamento dos bens (onde aplica, quem se beneficia, quanto investe para si).

- ✓ Descrição da adaptação ou não na cidade, no trabalho.
- ✓ Lugares que frequenta.
- ✓ Acesso aos meios de informação (imprensa, rádio, televisão, cinema, conferências, etc.).

#### **IV. Perspectivas do Futuro**

- ✓ O que mais deseja hoje?
- ✓ Sonhos (o que planeja para o futuro).
- ✓ Estabilidade territorial (quer sair do país, voltar para a origem, ir para outro departamento).
- ✓ Tipo de trabalho que gostaria de fazer.
- ✓ A migração trouxe benefícios (descrição a respeito)?

#### **I. Identificação** (preencher por último, ou a partir dos cadastros do *Hogar de Tránsito*)

Nome \_\_\_\_\_ Idade \_\_\_\_\_

Lugar de nascimento \_\_\_\_\_

Estado civil atual \_\_\_\_\_

Escolaridade \_\_\_\_\_

Local de residência \_\_\_\_\_

Tem algum problema de saúde? \_\_\_\_\_

Idioma que mais falava em casa \_\_\_\_\_

Idioma que fala mais hoje \_\_\_\_\_